

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE POLÍTICAS
PÚBLICAS E SEGURANÇA SOCIAL
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL**

LUCIANA XAVIER DE BRITO BRIANTI

**POLÍTICAS PÚBLICAS DE APOIO AO EMPODERAMENTO DAS
CHARUTEIRAS DO RECÔNCAVO DA BAHIA:
UM OLHAR DE AFIRMAÇÃO**

CRUZ DAS ALMAS - BAHIA

FEVEREIRO - 2013

LUCIANA XAVIER DE BRITO BRIANTI

**POLÍTICAS PÚBLICAS DE APOIO AO EMPODERAMENTO DAS
CHARUTEIRAS DO RECÔNCAVO DA BAHIA:
UM OLHAR DE AFIRMAÇÃO**

Dissertação apresentada à Coordenadoria de Pós-Graduação e Pesquisa, no Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social, Linha de Pesquisa (Segurança Social).

Orientador: Prof. José Alexandre de S. Menezes, PhD por Cornell University, Professor Titular da UFBA e Permanente do Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social da UFRB.

CRUZ DAS ALMAS - BAHIA

FEVEREIRO - 2013

© 2011 by Luciana Xavier de Brito Brianti

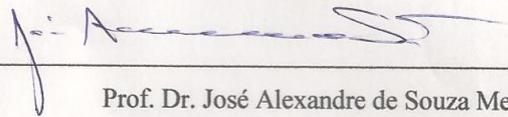
FICHA CATALOGRÁFICA

B849	<p>Brianti, Luciana Xavier de Brito. Políticas públicas de apoio ao empoderamento das charuteiras do Recôncavo da Bahia: um olhar de afirmação / Luciana Xavier de Brito Brianti. ó Cruz das Almas, BA, 2013. 169f.; II.</p> <p>Orientador: José Alexandre Souza de Menezes.</p> <p>Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas.</p> <p>1. Mulheres ó Trabalho ó Políticas públicas. 2. Mulheres ó Condições econômicas. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. II. Título</p> <p>CDD: 331.481</p>
------	--

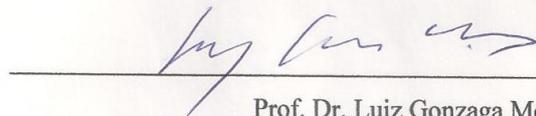
Ficha elaborada pela Biblioteca Universitária de Cruz das Almas - UFRB

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E SEGURANÇA SOCIAL**

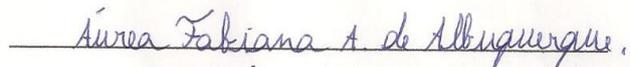
**COMISSÃO EXAMINADORA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
LUCIANA XAVIER DE BRITO BRIANTI**



Prof. Dr. José Alexandre de Souza Menezes
Universidade Federal da Bahia – UFBA (Orientador)



Prof. Dr. Luiz Gonzaga Mendes
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB



Profª Drª Áurea Fabiana A. de Albuquerque
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA

Dissertação homologada pelo Colegiado do Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social em, conferindo o Grau de Mestre em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social em



Um olhar de afirmação da Charuteira do Recôncavo da Bahia

Fonte: Boarin

[...] Ser charuteira significa, antes de tudo, ser mulher e ser trabalhadora, fatos que traduzem condições socialmente construídas no tempo e no espaço. Ser mulher revela os variados significados de uma cultura masculinizante e de uma história de lutas, sejam estas abertas ou camufladas, pela conquista de sua autonomia no campo das relações sociais, na construção de sua cidadania.... Ser charuteira, portanto, implica em acumular os significados das duas esferas - mulher e trabalhadora - embora sua expressão política tenha sido a tônica do contorno pessoal, frente a estas situações, quando inseridas no contexto da cultura fumageira souberam articular as estratégias de sobrevivência econômica e social.

Elizabete Rodrigues da Silva (2011 p.67)

Dedico esta dissertação a duas grandes referências de mulher na minha vida: a minha mãe Linete Xavier de Brito (in memoriam) pelo zelo e dedicação à família, pelo trabalho social desenvolvido junto aos mais carentes da comunidade em que viveu (Rio Real ó BA), digna de todo o meu amor, admiração e respeito; e a minha querida irmã Suely Xavier de Brito Silva que sempre me estimulou a dar este grande passo. Com muita sabedoria e discernimento esteve ao meu lado me encorajando em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis. Obrigada por serem exemplos de simplicidade, retidão e competência.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial a Deus, pelo dom da vida;

Aos meus queridos pais, José Brito e Linete (*in memoriam*), pelo amor incondicional, a minha eterna gratidão;

Ao meu esposo, Márcio Brianti, pela paciência e compreensão; à pequena Giulia, que torna meus dias mais iluminados com o seu carinho e sorriso; e a todos meus familiares que sempre me incentivaram neste desafio;

Ao Prof. Dr. José Alexandre de Souza Menezes, orientador desta dissertação, agradeço pelo empenho, sabedoria e compreensão. Obrigada pelos ensinamentos;

Agradeço a D. Josenita Salomão pela disponibilidade e generosidade em dividir comigo tantas histórias e valiosas informações que enriqueceram o meu trabalho;

A Rosivaldo Almeida, gerente de uma pequena fábrica, e Alessandro Teixeira, gerente administrativo da Fumex, que muito contribuíram com suas experiências e boa vontade;

Ao Dr. Cleomenes Torres, da ADAB, por oportunizar a minha participação na reunião da missão Brasil-China;

Meu muito obrigado a todas as mulheres charuteiras pelo acolhimento, simplicidade e alegria ao longo dos vários encontros que tivemos;

Agradeço a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia por me oportunizar a realização de um sonho, promovendo o meu crescimento pessoal e profissional através da diversidade de saberes experimentados.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABIFUMO	Associação Brasileira da Indústria do Fumo
ABRAER	Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural
ADAB	Agência de Defesa Agropecuária da Bahia
AEB	Associação de Comércio Exterior do Brasil
AFUBRA	Associação dos Fumicultores do Brasil
ANPA	Associação Nacional de Pequenos Agricultores
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CGAC	Coordenação Geral de Apoio as Câmaras Setoriais
CNA	Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil
CNTA	Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentos e Afins
CNTC	Companhia Nacional de Tabaco da China
CONTAG	Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
DANCO	Danco Comércio e Indústria de Fumos Ltda.
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ERMOR Tabarama	Ermor Tabarama Tabacos do Brasil Ltda.
FUMEX	FUMEX Tabacalera Ltda.
ICMS	Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços
INº	Instruções Normativas
IPI	Imposto sobre Produtos Industrializados
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MAPA/SDC	Ministério da Agricultura/ Secretaria de Desenvolvimento
MAPA/SPA	Ministério da Agricultura/ Secretaria de Política Agrícola
MAPA/SRI	Ministério da Agricultura/ Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MDIC	Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
MRE	Ministério das Relações Exteriores
ONU Mulheres	Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres

SEAGRI	Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária
SDE	Secretaria de Direito Econômico do Ministério da Justiça
SFA BA	Superintendência Federal de Agricultura no Estado da Bahia
SINDITABACO/BA	Sindicato da Indústria do Tabaco do Estado da Bahia
SINTIFA	Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Fumo e Alimentação de Cruz das Almas/BA
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
TABANOR	Tabacos Nordeste Ltda.
TIPI	Tabela de Incidência do Imposto sobre Produtos Industrializados

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.1 ó Estrutura do percurso do argumento da dissertação	27
Figura 2.1 - Regiões demarcadas por tipos de charuto.....	30
Figura 2.2 - Percurso metodológico da pesquisa.....	35
Figura 3.1 ó Cadeia Agroindustrial do Tabaco no Brasil	45
Figura 3.2 ó Cultura de fumo no Recôncavo da Bahia	51
Figura 3.3- Charutos do Recôncavo	51
Figura 3.4 - Fachada da fábrica Danneman em Cachoeira	52
Figura 3.5 - Anúncio Suerdieck-Bahia	53
Figura 3.6 - Presidente Luiz Inácio Lula da Silva fumando charutos	62
Figura 4.1 - Participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto	71
Figura 4.2 - Participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto	72
Figura 4.3 - Participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto	72
Figura 4.4 - Linha de montagem" dos charutos na Dannemann	73
Figura 4.5- Participação do trabalho feminino na linha de montagem dos charutos	73
Figura 4.6 - Participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto	74
Figura 4.7 - Participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto	74
Figura 4.8 - Charutos produzidos por charuteiras	75
Figura 4.9 - Charutos embalados por charuteiras	75
Figura 4.10 - Participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto	76
Figura 4.11 - Participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto	76
Figura 4.12 - Charuteira baiana	77
Figura 4.13 - Linha de produção	77
Figura 4.14 - Charuteira baiana	78
Figura 4.15 - Charuteira embalando charutos	78
Figura 6.1 - D.Josenita ao lado do Professor Alexandre e da Pesquisadora	92
Figura 6.2 - D.Josenita em visita com a pesquisadora a um pequeno produtor de charutos	93
Figura 6.3 - D. Rita entrevistada pela pesquisadora	98
Figura 6.4 - Proprietário no controle da qualidade	105
Figura 6.5 - Operária charuteira na pequena empresa	106
Figura 6.6 - Operárias charuteiras no manuseio do charuto	106

Figura 6.7 - Operárias charuteiras na pequena empresa	107
Figura 6.8 - Operária charuteira na pequena empresa	107
Figura 6.9 - Operários na pequena empresa	108
Figura 6.10 ó Visita à Danco	124
Figura 6.11 - Demonstração do manuseio de folhas de fumo na visita a Danco	124
Figura 6.12 - Visita a Danco e observação do trabalho de mulheres	125
Figura 6.13 - Visita a Danco e observação do trabalho de mulheres	125
Figura 6.14 - Participação da pesquisadora nas reuniões Brasil-China	126
Figura 6.15 - Reuniões Brasil-China	127
Figura 6.16 - Visita comercial da Republica Popular da China ao Recôncavo da Bahia	128
Figura 6.17 - Participação da pesquisadora nas reuniões Brasil-China	128
Figura 7.1 - Organização social e as trajetórias de socialização das mulheres trabalhadora	134
Figura 7.2 - Dinâmica de produção social e o papel da mulher empreendedora solidária...	135
Tabela 3.1 - Maiores Produtores Mundiais de Tabaco (em t)	47
Tabela 3.2 - Maiores Exportadores Mundiais de Tabaco (em t)	48
Tabela 3.3 - Exportações Sul-Brasileiras de Tabaco (em t)	48
Tabela 3.4 - Consumo Mundial de Cigarros (em milhões de unidades)	49
Tabela 3.5 ó Produção de Charutos e Cigarrilhas (em mil unidades)	49
Tabela 3.6 - Produção de Tabaco no Nordeste (em t)	50
Tabela 3.7 - Produção de Tabaco no Nordeste	50
Tabela 3.8 - Fábricas de charutos na Bahia	58
Quadro 3.1- As principais marcas de charutos produzidos no Brasil	55

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1. BREVE HISTÓRICO	16
1.2. PROBLEMA	24
1.3. OBJETIVOS	25
1.4. HIPÓTESE	26
1.5. ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	26
2. PERCURSO METODOLÓGICO	28
2.1. NATUREZA DA PESQUISA	28
2.2. CENÁRIO	29
2.3. OBJETO DE ESTUDO	30
2.4. MÉTODO	31
2.5. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	34
3. O MERCADO MUNDIAL DE FOLHAS DE TABACO E A AGROINDÚSTRIA DE CHARUTOS NA BAHIA	36
3.1. INTRODUÇÃO	36
3.2. MERCADO NACIONAL DE TABACO	36
3.3. MERCADO MUNDIAL DE TABACO	40
3.4. AGROBUSINESS DE TABACO NO BRASIL	44
3.5. O AGRONEGÓCIO DE CHARUTOS NA BAHIA	50
3.5.1. IMPOSTOS E TAXAS	61
4. MÃO DE OBRA FEMININA NA AGROINDÚSTRIA DE CHARUTOS	64
4.1. A EXCELÊNCIA DOS CHARUTOS BAIANOS.....	64
4.2. CENÁRIO DO TRABALHO DAS CHARUTEIRAS	66
5. EMPODERAMENTO DAS MULHERES CHARUTEIRAS: REDES, LAÇOS E POLÍTICAS PÚBLICAS	79
5.1. O EMPODERAMENTO DA MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA .	79
5.2. O FIO E A TRAMA: CONHECENDO SUJEITOS, DESCREVENDO SITUAÇÕES, RECONHECENDO <i>UM OUTRO</i> UNIVERSO FEMININO	85
5.3. PRINCÍPIO DA TRANSVERSALIDADE DE GÊNERO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS	87
6. AS FALAS DA EXPERIÊNCIA, VIVÊNCIA E INQUIETAÇÕES CAPTURADAS NO CONTATO COM AS CHARUTEIRAS E OUTROS ATORES SOCIAIS	90
6.1. INTRODUÇÃO	90
6.2. NARRATIVAS: AS FALAS DA EXPERIÊNCIA	90
6.3. ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DAS CHARUTEIRAS	92
6.4. ENTREVISTA COM CHARUTEIRA	98
6.5. ENTREVISTA COM UM PEQUENO EMPRESÁRIO	105
6.6. ENTREVISTA EM UMA GRANDE EMPRESA	115
6.7. VISITA A GRANDE EMPRESA EXPORTADORA DE FOLHAS DE FUMO	124
6.8. PARTICIPAÇÃO NAS REUNIÕES DA MISSÃO CHINESA NO BRASIL	126

7. MULHERES CHARUTEIRAS EMPREENDEDORAS: <i>“QUAL É O TEU PAPEL MULHER?”</i>	130
7.1. QUESTIONANDO AS VELHAS FORMAS DE VIVER	130
7.2. CASO DE EMPODERAMENTO: JOSENITA SOUZA SALOMÃO	137
7.3. UMA AGENDA PARA A CÂMARA SETORIAL DA CADEIA PRODUTIVA DO TABACO, EM BRASÍLIA.....	141
7.4. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA CADEIA PRODUTIVA DO CHARUTO NA BAHIA	145
8. CONCLUSÃO	148
8.1. CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	162
ANEXOS	
Anexo A	167
Anexo B	168
Anexo C	169

RESUMO

O objetivo desta dissertação foi apresentar a percepção das charuteiras e outros atores para subsidiar políticas públicas adequadas recomendáveis para duplamente apoiar o empoderamento das charuteiras no agronegócio de charutos no Recôncavo da Bahia, bem como elevar a reinserção da mão de obra feminina no complexo agroindustrial de charutos do Recôncavo da Bahia. E tem como tema o empoderamento das charuteiras do Recôncavo da Bahia, trata do *empreendedorismo das charuteiras* em razão do forte desemprego que esse setor vem experimentando em decorrência da perda de competitividade da indústria de charutos no Recôncavo da Bahia - maior região produtora de charutos no Brasil, de excelente prestígio nos mercados internacionais; sob a hipótese de que sua reabilitação recupere empregos perdidos com a evolução do desemprego decorrente da crise setorial e fechamento de fábricas de charuto na região. A metodologia baseou-se em estudo de caso e representação social para captar os olhares e narrativas das charuteiras, para exprimir as experiências e inquietações, com a legitimidade de expressar e recolocar, no centro das preocupações atuais sobre mecanismos de integração social, valores tradicionalmente transmitidos pelas mulheres e realidades geralmente vivenciadas por elas: manutenção da vida, preservação e recuperação da cidadania, reprodução dos laços sociais tanto em nível econômico, como em nível social e simbólico. Os resultados sugerem que existem vantagens competitivas do Recôncavo da Bahia em termos de qualidade da matéria prima para charuto *Premium* para serem produzidos, distribuídos, comercializados e exportados por cooperativas de charuteiras. Entretanto, observou-se haver elevado custo, pelos inadequados e desestimulantes níveis de impostos e restrições legais, quando comparados *vis a vis* com outras áreas produtoras mundiais. Em consequência, foram relatadas várias distorções que geram o desemprego, falências e interdita o Recôncavo da Bahia a vocação de desenvolvimento que seu potencial se qualifica. Conclusivamente quanto à questão examinada nesta dissertação foram sugeridas políticas públicas recomendáveis para simultânea ou duplamente apoiar o empoderamento das charuteiras na cadeia produtiva do charuto do Recôncavo da Bahia, bem como elevar a reinserção da mão de obra feminina nas fábricas de charutos; tendo em consideração que Políticas Públicas focadas no empoderamento das mulheres, principalmente as charuteiras é histórica, política, econômica e socialmente legítima e justa em termos de compensação.

Palavras chave: Políticas públicas; charuteiras; relações de gênero; empoderamento.

ABSTRACT

The aim of this thesis was to present the perception of cigar holders and other stakeholders to support public policies appropriate for doubly commendable support the empowerment of female workers in agribusiness of cigar in the Recôncavo of Bahia, as well as raise the reintegration of female labor in the agro-industrial complex of cigars of Recôncavo of Bahia. And theme is the empowerment of the Recôncavo of Bahia cigar, cigar comes to entrepreneurship because of high unemployment that this sector is experiencing due to the loss of competitiveness of industry in the Recôncavo of Bahia Cigars - Cigars largest producing region in Brazil , of great prestige in international markets under the assumption that their rehabilitation to recover jobs lost with the evolution of unemployment resulting from the crisis and sectoral cigar factory closures in the region. The methodology was based on a case study and social representation to capture the looks and narratives of the cigar, to express the experiences and concerns with the legitimacy of expressing and replace, at the heart of current concerns about social integration mechanisms, traditionally transmitted values women generally and realities experienced by them: life maintenance, preservation and restoration of citizenship, social ties play at both economic and in social and symbolic. The results suggest that there are competitive advantages of the Recôncavo of Bahia in terms of quality of raw material for *Premium* cigar to be produced, distributed, marketed and exported by cooperatives cigar. However, it was observed to have high cost, inadequate and discouraging the levels of taxes and legal constraints, *vis a vis* when compared with other producing areas worldwide. As a result, they were subsequently reported various distortions that generate unemployment, bankruptcies and prohibit the Recôncavo of Bahia vocation development potential that qualifies. Conclusively the question examined in this dissertation were suggested policies recommended for simultaneous double or support the empowerment of cigar in his inclusion in the supply chain Cigar Recôncavo of Bahia, as well as raise the reintegration of female labor in cigar factories, considering that Public Policy focused on the empowerment of women, especially cigar is historical, political, economic and socially legitimate and fair in terms of compensation.

Keywords: Public policies; cigar; gender relations; empowerment.

1. Introdução

A ONU Mulheres¹ - Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres vem defendendo princípios de empoderamento das mulheres, principalmente mulheres empreendedoras na sociedade contemporânea. Uma das organizações que lidera essa luta é a *The Global Compact*, e no Brasil o Pacto Global Rede Brasileira. Esses princípios foram lançados pela ONU Mulheres e pelo Pacto Global/ONU em Nova York no dia 8 de Março de 2010.

Por muito tempo, as mulheres foram forçadas a permanecer à margem nas questões de liderança política, segurança em zonas de conflitos, proteção contra a violência e acesso aos serviços públicos. Hoje, as mulheres precisam estar no centro das decisões como líderes, defensoras e agentes de mudanças. A ONU Mulheres surgiu pela fusão de quatro organizações da ONU com um sólido histórico de experiência em pesquisa, programas e ativismo em quase todos os países. Essas organizações incluem a Divisão da ONU pelo Avanço das Mulheres, o Instituto Internacional de Pesquisa e Treinamento pelo Avanço das Mulheres, o Escritório da Assessoria Especial para Questões de Gênero e o Avanço das Mulheres, e o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para as Mulheres.

A ONU Mulheres defende a participação equitativa das mulheres em todos os aspectos da vida e prioriza cinco visando:

- i) Aumentar a liderança e a participação das mulheres;
- ii) Eliminar a violência contra as mulheres e meninas;
- iii) Engajar as mulheres em todos os aspectos dos processos de paz e segurança;
- iv) Aprimorar o empoderamento econômico das mulheres;
- v) Colocar a igualdade de gênero no centro do planejamento e dos orçamentos de desenvolvimento nacional.

1. ONU Mulheres é a entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres. ONU Mulheres é a nova liderança global em prol das mulheres e meninas. A sua criação em 2010 foi aplaudida no mundo todo e proporciona a oportunidade histórica de um rápido progresso para as mulheres e as sociedades. A ONU Mulheres trabalha com as premissas fundamentais de que as mulheres e meninas ao redor do mundo têm o direito a uma vida livre de discriminação, violência e pobreza, e de que a igualdade de gênero é um requisito central para se alcançar o desenvolvimento. Os Estados-Membros da ONU e os ativistas dos direitos das mulheres se uniram para criar a ONU Mulheres. Eles reconheceram que tornar as questões de gênero e igualdade reais nas vidas de mulheres e meninas demandava uma organização com alcance mundial, além de uma experiência consolidada e de consideráveis recursos.

A *ONU Mulheres* apoia os Estados-Membros da ONU no estabelecimento de padrões globais para alcançar a igualdade de gênero e trabalha junto aos governos e à sociedade civil para formular leis, políticas, programas e serviços necessários à implementação desses padrões. A ONU Mulheres coordena e promove o trabalho do Sistema ONU no avanço da igualdade de gênero.

Com base nos princípios apregoados pela ONU Mulher e considerando a situação das mulheres desempregadas no agronegócio de charutos no Recôncavo da Bahia, esta dissertação tem como foco o empoderamento das charuteiras do Recôncavo da Bahia, que trata do *empreendedorismo das charuteiras* em razão do forte desemprego que esse setor vem experimentando em decorrência da perda de competitividade da indústria de charutos no Recôncavo da Bahia - maior região produtora de charutos no Brasil, de excelente prestígio nos mercados internacionais; e sob a hipótese de que sua reabilitação recupere empregos perdidos com a evolução do desemprego decorrente da crise setorial e fechamento de fábricas de charutos na região.

1.1 ó Breve histórico

Os õtempos saudososõ, aqueles do inicio do século XX, da *Belle Époque*, um período na história caracterizado pela paz e prosperidade na Europa e nos Estados Unidos, com novas tecnologias e descobertas científicas, as artes a florescer, e muitas obras de literatura, música, teatro, ganharam reconhecimento, em contraste com os horrores da Primeira Guerra Mundial, houve crescimento no consumo mundial de charutos, coincidindo com o mesmo processo da expansão industrial tabaqueira que ocorreu em Cuba, em condições semelhantes no que se refere ao comércio e à utilização de mão de obra (NASCIMENTO, 1997, p. 34; LE REVERENDE, 1985, p. 51-55).

Em decorrência do aumento na demanda por charutos, houve o surgimento da industrialização no Recôncavo da Bahia, chegando a quase 50 unidades fabris instaladas. As cidades de Maragogipe, Cachoeira, São Félix, Muritiba e, posteriormente, Cruz das Almas, além de formarem o centro produtor e exportador de fumo e de seus produtos, constituíram-se em um parque de fabricação de charutos, chegando a produzir mais de 200 milhões deste produto por ano, propiciando grandes incrementos à indústria e comércio do fumo baiano (CÉSAR, 2000).

A fabricação do charuto, principal atividade dessas fábricas, era realizada preferencialmente por mulheres que chegavam a 70% do universo da mão de obra fabril. As

fábricas de charutos do Recôncavo concentraram em seus circuitos uma massa assalariada relativamente volumosa que chegou a representar uma ãrevoluçãõ industrialõ local. Tais acontecimentos favoreceram o surgimento de uma camada social que, envolvida com o processo de fabricação desse produto, tornou-se uma marca visível e peculiar sobre o tecido urbano regional (PINTO, 1998, p.134).

Elizabete Rodrigues da Silva (2001, p.272), em sua dissertaçãõ de mestrado intitulada ãFazer Charutos: Uma Atividade Femininaõ considera que:

1. O Recôncavo fumageiro foi, relativamente, durante a primeira metade do século XX, o palco de uma economia promissora para os cofres públicos, para os proprietários das empresas de beneficiamento de fumo e fábricas de charutos, assim como foi palco da exploraçãõ de uma populaçãõ envolvida no trabalho desta matéria prima e seus produtos que se expandiram pelo mundo afora.
2. Na mesma medida, o Recôncavo também foi palco da formaçãõ de uma fisionomia social que não trazia em suas características apenas as especificidades da lida fumageira, o que já se constituía um fator preponderante, mas, também, pela forma como os trabalhadores e, precisamente, as charuteiras lidavam com as questões relativas à sua condiçãõ de mulher e de trabalhadora no conjunto das *relações sociais*. Para o período que abrange a primeira metade do século XX, a documentaçãõ pontua com maior ênfase pelo nível de importãncia na Bahia, dentre muitas manufaturas que foram instaladas nessa regiãõ, a presença da Dannemann, Suerdieck, Costa Ferreira & Penna, Leite & Alves e C. Pimentel & Cia. Merecem destaque as três primeiras por empregar, no auge da produçãõ, cerca de dez mil pessoas, nos municípios já citados (CÉSAR, 2000, p. 03). A Dannemann e a Suerdieck (as duas maiores e de procedência alemã) tinham importãncia destacada devido ao capital social investido, a mão de obra utilizada e a prosperidade das cidades nos anos de seu apogeu, ambas consistiam em empresas de industriais e comerciantes exportadores que controlavam a economia fumageira na regiãõ e no Estado (BORBA, 1975, p. 40-52). Um grande número de pessoas foi registrado nestas fábricas, embora não se saiba ao certo o total registrado nas quatro cidades. O jornal "Correio de São Félix" noticia em 3.000 operários, apenas da Dannemann em São Félix na década de 50, e "O Correio da Bahia" em 2.052 operários da Suerdieck em Maragojipe, na mesma década. Se pensar numa proporcionalidade entre todas as fábricas instaladas nessa regiãõ, chegar-se-ia a um volume de aproximadamente 10.000 operários apenas nas três maiores fábricas - Dannemann, Costa Penna e Suerdieck. (CORREIO DE SÃO FELIX, N.º 781, 1950; CÉSAR, 2000, P. 04).

3. A indústria, por sua vez, estava organizada sobre as bases da divisão social do trabalho, pois fazer o charuto também demandava a divisão em várias etapas. Neste sentido, homens e mulheres formavam o quadro de funcionários das fábricas, porém as etapas de produção dos charutos eram concluídas por uma única charuteira, o que fazia das mulheres a maioria responsável pela força motriz das fábricas. Tomando como referência uma amostra do contingente operário da Fábrica Suerdieck de Maragogipe, por força da existência de uma documentação específica - 4.621 fichas de registro dos operários - verifica-se que, para o período de 1906 a 1950, foram registrados um total de 2.852 operários. Distribuídos conforme o sexo evidencia-se o seguinte: 590 homens (20.7%) e 2.262 mulheres (79.3%); destas 1.474 (65.1%) eram charuteiras. O setor de charutaria era, portanto, predominantemente formado por mulheres. (CÉSAR, 2000, p. 03-04).
4. As fábricas de charutos configuravam-se num *espaço social* de solidariedade, divergências e barganhas entre a mulher e o homem, o patrão e o empregado, no caso a empregada, numa luta silenciosa. As lutas das charuteiras contra a opressão no trabalho, esta que fundia exploração da mão de obra com subordinação sexual, não se limitaram as formas coletivas, organizadas, políticas e sindicais, mas ao considerar que "toda prática, consciente ou não, contra as formas de dominação é tributária da luta", seja a indisciplina, o desperdício, o corpo mole, a obediência dissimulada, as estratégias sutis de resistência e de poder e a solidariedade. Verifica-se que as charuteiras também utilizaram seus próprios elementos de luta contra a dominação nos dois aspectos da opressão.

Em consequência do seu cotidiano fabril e de dona de casa, as charuteiras desenvolviam suas *estratégias de sobrevivência* que, ao lutar para vencer as necessidades materiais, a exploração no/do trabalho e a invisibilidade social, as mulheres operárias rompiam com a clausura da inferioridade a que eram submetidas na situação de mulheres pobres, donas de casa, mães e esposas ou amásias. Essa afirmativa é alertada por Brandão (2012) em *o Trabalho Das Mulheres Charuteiras Em Cachoeira Bahia: Uma Análise Histórica da Construção Identitária e Econômica do Município* apresentado no Simpósio Temático *o Cultura, Identidade e Diversidade Cultural*, promovido pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; considera que ao longo da história das mulheres charuteiras o cotidiano das mesmas pode ser considerado como uma forma de construção da base social.

Nesse contexto, as mulheres se mostram como *sujeitos das relações* que lutam por transformações e contribuem na esfera da hierarquia familiar e econômica. No entanto, ainda não tendo sido alvo de grandes preocupações no meio histórico, a discussão sobre gênero tem

deixando grandes lacunas na percepção das organizações e compreensão do processo histórico da dinâmica das mulheres no mundo do trabalho.

Assim as mulheres se tornaram peça fundamental no desenvolvimento econômico do Recôncavo da Bahia. Isso porque passaram a lutar contra a invisibilidade social rompendo com a dita inferioridade a que eram submetidas no papel de mulheres pobres, donas de casa, mães e esposas. O contexto das relações de trabalho no Recôncavo demonstra um grande contraste, pois por muito tempo as estruturas de trabalho eram colocadas como algo extremamente masculina, onde as mulheres deveriam cuidar da casa e dos filhos, mas com o processo de globalização e a inserção da mulher no mercado de trabalho do fumo algumas mudanças foram ocorrendo principalmente quanto à exploração da mão de obra feminina, que buscam realizar seus sonhos e ter uma ascensão social (BRANDÃO, 2012).

Ao buscar realizar seus sonhos e ter uma ascensão social, num constructo de *empoderamento* Brandão (2012, p.8) considera:

[...] o trabalho da mulher como charuteira vem se tornando uma forma de lutar contra toda e qualquer submissão em relação ao sexo feminino considerado como frágil, em uma ideologia patriarcal, estabelecendo avanços nas relações sociais que lhe deixavam fora do mercado de trabalho, enclausuradas na posição de simples donas de casas, passando estas mulheres a enfrentar um conjunto de dificuldades desde a conciliação da vida doméstica, ao trabalho nos armazéns; mesmo assim elas não desistiram, tornando o fruto do seu trabalho uma realização pessoal e social, com uma perícia, e muita sensibilidade na lida diária.

Tanto assim que Silva (2001, p. 136) observa que o estereótipo da docilidade natural da mulher presente na visão dos empresários, assim como da própria sociedade naquela época, não resta dúvida que influenciou na preferência de mulheres para fabricar os charutos. Porém, essa exclusividade não ocorreu por determinação natural, explica-se pelos aspectos interligados entre si e resultantes de uma conjuntura social e econômica específica da região. Fazer charutos constituiu-se numa atividade essencialmente feminina, por ser esta mão de obra farta e mais barata que a masculina neste período, fato que se deve ao baixo nível econômico da população periférica da região do fumo, normalmente composta por mulheres solteiras de muitos filhos, tendo a exploração como o requisito principal da produtividade.

O fato do trabalho exigir muita habilidade e paciência era, portanto atribuído à mulher. Esta concepção estava cristalizada no pensamento coletivo da região e também incorporada ao conjunto de valores da sociedade brasileira devido à sua formação patriarcal. É, neste momento, que os industriais perceberam essas mulheres como mão de obra disponível e barata, a exemplo do que já ocorria na Alemanha, eram as trabalhadoras mais capacitadas para o desenvolvimento do trabalho. Por outro lado, a execução dessa atividade representou nas primeiras décadas deste século a oportunidade da inserção dessas mulheres em um mercado de trabalho em processo de desenvolvimento. (SILVA, 2001 p. 137)

As charuteiras perceberam que para realizar a produção de charutos, as fábricas dependiam de cada charuteira, do seu talento e a habilidade de suas mãos que, com arte e ciência trabalhavam cada folha de fumo, fazendo e refazendo os detalhes, buscando a perfeição em cada segundo para então surgir o charuto como uma peça de arte das mãos do artista. Nisso consistia seu *poder* e origem do *empoderamento*.

Apesar das relações de trabalho e do machismo cultural, em termos de empoderamento, ainda que não percebido como tal, a manufatura de charutos se deu e dá num espaço de múltiplas relações sociais; porque significava e significa para muitas mulheres da região do Recôncavo uma alternativa de ascensão econômica e social em suas vidas (SILVA, 2001, p.97):

- i) Estas mulheres fizeram-se charuteiras pelas condições materiais que a região lhes ofereceu naquele momento, pela própria precariedade econômica em que viviam;
- ii) Na luta pela sobrevivência, essas mulheres se transformaram em charuteiras das fábricas;
- iii) Também conquistaram cotidianamente, em suas tensas relações, as posições e os espaços que vislumbravam como valores que estavam além da sobrevivência material, que transitavam, por exemplo, entre vestir-se melhor e o reconhecimento profissional como construção gradativa e sutil de cidadania;
- iv) Diferentemente de outros estabelecimentos fumageiros, como os armazéns de beneficiamento de fumo, por exemplo, a fábrica de charutos representava dentro dos valores sociais e morais inculcados na mentalidade social da época, um espaço de trabalho que favorecia a ascensão econômica, mas, sobretudo, social, onde as charuteiras, dentre os/as demais operário/ operárias, também se destacavam por ser sua função a principal no funcionamento geral da fábrica, em que todo serviço convergia para a confecção do charuto.
- v) Vale salientar que no Recôncavo da Bahia, conforme Silva (2007), a condição econômica das mulheres facilitou, e muito, o processo de empoderamento. As suas necessidades cotidianas e a luta para sustentar suas famílias estimularam-nas a romper com os preconceitos em relação ao trabalho feminino fora de casa, a partir de uma forma muito peculiar em seu conjunto social, utilizando-se das brechas que a própria organização econômica e social podia lhes oferecer.

Segundo Pinto (1998, p. 128-133), César (2000, p. 06) e Penna (1980, p. 93) as charuteiras ingressaram nas fábricas a partir da lógica capitalista nacional, dentro de uma conjuntura econômica e social local que, além da pobreza que campeava a região, favorecendo a demanda pelo emprego e o barateamento da mão de obra, a função de fazer

charutos era inculcada pelos empresários e pela própria sociedade como específica de mulheres, que levaram estas a preencher preponderantemente as vagas da principal função das fábricas.

No espaço familiar, do outro lado, o processo de trabalho feminino estava ligado à organização da família como instituição, uma vez que era a família a expressão maior do sistema patriarcal, a matriz explicativa do comportamento das mulheres no trabalho (SILVA, 2001, p.234). Assim, as charuteiras levavam para o trabalho as determinações sociais de seu sexo e viam na figura do mestre não apenas uma chefia, mas a chefia masculina por excelência, aquele a quem deviam obediência como se fosse o seu pai ou marido, como afirma Dalva Damiana:

Ômas a gente tinha um respeito a ele igual um filho tem respeito ao pai, bastou dizer assim: evém seu Valdo! Ele era difícil dá um carão, mas só no olhar dele de lá pra cá a gente já tava se tremendo, quer dizer que não batia em ninguém, mas o respeito é tudo, né?ö (SILVA, 2001, p.234).

Silva (2001, p.235) argumenta que:

[...]õembora fosse na sutileza dessa obediência que residia a sabedoria política da charuteira, ou seja, obedecer não significava recuar, deixar-se dominar ou acomodar-se, mas aprender a conviver habilmente com a "inevitável" dominação daquela circunstância para atingir o seu objetivo que era conquistar a sua cidadania através do trabalho. A submissão feminina como trabalhadora no interior da fábrica ocorria, mas caminhava, estrategicamente, lado a lado com a resistência e, embora as partes se apresentassem aparentemente como sendo uma ativa e a outra passiva, ou seja, sem confronto aberto entre mestres e charuteiras, mas num jogo político sutil se estabelecia uma relação que, às vezes, se configurava como perigosa e , às vezes, como frouxa. Os mestres precisavam sempre se utilizar dos mecanismos coercitivos do poder que lhes eram conferidos como homens e como chefes de seção - o olhar corretivo , punitivo chamar a atenção ou levar alguns casos à suspensão e até demissão quando achavam necessário. As charuteiras, por sua vez, recorriam à obediência como estratégia, à dissimulação e à astúcia, que traduzidas na política do "bom viver ", ajudavam a combater a dominação dos seus superiores. Desta forma é que se concorda com a concepção do termo "luta ".(grifo nosso)

Quanto à identidade, Silva (2001, p. 128) considera *ser charuteira* não apenas em ser uma profissional que adquiriu a habilidade de fabricar charutos. Ser charuteira, principalmente em uma fábrica, vai além da execução da tarefa de manipular o fumo e confeccionar o charuto, passando também pela *desconstrução* de uma imagem feminina, até então definida pela ótica masculina de que a mulher, sendo charuteira ou não, deveria apenas exercer a "sua" função de dona de casa, mãe, esposa ou amásia. O caminho do *empoderamento* dessas mulheres não se construiu apenas no espaço industrial ou de trabalho, mas no espaço familiar, na luta para se impor frente à dominação dos seus maridos, ou seja, *minando* as forças masculinas para conquistar a *autonomia no campo do trabalho e das*

relações sociais, apesar de ter continuado ainda preservando outras posições, culturalmente determinadas, dentro de suas famílias.

Os motivos da crise são muitos, estruturais e conjunturais, começando pela redução contínua dos mercados interno e externo, agravada pelo contrabando e grande concorrência internacional de produtores de peso, como Cuba, que goza de isenção tributária nas importações, além de República Dominicana, Honduras e Nicarágua. Estima-se que o Brasil importa 50% dos charutos que consome. Segundo a Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), as importações somaram US\$ 2,45 milhões em 2011, e US\$ 1,94 milhão até julho de 2012. O charuto cubano, reconhecido como melhor do mundo, tem isenção de 100% do imposto de importação no Brasil, por força do acordo Cuba-Mercosul, assinado em 2006 e que abrange uma grande gama de produtos de parte a parte. Em 2011 o Brasil importou US\$ 923,18 milhões em charutos cubanos, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento. O presidente do Sindicato da Indústria do Tabaco da Bahia (SINDITABACO-BA), Odacir Tonelli Strada, lista entre outros fatores para a decadência, o câmbio desfavorável, a elevada carga tributária - cerca de 60%, tanto para o produto nacional quanto para o importado - e as pressões antitabagistas, aí incluída a regulação sanitária e os elevados custos para as pequenas indústrias (DATAMARK, 2012).

Nos anos 1950 instalou-se o caos econômico e social na região do Recôncavo, determinando forte desemprego e empobrecimento da região e da massa de mulheres que viviam diretamente dessa atividade. Essa estagnação comercial vem se prolongando desde fins da década de 50 até os dias atuais na região fumageira do Recôncavo, interditando o desenvolvimento e criando estacionamentos de marasmo econômico, poucas alternativas de escape ao subemprego ou ao desemprego para as charuteiras do Recôncavo. Ali, pobreza e desânimo reforçam a memória das charuteiras remanescentes, os significados da época em que trabalharam nas fábricas, como o tempo da prosperidade e da valorização social.

Alguns indicadores, segundo noticiado pela Datamark (28/08/2012), atestam a crise na agroindústria de charutos no Recôncavo com repercussões no emprego e na renda regionais, tais como exemplificados nos seguintes relatos:

i) a Menendez Amerino, maior fábrica de charutos da Bahia e do Brasil, acaba de reduzir em cerca de 30% o já pequeno número de empregados da fábrica, agora limitado a 70 pessoas, mais de 90% mulheres. Esse encolhimento não vem de agora, há 3 anos a empresa empregava 150 pessoas, e antes teve 400, conta o cubano Arturo Toraño, responsável pela compra e beneficiamento de fumo da fábrica. A Menendez já chegou a produzir 15 mil charutos "Premium" por dia na segunda metade dos anos 90. Hoje faz 1,5 mil por dia e 400 mil

cigarrilhas por mês. A mais recente redução de pessoal é apenas um novo capítulo da crise de várias décadas que assola a fumicultura, nascida no século XVI, e a charutaria, vinda do século XIX, baianas.

ii) Um ex-proprietário de uma fábrica, entrevistado, relatou que precisa trabalhar em uma exportadora de fumo para completar a renda. A Dannemann, do grupo suíço Burger, instalada em um belo casarão na cidade histórica de São Félix, transformou a fábrica em um misto de indústria e centro cultural na qual o turista pode ver as 20 charuteiras trabalhando e até fazer o próprio charuto. A maior receita do grupo suíço na Bahia vem da Danco, grande beneficiadora e exportadora de fumo instalada em Cruz das Almas, distante cerca de 30 quilômetros dali.

iii) Nos tempos ditos fartos, a Suerdieck que fechou as portas em 1999 em Maragogipe, também no Recôncavo, chegou a ter mais de 2 mil empregados. Ex-funcionário da Suerdieck, herdeiro de algumas marcas da velha charuteira, Fernando Fraga, 73, hoje é dono da Chaba, em Alagoinhas, norte do Estado. Chegou a ter 80 empregados, mas após um confisco da produção pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA por irregularidades no registro dos produtos, em 2010, fechou e reabriu em 2011 com 25 pessoas. Em julho de 2012 entraram em férias coletivas 15 funcionários, pois os estoques estavam muito altos. Assim como a Leite & Alves, de Cachoeira, e a Chaba, de Alagoinhas, vem procurando segmentar a produção de charutos para uso religioso, um nicho seguro para sobreviver.

Contudo, vislumbram-se possibilidades do mercado chinês utilizar este espaço para dinamizar as suas relações e resgatar a sua autonomia como mulheres e trabalhadoras. Uma única alternativa seria a sua reinserção nas fábricas de charutos que vão expandir a produção, voltadas agora para a emergente China.

Historicamente, as charuteiras não foram, apenas, as operárias exploradas das fábricas, mas também mulheres que trabalharam fora de casa e que receberam um salário, num tempo em que eram concebidas, apenas, como donas de casa e mães. Neste sentido é que se percebe que o salário e o emprego representaram para as charuteiras instrumentos de poder econômico e social perante o grupo familiar e a sociedade (SILVA, 2007, p.7):

Embora, as charuteiras tenham pontuado muito claramente a exploração a que foram submetidas nas fábricas, mas são os benefícios que estas lhes favoreceram, inclusive o salário, a que elas se referem com maior ênfase. Talvez, pelo fato de viverem numa região pobre e sem alternativas de emprego, que as fábricas de charutos surgiram para elas como único meio de "ganhar a vida". Desta forma, não apresentam em suas falas, estritamente, os antagonismos de uma relação entre patrões e empregados, mas uma forma muito peculiar do grupo de lidar com a situação.

O fio-condutor desta dissertação permeia, dentre outros, a percepção da situação de precariedade vivenciada pela população da região do fumo e, especificamente, pelas mulheres charuteiras e suas famílias, onde há uma definição dos aspectos da vida socioeconômica do Recôncavo da Bahia em sua zona produtora de fumo e charutos que explica, portanto, a expressão "*lavoura dos pobres*", ao mesmo tempo em que representa um paradoxo em relação ao fumo já que este era a riqueza que movia de forma ascendente a economia do Estado nos períodos em que esteve em ascensão.

Portanto, o contexto socioeconômico do Recôncavo da Bahia é acentuadamente marcado pela presença feminina, sejam como charuteiras ou trabalhadoras de outros setores, cujas necessidades do mercado as conduzem ao trabalho, entretanto, sob a deterioração das condições de vida. Grande parcela da população está envolvida com a lida diária do fumo, apresentando uma pobreza bastante acentuada, onde o atraso e a qualidade de vida são mais visíveis e mais preocupantes. Apresenta-se sem modéstia, revelando um modo de vida característico da região do fumo, que se estende do campo aos centros urbanos e suas periferias, acompanhando o trajeto do fumo, desde o plantio, aos armazéns, fábricas de charutos e as residências onde o trabalho de manipulação do fumo é a rotina (SILVA, 2010).

1.2 - Problema

Cultural e historicamente determinada ao empoderamento inquieta-se conhecer como essas mulheres poderiam, se desejassem, se apossar de parcela considerável do processo de produção de charutos, sob uma alternativa de ascensão econômica e social em suas vidas, que altera as relações de gênero. Considerando um empoderamento que alcance as práticas e atitudes cotidianas das charuteiras e de mulheres dos meios populares, suas relações com as pessoas do convívio familiar, com os grupos de trabalho e com a sociedade. Pois o fato de participar da produção não conduz, por si só, à libertação no sentido da construção de sua identidade como donas do sistema de produção, comercialização e exportação de charutos, em tempos pós a abertura do mercado Chinês.

A questão principal a ser examinada nesta dissertação é: quais políticas públicas são recomendáveis para duplamente apoiar o empoderamento das charuteiras no agronegócio de charutos no Recôncavo da Bahia, bem como elevar a reinserção da mão de obra feminina no complexo agroindustrial de charutos do Recôncavo da Bahia, tendo em consideração que o empoderamento das charuteiras é política-econômica-cultural e socialmente desejável? Isto é, identificar qual é o conjunto de esforços em termos de políticas públicas (competências) será

capaz de estimular o empreendedorismo de micro e pequenos negócios protagonizados por mulheres fazendo parte do complexo agroindustrial de charutos do Recôncavo da Bahia.

Assim percebendo emerge a questão: Quais competências governamentais em termos de políticas públicas devem ser mobilizadas para construir e articular uma ampla rede de habilidades e estímulos políticos, culturais, econômicos e sociais de **apoio à agricultura familiar** baseada na produção de fumo, e ao **empoderamento das charuteiras** na produção, exportação e *marketing*? Ademais, quais competências deverão ser mobilizadas pelas indústrias para que promovam a reinserção da mão de obra feminina no complexo agroindustrial de charutos gerando vantagem competitiva para a indústria?

1.3 ó Objetivos

1.3.1 ó Geral

Apresentar a percepção das charuteiras e outros atores para subsidiar políticas públicas adequadas recomendáveis para duplamente apoiar o empoderamento das charuteiras no agronegócio de charutos no Recôncavo da Bahia, bem como elevar a reinserção da mão de obra feminina no complexo agroindustrial charutos do Recôncavo da Bahia.

1.3.2 ó Específicos

- i) descrever os pressupostos inerentes à visão dominante dos empresários sobre a competitividade no setor industrial de charutos quanto à perda de competitividade da cadeia produtiva do charuto na Bahia;
- ii) descrever a atual situação da mão de obra feminina de charuteiras;
- iii) descrever a visão dominante por parte das charuteiras em termos das necessidades/dificuldades relativas ao empreendedorismo por parte das mulheres quanto à formação de micro e pequenas empresas de charutos artesanais;
- iv) descrever os estímulos e subsídios governamentais necessitados pelos exportadores de charutos na Bahia na colocação competitiva de seus produtos no exterior;
- v) apresentar sugestões para embasar políticas públicas voltadas ao apoio ao empoderamento da mulher charuteira no Recôncavo da Bahia.

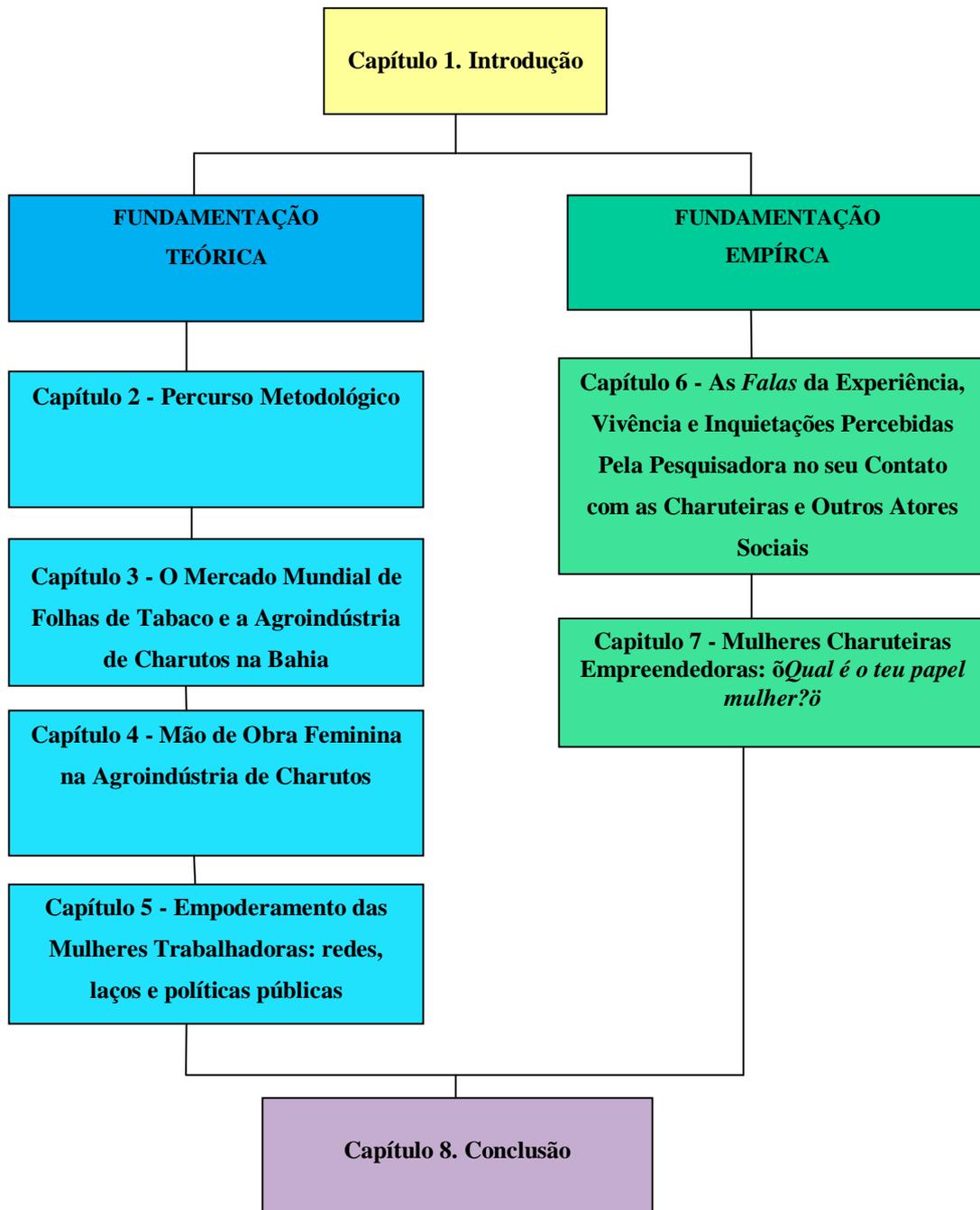
1.4 - Hipótese

O empoderamento das mulheres charuteiras consiste em serem elas garantidoras de vínculos mais consistentes em redes nos atuais espaços e arranjos sociais precários e vulneráveis para a redução da pobreza, na medida em que a elas cabe um empoderamento num espaço das relações sociais até então dominado por capitalistas. Logo, políticas públicas adequadas ao pertencimento e formação de redes em sujeitos individuais e/ou coletivos, podem fortalecer o emprego e a renda, sendo possível organizar uma sociedade regional em termos de economia solidária.

1.5 - Organização da Dissertação

A dissertação ora projetada tem a seguinte estrutura em seu percurso epistemológico de argumentação, conforme figura 1.1.

Figura 1.1 é Estrutura do percurso do argumento da dissertação



Capítulo 2 - Percorso Metodológico

Este capítulo aborda os componentes que deram sustentação a fundamentação empírica, através dos resultados que serão apresentados no Capítulo 6. Estes componentes são: a) posicionamento metodológico; e b) os procedimentos adotados.

2.1 - Natureza da pesquisa

A questão examinada por esta dissertação é: quais políticas públicas são recomendáveis para duplamente apoiar o empoderamento das charuteiras no agronegócio de charutos no Recôncavo da Bahia, bem como elevar a reinserção da mão de obra feminina no complexo agroindustrial de charutos do Recôncavo da Bahia, tendo em consideração que o empoderamento das charuteiras é política-econômica- cultural e socialmente desejável? Isto é, identificar qual é o conjunto de esforços em termos de políticas públicas (competências) capaz de estimular o empreendedorismo de micro e pequenos negócios protagonizados por mulheres que fazem parte do complexo agroindustrial de charutos do Recôncavo da Bahia. Essa questão gerenciou e justificou a escolha de uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter descritivo.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, possui características descritivas, dado que objetiva descrever as particularidades do grupo de operárias charuteiras e compreender as relações de trabalho construídas no contexto da atividade dentro da fabricação de charutos, visando descrever a atual situação da mão de obra feminina de charuteiras; isto é, descrever a visão dominante por parte das charuteiras em termos das suas necessidades/ dificuldades relativas ao empreendedorismo por parte das mulheres quanto à formação de micro e pequenas empresas de charutos artesanais. E também descrever a qualidade de vida no trabalho feminino e os fatores que determinam a ocorrência das condições em que se desenvolve o trabalho das charuteiras na indústria de charutos no Recôncavo da Bahia.

Deve-se ter em conta que o método qualitativo não considera apenas um conceito teórico e metodológico unificado. Na condição do desencantamento dos ideais objetivistas, não se pode mais, irrefletidamente, partir da noção das frases objetivamente verdadeiras. O que fica é a possibilidade de enunciados que se relacionam a sujeitos e a situações, ou seja, de uma análise contextualizada qualitativamente, e que deve ser estabelecida por um conceito sociologicamente articulado de conhecimento (DEMO, 1985).

Por isso, é aqui presumido que as metodologias qualitativas privilegiam o contexto da descoberta como contexto de partida de uma investigação ao qual esta associada à abordagem indutiva. Acredita-se que uma investigação descritiva poderá por em evidência determinadas hipóteses conducentes à formulação de categorias de observação e que estas podem servir do ponto de vista teórico para uma investigação qualitativa.

2.2 - Cenário

A área de produção de fumo na Bahia inclui 36 municípios, que se agrupam em quatro zonas fisiográficas, cujas particularidades de micro climas específicos e variações de solos conferem qualidades intrínsecas de cor, sabor (caráter, usando a terminologia dos charuteiros) e combustibilidade, determinando a usual classificação comercial do produto praticada neste estado, diferenciando preço e qualidade, bem como determinando o uso da folha para capa (revestimento externo), capote (revestimento intermediário) ou enchimento dos charutos (MESQUITA; OLIVEIRA, 2003):

- 1) ãMata Norteã (11 municípios) entre Feira de Santana e Alagoinhas, onde se produz um fumo mais forte;
- 2) ãMata de São Gonçaloã (10 municípios) entre Feira de Santana e Cachoeira, onde se produz um fumo mais suave com características próximas ao da ãMata Finaã;
- 3) ãMata Finaã (6 municípios) considerada a mais nobre área de produção, reunindo municípios em torno de Cruz das Almas e ;
- 4) ãMata Sulã (9 municípios) entre Santo Antônio de Jesus e Amargosa, que produz um fumo suave.

A figura 2.1 apresenta a região produtora de fumo para charutos na Bahia.

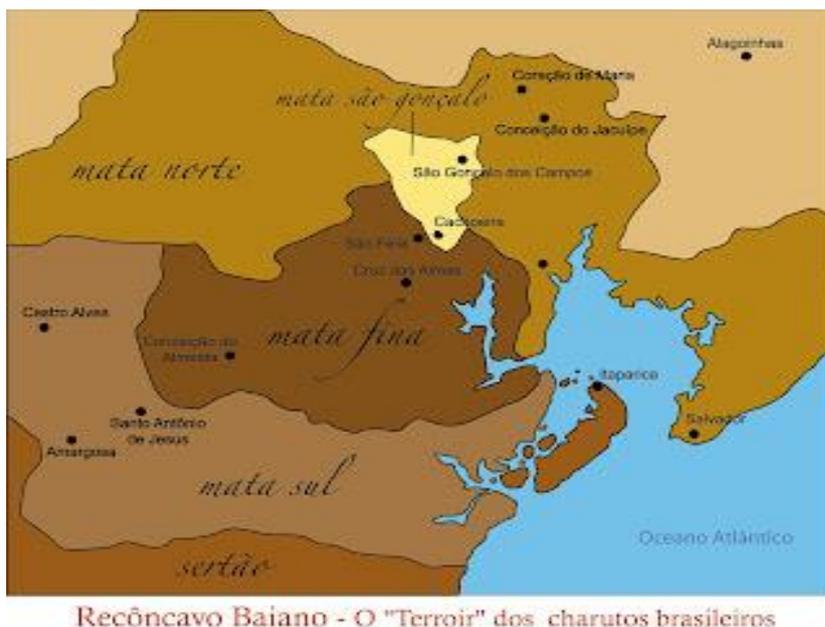


Figura 2.1 - Regiões demarcadas por tipos de charutos

Fonte: Leonardo Bianchi, 2010

2.3 ó Objeto de Estudo

A pesquisa envolveu charuteiras de reconhecida vivência e experiência no fabrico de charutos. Mulheres residentes em Cruz das Almas, Cachoeira, Governador Mangabeira, São Felix e São Gonçalo. Através de entrevistas obtiveram-se as falas e as narrativas dessas charuteiras como fonte de coleta de informações. Também se fez entrevista com a presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Fumo e Alimentação (SINTIFA) ó D. Josenita Souza Salomão.

As charuteiras são os sujeitos históricos da pesquisa, assumindo a importância que a oralidade desempenha nessas transmissões de saberes. Portanto, ao considerar a importância da oralidade entre charuteiras, foi possível estabelecer um paralelo com o legado de elementos das diversas práticas culturais existentes no processo de organização das mesmas em direção ao seu próprio empoderamento.

A oralidade ou transmissão de saberes, assim como outras õtradiçõessõ são e estão profundamente presentes na cultura afro brasileira, e assim está intimamente ligada a õpalavra faladaõ. Na *fala* estaria a maior possibilidade de autopreservação da cultura. A tradição oral é entendida como grande responsável em imortalizar saberes milenares, garantindo sua propagação para a posterioridade, como confirma Amadou Hampaté BÂ (1982), em *A Tradição Viva*.

As entrevistadas tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões e pontos de vista. Utilizou-se de um roteiro não estruturado, contendo tópicos desejados a serem levantados. Ademais, a dinâmica da entrevista determinou quais tópicos seriam preferencialmente abordados. A análise dos resultados das entrevistas foi feita utilizando-se a técnica de *análise de discurso*; procurando-se verificar em primeiro lugar, quais os pressupostos inerentes à visão dominante por parte das charuteiras no setor agroindustrial de charutos, buscando avaliar, dessa forma:

- a) como o empoderamento é visto pelas charuteiras;
- b) se a percepção de empoderamento é generalizada;
- c) como o cooperativismo é percebido pelas charuteiras;
- d) alternativas para a reinserção da mulher no trabalho na indústria de charutos em termos de possível ampliação da demanda por mão de obra feminina, e quais as condições para tal;
- e) captar sugestões para embasar Políticas Públicas, entrevistando também um pequeno empresário na fabricação de charutos, bem com um dirigente de grande empresa na fabricação de folhas de fumo, indivíduos selecionados para se obter a visão empresarial do setor, *experts* no assunto.

Em suma, foram feitas entrevistas ao grupo focal, as charuteiras, sob a mediação da autora da pesquisa, e do orientador Professor José Alexandre de Souza Menezes.

2.4 ó Método

A metodologia utilizada foi baseada em *estudo de caso*, com a realização de entrevistas não estruturadas, buscando-se pessoas que conferissem uma representação social das charuteiras na indústria de charutos do Recôncavo da Bahia. A coleta de dados da pesquisa foi feita a partir de entrevistas que foram gravadas, com a permissão dos participantes, sendo as mídias resultantes transcritas. As entrevistas realizadas com as mulheres representantes da manufatura de charutos trouxeram resultados relevantes, promovendo algumas vantagens, tais como:

- i) a interação entre a pesquisadora e a participante entrevistada;
- ii) estímulos ao surgimento de novas ideias;
- iii) espontaneidade das informações;
- iv) o ambiente da coleta de informações foi estimulante;
- v) método e procedimento permitiram obter provas empíricas relacionadas ao problema.

Neste sentido, a busca da resposta à questão básica foi alcançada observando-se três princípios que deram sustentabilidade ao percurso do argumento, ou à lógica do discurso científico, são eles:

- a) Princípio da coerência ó isto é, a pertinência entre a questão e a resposta;
- b) Princípio da fundamentação ó que dá sustentabilidade e fundamentação teórica e empírica;
- c) Princípio da demonstração.

Dada à questão básica foi preciso desvelar as significações construídas pelas charuteiras sobre suas experiências. Trabalhou-se na questão básica, ou questão investigativa examinada, desdobrando-a em questões tais como: *o que?*, *opor quê?*, *o quais?*.

Os sujeitos eleitos para esta pesquisa qualitativa compuseram-se de mulheres com reconhecida importância em termos de conhecimentos, e reconhecidos como líderes na indústria de charutos, dada sua capacidade de articulação, liderança e representação social. A escolha foi intencional e construída em bases de confiabilidade mútua, estabelecida entre a pesquisadora e as charuteiras.

O caminho desta investigação exigiu que se seguisse um procedimento, revestido de um caráter científico que possibilitasse a compreensão do caminho ou método que foi traçado. A escolha deste método ampara-se em uma visão mais ampla do objetivo do estudo, dos fenômenos naturais e sociais (LUDKE, 1986; BOGDAN & BIKLEN, 1994; CHIZZOTTI, 1998; LAVILLE & DIONNE, 1999; MOSCOVICI, 2004).

Assim percebendo, considerando os objetivos perseguidos e os aportes teórico-metodológicos que fundamentam o trabalho, passou-se a delinear os procedimentos da pesquisa sob o amparo do chamado método da *Representação Social* - como teoria e método que ajudou a perceber, buscar, apreender e refletir sobre o sujeito, objeto da investigação.

O método conhecido pelo nome de Representação Social é importante quando se utiliza estudo de caso com atenção às narrativas, história de vida dos informantes. Segundo Laville e Dionne (1999, p.158), a história de vida, as experiências e vivências, podem ser configuradas como uma narração autobiográfica *o uma vez que é a própria personagem que a constrói e a produz, estimulada, influenciada ou orientada pelo pesquisador, que deve se mostrar discreto*.

Nesse sentido, elegeu-se a presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Fumo e Alimentação (SINTIFA), de Cruz das Almas, e membro ativo da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Tabaco, por ser uma representante de peso da classe que constitui objeto de estudo desta dissertação. Procurou-se perceber os significados como se fosse um *o captar*

da singularidade de cada charuteira, como sujeito e situando-a na representação ou no pertencimento coletivo, que se estava pesquisando.

Também, se propôs buscar as significações que as charuteiras estavam construindo, como tecido onde se inscreveria a ação da pesquisadora; isto é, teve-se o cuidado de estar sendo guiada por uma visão de linguagem e de audição. Ao propor que as visões de mundo das charuteiras estivessem sendo explicitadas, estar-se-ia supondo que todas as falantes possuíssem o que os linguistas conceituam como competência narrativa. Trouxeram, pois um acervo de saberes, baseado em vivências e experiências anteriores, e que seria preciso devolver-lhes, oportunizar nova apropriação deles e, mesmo, nova resignificação. Este pensar também implicava fazer essa *escuta*, utilizando o tecido da experiência individual que ali no entrevistado se instaurava, e ganhava contornos de experiência coletiva, dada a representatividade social do entrevistado.

Além das entrevistas, optou-se pela observação, como um meio direto que pode proporcionar a maior aproximação possível do sujeito da pesquisa para poder apreender e perceber a realidade e as ações que realiza no contexto em que se situa. Assim foram realizadas visitas a empresas produtoras de folhas de fumo, bem como a um pequeno empresário, além da participação no encontro técnico comercial Brasil ó China. Nas visitas às empresas foi descrito o ambiente de produção de fumo, seu beneficiamento e confecção de charutos no cenário investigativo.

A opção pelo método das Representações Sociais permitiu lidar com a relação contextual dos sujeitos, de considerar o entrelaçamento da esfera subjetiva com a objetiva e atentar-se para assunção do novo e do que é memória das *gentes*; e assim foi-se desvelando as *falas* e realizando a permanente *õleitura* da experiência das charuteirasö. A Representação Social se inscreve no universo de significados onde o indivíduo é visto como um sujeito histórico e tomado no contexto de uma situação social e culturalmente definida, situando-se (as representações) tanto no universo da cognição quanto no tecido da cultura (JODELET, 1984).

Jodelet (1998) entende a representação social como uma forma de conhecimento corrente, dito senso comum e caracterizado pelas seguintes propriedades: a) socialmente elaborado e compartilhado; b) possui uma orientação prática de organização e de domínio do meio; c) a representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém; d) através das representações sociais os objetos da cena social passam por simbolizações e resignificações. Nesse sentido, entende-se a representação como uma construção e uma expressão do sujeito. Em suma, as representações podem ser entendidas como o estudo dos

processos e dos produtos, por meio dos quais os indivíduos e os grupos constroem e interpretam seu mundo e sua vida, permitindo a integração das dimensões sociais e culturais com a história.

Reflexionar sobre as representações sociais é considerar, também, o conhecimento que se tem nomeado de *senso comum* e dar-lhes estatuto científico, como assevera Moscovici:

A ciência era antes baseada no senso comum e fazia o senso comum menos comum; mas agora senso comum é a ciência tornada comum. Sem dúvida, cada fato, cada lugar comum esconde dentro de sua própria banalidade um mundo de conhecimento, determinada dose de cultura e um mistério que o fazem ao mesmo tempo compulsivo e fascinante (Moscovici, 2004, p.60).

Sabe-se que, segundo os estudos sobre representações sociais encetados por Moscovici, os sujeitos dão significado às suas experiências do cotidiano em um específico contexto relacional. Os significados que conferem ao vivido, pois, são relevantes para os grupos sociais que se relacionam, vivem, agem e pensam em determinado contexto cultural. Tais significados compõem teias que, como um tecido de significados instituídos pelas ações humanas, são passíveis de serem captados e reflexionados (MINAYO, 1998).

Compreender e desvelar as representações sociais (mediante falas) e identificar as condições em que se situam os sujeitos ao emitirem-nas seria partir do *dito* e desvelar o *não dito*. Na análise, a escolha de categorias é fundamental, pois elas dão forma concreta às escolhas teóricas e metodológicas do processo de investigação.

2.5 ó Procedimento metodológico

A figura 2.2 oferece uma compreensão do procedimento adotado, pelo percurso metodológico, desde a apresentação do problema até a finalização das análises, em três etapas: preparação, desenvolvimento e conclusão.

3. O Mercado de Folhas de Tabaco e a Agroindústria de Charutos

[...] ão charuto não vicia, não é tragado nem possui produto químico em sua formulação. Mesmo assim, sofre preconceitos e sanções tributárias.

Ricardo Becker - presidente do Sindicato da Indústria do Tabaco do Estado da Bahia

3.1 - Introdução

O objetivo deste capítulo é analisar o mercado mundial de folhas de tabaco e as vinculações e condicionantes à cadeia agroindustrial do charuto no estado da Bahia. Antes, analisa-se, de modo introdutório, a organização e o funcionamento do mercado mundial de tabaco e aspectos da produção nacional de tabaco em folha, e sua respectiva configuração espacial. Também os condicionantes e as características existentes na dinâmica do mercado mundial de cigarro, dado que afeta de modo muito direto o funcionamento do mercado mundial de tabaco, influenciando e orientando as ações das companhias processadoras de tabaco. Em um segundo e último momento, analisam-se aspectos do agronegócio de charutos na Bahia.

3.2 ó Mercado nacional de tabaco

Deve-se a Cristóvão Colombo a descoberta do tabaco, na ilha de Cuba, no século XV e sua introdução na Europa, onde o consumo das folhas de tabaco progressivamente passou a ser difundido em grande parte dos países europeus e demais nações, alimentando um importante comércio internacional.

A evolução do mercado de charutos e cigarros no Brasil pode ser acompanhada pela importância que o tabaco sempre representou para a economia do país, desde o período colonial até os dias atuais. A industrialização no Brasil aconteceu no século XIX, visto que no período colonial o Brasil não podia ter fábricas a fim de não concorrer com Portugal.

Em 1808 o Rei Dom João VI, chegando ao Brasil, abriu o caminho para a produção industrial com o alvará de 1º de abril. A fabricação era simples: limava-se o rolo de fumo, surgindo daí o pó. Os franceses falavam em "*raper le tabac*", dando origem ao nome õrapéö.

A cronologia pode ser assim simplificada:

1808 - Chegada da Corte portuguesa ao Brasil que começou o costume de mandar vir rapé de Portugal.

1809 - Foram importadas 10.095 libras, a 800 réis a libra.

1817 - As primeiras fábricas instaladas, segundo algumas versões, foram as de Caetano Januário e Pedro José Bernardes, ambas no Rio.

1816 - O suíço Frederic Meuron fundara a fábrica Área Preta, na Bahia, mas outros registros dizem que isto só ocorreu em 1819.

1832 - Meuron criou sucursais em Andarahy Pequeno, no Rio de Janeiro e em Chora Menino, Pernambuco (1836).

1833 - Mais duas fábricas apareceram na Bahia, entre elas a que produzia o rapé, Princesa de Lisboa, no bairro Nazaré.

1850 - O principal centro produtor de rapé era o Rio, que já tinha cinco fábricas, uma delas a de João Paulo Cordeiro, cujo prédio seria comprado mais tarde pela Souza Cruz.

1858 - O Ministro da Fazenda dizia haver 11 fábricas de rapé no Império. No ano de 1888, eram apenas quatro, empregando 28 operários.

O charuto reinou entre 1808 e 1930. Ainda produto novo, já concorria com o rapé nos costumes da sociedade no Rio, onde era considerado então um elemento da elegância masculina, um produto com aspectos místicos, preferidos por um público de gosto sofisticado, quase uma religião do charuto, como descrevia a época, Wanderley Pinho.

No Brasil, entre os séculos XVII e XIX, a cultura do tabaco teve vital importância na efetivação do intercâmbio com a Inglaterra em troca do fornecimento de novos escravos africanos, viabilizando assim as condições de renovação da força de trabalho utilizada nas grandes propriedades rurais produtoras de cana-de-açúcar e de café.

Por serem inteiramente feitos à mão, a indústria de charutos em seus primeiros tempos tinha características muito especiais. Não havia necessidade de prédios apropriados, maquinaria, nem mesmo pessoal numeroso. Tanto que a fabricação começou como atividade caseira.

Em 1851, na Bahia apareceram duas das principais grandes fábricas de charutos então conhecidas: a de Costa Ferreira & Penna e a de Vieira de Melo. Depois de 1870, entre as mais importantes, pode ser citada a Dannemann, fundada em São Félix, Bahia e que mais tarde abriu filiais em Maragogipe e Muritiba. A Suerdieck, fundada em 1892,

dedicava-se inicialmente apenas à exportação de fumo e só começou a fabricar charutos em 1905. Em 1939 surge outro fabricante, também na cidade de Muritiba, a Pimentel Indústria de Charutos. No Sul, a Companhia de Charutos Pooch merece destaque. Fundada em 1891 no Rio Grande do Sul, ela conseguiu ocupar uma parte importante do mercado de charutos e teve uma sucursal na Bahia de 1912 a 1917.

No século XX, com o crescimento do consumo de cigarros, os charutos entraram em queda na preferência do consumidor.

As fábricas desenvolveram-se principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Havia dois tipos de fábricas de fumo. As que desfiavam o fumo em corda para a venda direta ao consumidor ou ainda para a indústria cigarreira, e as demais beneficiavam o fumo para exportação.

A liberação de preços e a guerra de preços da década de 90 resultaram em:

- i) Nova sistemática de cobrança de impostos e a liberação de preços ao fim do Plano Collor II gerando uma guerra de preços nas marcas mais baratas de cigarros. Para sustentar a guerra de preços, buscou-se maior eficiência naquele que é o maior custo do cigarro: a economia tributária.
- ii) Fórmulas desenvolvidas pelos empresários que avançaram para o terreno da ilegalidade, como no caso da exportação de cigarros para o Paraguai para posterior e ilegal reintrodução no território brasileiro.

Em 2002 o Banco Mundial publicou um estudo demonstrando o fenômeno do contrabando como problema global e como grandes corporações internacionais utilizaram essa estratégia para estruturar mercados em todos os continentes [Joy de Beyer - World Bank (*International Conference on Illicit Trade*) - New York, July/Aug 2002, - (<http://www1.worldbank.org/tobacco/>)].

Em consequência da guerra de preços, desde a edição do Decreto 99.061/90, o IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) dos cigarros era cobrado mediante a aplicação da alíquota seletiva prevista na TIPI (Tabela de Incidência do Imposto sobre Produtos Industrializados) de 300% sobre o resultante do percentual de 12,5% calculado sobre o preço do cigarro no varejo, que correspondia a uma alíquota efetiva de 41,25%.

Esse sistema foi substituído por uma tabela com valor fixo para cada classe de cigarro, de acordo com as características da sua embalagem, através da edição do Decreto 3.070/99. Os valores não guardam qualquer relação com o preço final do produto para o consumidor (*Base legal do Decreto 3.070/99 - Lei 7.798 de 10 de julho de 1989, que regula os Capítulos 21 e 22 da TIPI*).

Os efeitos do Decreto 3.070/99, a partir de julho de 1999, levaram as grandes empresas a reduzir os preços ao consumidor para R\$ 1,10. A pequena redução de preços foi o suficiente para ampliar a procura por seus produtos. A mudança do sistema de tributação lhes permitiu aumentar ligeiramente a oferta de seus produtos e ainda ter um significativo e contínuo aumento de lucratividade.

As medidas tomadas posteriormente pela autoridade tributária e pela autoridade sanitária não lograram êxito no combate ao contrabando e ao mercado ilegal. O produto contrabandeado, vendido na mais baixa faixa de preços, concorre com o produto das pequenas empresas.

Hoje, as pequenas indústrias encontram-se comprimidas entre os grandes competidores internacionais, os agentes do contrabando e o mercado informal que tem como suporte a sonegação.

O Setor é atualmente regulamentado pelo Decreto Lei 1.593/77, no âmbito tributário e fiscal, que outorga ao Governo Federal poderes para estabelecer as exigências para o funcionamento do Setor, o que é feito através da Secretaria da Receita Federal, por uso das Instruções Normativas (INØs), assim como, pela legislação de controle do consumo, regulada pela ANVISA.

O Decreto Lei 1.593/77 tem a sua origem na Constituição de 1965/67, à época, um período de exceção. Esse instituto foi recepcionado pela Constituição de 1988 no entendimento do Supremo Tribunal Federal, como um dispositivo válido no âmbito tributário.

A pretensão do agronegócio tabaco é que toda a regulamentação do setor de tabacos no Brasil seja decorrente de um ordenamento jurídico claro. Para a segurança jurídica dos negócios no setor de tabacos, é de fundamental importância a revisão desse marco regulatório, harmonizando seus dispositivos aos princípios doutrinários da Constituição atual. Regras que possam ser cumpridas por todas as empresas e que proporcionem condições para maior inclusão das pequenas indústrias no ambiente formal de negócios.

Mudanças positivas no regulamento atual requer a criação de norma estabelecendo a possibilidade das indústrias brasileiras de cigarros de utilizarem a capacidade produtiva ociosa do setor, facultando a produção por encomenda em estabelecimento de terceiros, desde que no território brasileiro.

- Aprovar e regulamentar as iniciativas empresariais para a formação de novos empreendimentos comuns entre empresas independentes, em todos os elos da cadeia produtiva, tais como: fundos comuns para compras e *joint ventures*.

- Criação de um programa especial de recuperação fiscal para as empresas do setor, de livre adesão, com critérios que atendam a capacidade de pagamento das pequenas indústrias, a fim de minorar os prejuízos e os lucros cessantes suportados pelos mesmos, a partir da edição do Decreto 3.070/99.

- Prever a proteção à concorrência, a não interferência do sistema tributário nas condições de competitividade e harmonizar as normas e regulamentos ao Direito Econômico.

Uma política adequada em relação as pequenas indústrias do setor de cigarros preserva a autonomia produtiva para o país em relação a importância do negócio no mundo, principalmente a exportação de produtos acabados. Com a assimetria econômica existente entre grandes e pequenas indústrias, sem a proteção e o incentivo constitucional, só restarão as grandes multinacionais operando no Brasil, em função das crescentes restrições a entrada de novos concorrentes no mercado, explorando um modelo de negócios concebido ainda no período colonial.

A concentração de todo o setor, que envolve mais de **2,5 milhões de pessoas**, considerando-se os fumicultores, transportadores, funcionários das indústrias de beneficiamento e das fábricas de cigarros, postos de venda, fabricantes e distribuidores de insumos agrícolas, além dos fornecedores de matéria-prima, em apenas duas empresas internacionais, representa um risco social para o setor (AFUBRA, 2010).

A Secretaria de Direito Econômico do Ministério da Justiça (SDE), no processo administrativo nº 08012.003303/98-5, assim classificou o mercado de cigarros no Brasil:

*“O mercado brasileiro de cigarros é um **duopólio**, em que a Souza Cruz detém 77,7% da oferta nacional e a Philip Morris 16,5%. Os restantes 5,9% estão divididos entre empresas de pequeno porte, que atuam principalmente na classe de preços A, que é a de menor preço. (...) O mercado brasileiro de cigarros é um **oligopólio diferenciado**, termo utilizado pela literatura de Organização Industrial para referir-se a mercados concentrados em que não prevalece a concorrência via preços, mas a **concorrência por diferenciação de produtos**. De fato, a única exceção que se verifica a esse padrão concorrencial é nas classes de preço de venda de cigarros A e B, de menores preços, nas quais concorrem as empresas de pequeno porte, com recursos limitados para investir em publicidade.”*

3.3 - Mercado mundial de tabaco

O mercado mundial de tabaco em folha é controlado por um pequeno número de corporações multinacionais fornecedoras de tabaco que controlam a produção e o fornecimento dessa matéria-prima para as indústrias de cigarro e charutos.

A partir do século XX, sobretudo, após as duas grandes guerras mundiais, o consumo de cigarros, associado à difusão dos hábitos culturais urbanos, acabou por se expandir rapidamente pelo mundo. Desde então, o crescimento do mercado mundial de tabaco se fez acompanhado também de uma progressiva ampliação dos níveis de produtividade das lavouras de tabaco e da produção industrial de cigarros. A partir da década de 1980, o aumento do consumo do cigarro e a comprovação de sua associação com inúmeras doenças e malefícios à saúde humana resultaram na promoção, em distintos países, de inúmeras campanhas e políticas públicas de combate ao tabagismo.

Todavia, tais ações não têm conseguido impedir o crescimento do comércio do tabaco em folha e do cigarro no mercado mundial, revelando a força econômica e habilidade política das corporações multinacionais tabaqueiras em suas relações com os governos nacionais e locais, e a diversa e complexa gama de estratégias econômicas e espaciais por elas utilizadas em seus processos de acumulação e de reprodução do capital (SILVEIRA; DORNELLES, 2010).

Milton Santos (1996), em *o Natureza do Espaço*, considera o período que tem início no começo dos anos noventa do século XX, caracterizado pela intensificação da globalização econômica e pela constituição e expansão, apresenta mudanças na organização e na dinâmica de desenvolvimento do mercado mundial de tabaco em folha. Mercado esse tão ou mais concentrado do que o do cigarro, mas cuja dinâmica e funcionamento, bem como organização espacial, são ainda pouco conhecidas do senso comum, e pouco abordadas pelas Ciências Sociais. Nesse período, se modificaram e também se renovaram as definições organizacionais, as estratégias de ação e as decisões locais das corporações multinacionais tabaqueiras quanto à expansão da produção do tabaco em folha, do seu processamento industrial e de sua comercialização, o que, por conseqüência, acabou influenciando também as decisões em relação ao direcionamento espacial dos investimentos de capitais.

A produção mundial do tabaco em folha se concentra em zonas de latitudes médias, com destaque para o Brasil e os Estados Unidos, na América, para o Malawi e o Zimbábue, na África, para a Índia, a China e a Indonésia, na Ásia, e para a Turquia, entre a Europa e a Ásia.

A expansão dos mercados mundiais de cigarros e de tabaco tem se caracterizado pelo aprofundamento da disputa entre grandes corporações multinacionais e pela intensificação do processo de concentração de capital, tanto na indústria de fabricação de cigarro, quanto na indústria de processamento de tabaco. O mercado mundial de cigarros se caracteriza por um diminuto número de grandes corporações multinacionais

que atuam de modo hegemônico no conjunto das etapas de produção, comercialização e distribuição de cigarros industrializados, evidenciando assim uma situação de forte concentração de capital.

Este poderoso conglomerado do tabaco na economia mundial está assentado em quatro pilares que mutuamente se reforçam como oligopólio e, simultaneamente, impõe barreiras à entrada de novos competidores (SILVEIRA; DORNELLES, 2010):

1) **Pilar tecnológico** - os contínuos investimentos em P & D (Pesquisa e Desenvolvimento) e o emprego de um moderno sistema tecnológico e de inovação nas atividades produtivas que asseguram elevados graus de automação, sinergia e produtividade;

2) **Pilar mercado** - a existência de complexas técnicas de mercado e de manipulação dos consumidores, organizadas através do financiamento de gigantescas campanhas de *marketing* e de publicidade, especialmente das marcas de cigarros globais;

3) **Pilar capital financeiro** - a íntima integração com o capital financeiro, seja participando do controle acionário das multinacionais cigareiras, seja financiando-lhes os recursos necessários à sua modernização e expansão; e

4) **Pilar estratégias competitivas** ó valer-se das diferentes políticas fiscais, cambiais e de juros existentes em cada um dos países, e contando com a integração técnica e financeira dos mercados regionais, realizarem sucessivas remessas e transferências de recursos e aplicações de capitais, entre as empresas subsidiárias, ou entre elas e as instituições financeiras parceiras, de modo a alcançar maiores níveis de remuneração do capital. Utilizar-se de mecanismo de subsídios cruzados que consiste na estratégia de transferir elevadas somas de capital entre uma e outra empresa subsidiária vinculada à corporação multinacional, a fim de contribuir para o equilíbrio econômico das suas empresas, ou para possibilitar a aquisição de uma nova empresa pelo grupo. Transferir capital entre as empresas dos conglomerados multinacionais do tabaco. Circular entre elas matérias primas, insumos tecnológicos ou produtos semi-elaborados, cujos preços são definidos com valores menores dos praticados pelo mercado mundial.

De acordo Silveira e Dornelles (2010) em 2007, a empresa estatal chinesa de tabaco CNTC (Companhia Nacional de Tabaco da China) detinha 32% do mercado mundial de cigarros, ainda que praticamente toda essa participação estivesse vinculada ao mercado interno chinês. Todavia, são as grandes corporações multinacionais como a *Philip Morris International*, a *British American Tobacco*, a *Japan Tobacco*

International e a *Imperial Tobacco Group* que ditam a dinâmica de funcionamento do mercado, respondendo por 52% da produção mundial de cigarros e controlando amplamente as redes de distribuição e de venda dos cigarros no âmbito mundial. Entre essas multinacionais, destacam-se a *Philip Morris International* e a *British American Tobacco* (BAT), dois dos maiores grupos privados do mundo, que tradicionalmente atuam no setor, e que desde os anos 1980 vêm intensificando suas ações no mercado mundial de cigarros e expandindo suas atividades em diversos mercados regionais.

Já em 1997 esse número diminuiu para quatro, reforçando o poder das chamadas *Big Three*, como eram conhecidas as três grandes empresas multinacionais norte-americanas que controlavam as atividades de compra, processamento industrial e comercialização da maior parte do tabaco em folha cultivado e utilizado na produção mundial de cigarros (HAMMOND, 1998).

Em 2005, ocorreu uma concentração ainda maior de capital e, basicamente, dois grandes grupos passaram a controlar o mercado internacional de tabaco em folha. Um primeiro grupo havia surgido em 1998, quando do anúncio da associação e integração das atividades desenvolvidas pela *Universal Leaf Tobacco* e pela *Socotab Leaf Tobacco*, sob o controle da primeira. Já o segundo, foi constituído em 2005 por ocasião da fusão das empresas norte-americanas, *Dimon Incorporated* e *Standard Commercial Corporation*, que concentraram capitais e integraram suas atividades, originando uma nova corporação, a *Aliance One International*. Embora outras empresas multinacionais também atuem no processamento e na comercialização do tabaco, são esses dois grandes grupos multinacionais quem dominam hegemonicamente essas atividades no mercado mundial de tabaco em folha. A condição econômica, a estrutura produtiva e a capacidade técnica e logística desses grandes grupos multinacionais possibilitam que eles participem de modo privilegiado e de forma hegemônica no mercado mundial de tabaco em folha.

A acirrada competição que existe entre esses dois grupos multinacionais se dá tanto em relação ao preço praticado na comercialização do tabaco processado, quanto através da maior habilidade e capacidade das empresas em valorizar e melhor atender às demandas e especificações dos seus clientes ó as empresas cigareiras ó referentes ao produto final que desejam. Isso impõe a necessidade de planejar e monitorar constantemente os resultados obtidos em cada etapa produtiva ó produção, comercialização, preparação dos *blends*, processamento e distribuição ó e gerenciamento corporativo internacional.

As principais corporações multinacionais de tabaco dispõem de condições que lhes possibilitam ampla mobilidade espacial, podendo desenvolver suas operações em qualquer lugar do planeta. Elas controlam desde os fatores locais e regionais indispensáveis à produção agrícola, ao processamento industrial e à exportação do tabaco; bem como as condições ambientais relacionadas à produção, pesquisa e o desenvolvimento tecnológico, a distribuição e a exportação de tabaco; o custo de produção e de exportação do tabaco; o desenvolvimento tecnológico de novas sementes e de processos agroindustriais, a certificação dos processos e produtos; inovações tecnológicas também têm possibilitado às corporações de tabaco ampliar o seu processo de acumulação de capital (SILVEIRA; DORNELLES, 2010).

Portanto, a presença dessas empresas nesses diferentes lugares e regiões produtoras de tabaco constitui-se em condição estratégica para conquistar ou mesmo manter uma posição de liderança nesse competitivo mercado. Assim, todas as grandes companhias multinacionais processadoras de tabaco procuram estar presentes, direta ou indiretamente, nessas diferentes áreas produtoras de tabaco, a fim de obter a diversidade e a quantidade de tabaco em folha necessária à produção dos *blends* demandados pelos seus clientes internacionais.

3.4 ó Agrobusiness tabaco no Brasil

A cultura do fumo possui grande importância socioeconômica no Brasil e envolve interesses de vários agentes de produção como: fumicultores, indústria fumageira, entidades ligadas à saúde, entidades ligadas ao setor ambiental e o Governo. A produção do fumo, no Brasil, é caracterizada pelo emprego intensivo de mão de obra e elevado valor de produção, além de ser uma importante fonte de receita para os governos federal e estadual (KONZEN e ROHR, 1988).

No Brasil o tabaco é produzido, sobretudo na região Sul do país, em cerca de 180 mil pequenas propriedades agrícolas que cultivam e colhem o tabaco de modo inteiramente manual através do emprego da força de trabalho das famílias dos agricultores. Localizadas em grande parte, em regiões colonizadas no século XIX por imigrantes europeus, as propriedades dos agricultores familiares apresentam em média uma dimensão de aproximadamente 16 hectares, das quais o tabaco é cultivado em áreas de 2 a 3 hectares (AFUBRA, 2010). A produção de tabaco é realizada através do chamado sistema de integração, em que a cada safra há a formalização, através de contrato, da relação comercial entre os agricultores familiares e as empresas

multinacionais. Nesse sistema de produção, os agricultores se comprometem a produzir uma dada quantidade de tabaco de acordo com as especificações técnicas das empresas, e as empresas, por sua vez, se comprometem em comprar toda produção dos agricultores, além de fornecerem assistência técnica e transporte do tabaco, das propriedades até os postos de compra e/ou usinas processadoras. (Anuário Brasileiro do Tabaco, 2011. Gazeta Mercantil).

Carvalho Junior, Binotto e Pereira (2005) apresentam o circuito envolvendo fumicultores até a comercialização de cigarros. As empresas fabricantes, que atuam dentro do Brasil, possuem todo um aparato de logística comercial próprio e completo, composto por carros, caminhões, representantes de vendas, central de vendas e de distribuição. A rede varejista de cigarros instalada no Brasil conta com aproximadamente 422 mil postos de venda (FGV, 2011).

Na figura 3.1 percebe-se como todos os elos produtivos da cadeia do fumo estão interligados. Começa pelos fornecedores de fatores e insumos e termina na logística de distribuição e consumo da folha *in natura* fora do país e/ou do produto final desse processo produtivo, os cigarros. A coordenação da cadeia do tabaco é controlada pela indústria fumageira e pelas usinas de beneficiamento.

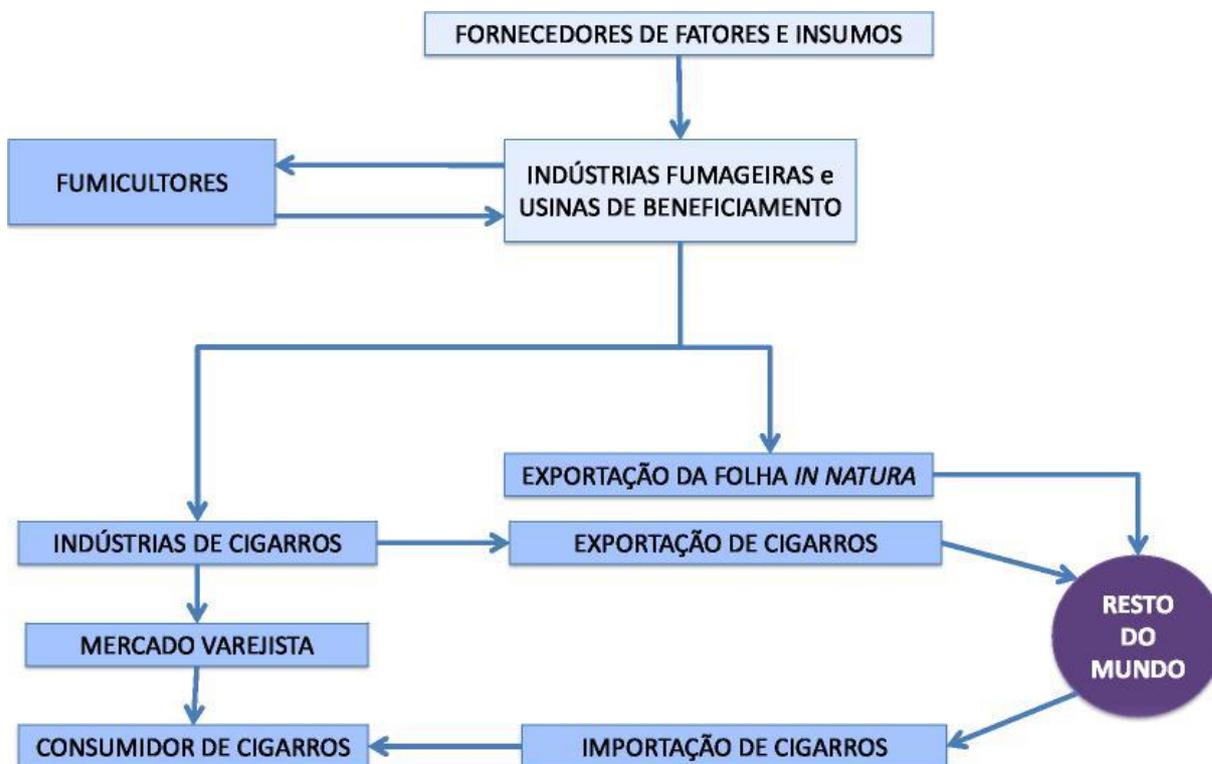


Figura 3.1 - Cadeia agroindustrial do tabaco no Brasil.

Fonte: Borges, 2011

Essa característica das empresas, em possuir uma rede de distribuição própria, tem como propósito final o maior controle e conhecimento sobre todos os processos de produção e comercialização do tabaco, para aumentar sua eficiência, além de criar um mercado de dupólio (CARVALHO JUNIOR; BINOTTO; PEREIRA, 2005).

O conteúdo técnico das propriedades fumicultoras tradicionalmente é baixo, restringindo-se ao emprego de sementes selecionadas e de insumos químicos como fertilizantes e agrotóxicos no plantio do tabaco, ao uso de estufas que curam o tabaco colhido através, principalmente, do consumo de lenha, e secundariamente, pelo consumo de energia elétrica. Embora os agricultores tenham no tabaco importante fonte de renda familiar, o valor da produção obtido na venda para as empresas não remunera de modo adequado o conjunto dos custos de produção que além dos insumos químicos e biotecnológicos, envolve o intenso trabalho das famílias em todas as etapas da produção e da colheita do tabaco.

Além disso, na comercialização da safra, as empresas se valem de um complexo sistema de classificação das folhas de tabaco, em que acabam manipulando os tipos de classes das folhas, e o respectivo valor a ser pago pela produção do tabaco, de modo a viabilizar a extração do sobretrabalho dos agricultores, e com isso assegurar margens maiores para a sua lucratividade. São as empresas, que após a compra do tabaco junto aos agricultores, que promovem seu processamento industrial e sua comercialização junto às empresas cigarreiras no país e no exterior (SILVEIRA; DORNELLES, 2010).

De acordo a AFUBRA (2011) o Brasil ocupa o segundo lugar no *ranking* dos maiores produtores de tabaco e o primeiro lugar no *ranking* dos maiores exportadores. Em 2009, foram exportados 672 mil toneladas da folha, gerando um valor de US\$ FOB 3.020 milhões, que corresponde a 2% do total das exportações brasileiras. Para o Sinditabaco (2011), os motivos que propiciaram essa liderança são: produção de grandes volumes, diversidade nos tipos de tabaco, alta qualidade da folha, integridade do produto, Sistema Integrado de Produção, serviços etc.

Cuba é o país que tem a tradição de possuir o melhor fumo de charuto do mundo, as características do solo deste país são tão ricas e complexas que cada uma das plantações de fumo produz um tipo específico de tabaco. A República Dominicana é outro grande fornecedor mundial, é um país pequeno, com menos de 49 mil quilômetros quadrados, e maior produtor de charutos manufaturados de alta qualidade do mundo. A principal região produtora é o Vale do Cibao, no norte do país. E graças ao embargo comercial dos Estados Unidos contra Cuba, a República Dominicana se tornou o maior

fornecedor de charutos para este grande mercado consumidor o norte-americano, além, é claro, da Europa (LADEIRA; IGLÉSIAS, 2002).

Os maiores produtores mundiais de tabaco estão apresentados na tabela 3.1:

Tabela 3.1- Maiores Produtores Mundiais de Tabaco (em t)

Países	2008/09	2009/10
1. China	2.229.920	2.355.500
2. Índia	737.330	765.000
3. Brasil	778.820	726.050
4. Estados Unidos	359.270	351.970
5. Malawi	231.980	224.290
6. Turquia	178.910	175.870
7. Indonésia	152.060	149.480
8. Argentina	135.560	132.720
9. Zimbabwe	48.820	123.470
10. Itália	102.920	86.780
Total	6.904.210	6.787.020

Fonte: Anuário Brasileiro do Tabaco, 2011.

Segundo o World Bank (1999), são cinco os principais fatores que impossibilitam a migração dos produtores da produção de fumo para outra cultura: (1) preço do fumo, relativamente estável possibilitando maiores condições de planejamento, além da garantia de compra pelas fumageiras; (2) fornecimento gratuito de assistência e orientações técnicas; (3) indústria fumageira se posiciona como avaliadora dos produtores junto às instituições financeiras; (4) tabaco é pouco perecível se comparado com outros produtos; (5) indústria se compromete em transportar e comercializar o fumo. E, para completar, Dorneles (2009) destaca que os produtores são frágeis, descapitalizados e possuem baixa qualificação técnica para bancar essa reconversão sem apoio do governo.

Os maiores exportadores mundiais são apresentados na tabela 3.2. E na sequência são apresentadas nas tabelas de 3.3 a 3.7 as exportações sul brasileiras de tabaco, o consumo mundial de cigarros, a produção de charutos e cigarrilhas e a produção de tabaco no nordeste, revelando assim o panorama brasileiro:

Tabela 3.2. Maiores Exportadores Mundiais de Tabaco (em t)

Países	2008/09	2009/10
1. Brasil	674.730	505.620
2. Índia	231.310	247.500
3. China	153.190	190.000
4. Estados Unidos	126.070	147.530
5. Malawi	140.070	134.470
6. Turquia	111.940	109.390
7. Argentina	83.340	73.110
8. Zimbabwe	71.560	70.000
9. Itália	55.500	47.200
10. Outros	642.260	713.100
Total	2.289.970	2.237.920

Fonte: ITGA/Afubra, 2011

Tabela 3.3. Exportações sul brasileiras de Tabaco (em t)

Ano	Volume (mil t)	Valor (milhões US\$ FOB)
1999	334	895
2002	472	1.607
2004	588	1.488
2005	610	1.702
2006	560	1.720
2007	700	2.200
2008	686	2.713
2009	672	3.020
2010	503	2.730
2011	2% a 6%	2% a 6%

Fonte: SindiTabaco e PricewaterhouseCoopers (pesquisa junto a 15 empresas associadas)

Fonte: ITGA/Afubra, 2011

Tabela 3.4. Consumo Mundial de Cigarros (em milhões de unidades)

Países	2008	2009	2010
1. China	2.738.530	2.744.010	2.546.760
2. Índia	461.350	462.270	462.730
3. Estados Unidos	437.770	438.640	439.080
4. Rússia	277.010	279.780	264.240
5. Indonésia	146.620	146.910	147.060
6. Alemanha	153.120	154.650	146.060
7. Japão	140.820	141.090	141.230
8. Turquia	116.250	116.480	105.600
9. Brasil	105.900	97.300	96.970
10. Reino Unido	95.220	96.170	90.830
Outros	1.021.870	1.002.920	1.223.980
Total	5.694.460	5.680.220	5.674.540

Fonte: ITGA/Afubra

Tabela 3.5 - Produção de Charutos e Cigarrilhas (em mil unidades)

Destino	2008*		2009**		2010***	
	Charutos	Cigarrilhas	Charutos	Cigarrilhas	Charutos	Cigarrilhas
Mercado interno	2.443	8.040	2.513	6.925	1.932	6.588
Mercado externo	1.040	2.099	740	1.190	574	1.944
Total	3.483	10.139	3.253	8.115	2.506	8.532

Fonte: Sinditabaco/BA *Nove empresas - **Oito empresas - ***Seis empresas

Tabela 3.6- Produção de Tabaco no Nordeste (em t)

Estados	2009*	2010	2011
Alagoas	11.255	20.193	14.898
Bahia	4.581	6.147	4.046
Sergipe	2.318	2.231	1.996
Paraíba	395	441	366
Ceará	358	321	135
Pernambuco	218	-	-
Rio Grande do Norte	215	-	-
Total	19.340	29.333	21.441

Fonte: IBGE/LSPA - *IBGE/PAM

Tabela 3.7-Produção de Tabaco no Nordeste

(Capeiro e bucha para charutos e cigarrilhas ó em t)			
Destino	2009*	2010**	2011***
Mercado interno	304	46	38
Mercado externo	1.992	2.060	1.390
Total	2.296	2.106	1.428

Fonte: Sinditabaco/BA *Dados de três empresas - **Dados de quatro empresas - ***Projeção de três Empresas

3.5 - O Agronegócio Charutos na Bahia

O Estado da Bahia foi o berço da produção fumageira e manteve-se na liderança até o início da década de 1950. No período colonial, as áreas destinadas no estado baiano à produção de fumo (figura 3.2) eram chamadas de *Campos da Cachoeira* que englobam as regiões de Cachoeira, Feira de Santana, São Gonçalo dos Campos, São Pedro da Muritiba, Outeiro Redondo e Santo Estevão do Jacuipe. Eram áreas de pequenos povoados e foram fundadas no final do século XVI (NARDI, 1996).



Figura 3.2 - Cultura de fumo no Recôncavo da Bahia
Foto: Gladstone Campos

A região do Recôncavo baiano produz fumo desde a época da colônia, quando as folhas eram moeda na troca por escravos. O Estado da Bahia, historicamente, especializou-se na produção de fumos castanhos (figura 3.3), do tipo *dark air cured*, cuja coloração varia do marrom bem claro a uma tonalidade mais escura, gradação conferida pelo somatório de fatores edafoclimáticos e diferenças de manejo durante o processo de fermentação. Essa produção destina-se, basicamente, à exportação na forma de folha beneficiada ou de charutos, produto mais nobre da fumicultura e de maior valor agregado, gozando de excelente prestígio nos mercados internacionais, em face à sua qualidade intrínseca, fato que determina a participação obrigatória do fumo Brasil-Bahia nos *blends* dos mais renomados charutos (MESQUITA; OLIVEIRA, 2003).



Figura 3.3- Charutos do Recôncavo
Fonte: Heckel Junior

Silza Fraga Costa Borba (1975), em sua dissertação intitulada *Industrialização e Exportação de Fumos da Bahia de 1870 a 1930* relata que a Alemanha representava o mais importante mercado de fumo de charutos de toda a América, era então, o centro do comércio internacional do fumo. A cidade de Bremen chegou ao fim do século XIX com o primeiro lugar na importação mundial de fumo em folha e, no início do século XX o fumo da Bahia ó como é chamado o fumo do Recôncavo -, ocupou lugar de destaque no comércio de Bremen, antes dividido somente com os Estados Unidos. (BORBA, 1975, pp. 75 -78).

Comparado muitas vezes com o fumo de Cuba, o fumo do Recôncavo, quando aqui beneficiado, também era destinado aos charutos de qualidade superior, uma vez que o interesse alemão pelo fumo baiano explica-se, dentre vários fatores, por suas características de fumos fortes com boa aceitação nos mercados da Europa Central (Suerdieck S/A Charutos E Cigarrilhas, 1905-1955). Anfilóbio de Castro, (1941) em sua obra *Muritiba: sua história e seus fados 1559 - 1941. Digressões - Notas à Bahia, afirma:*

[...] *Claro, aroma delicioso, fino, leve, elástico e resistente; folhas de limbos largos, nervação delicada, lisas, ora apresentando pêlos granulados a que chamamos em vulgar - "carrosquilhos", é o fumo das nossas bôas "malhadas". (...) Daí a sua reconhecida estima e preferência sôbre o de todas as demais zonas, para a indústria charuteira.* (CASTRO, 1941 p. 104-105).



Figura 3.4-Fachada da fabrica Danneman, Cachoeira

Fonte: <http://www.revistaevidencia.com/2012/03/novidades-de-salvador-5/> - acesso: 14/08/12

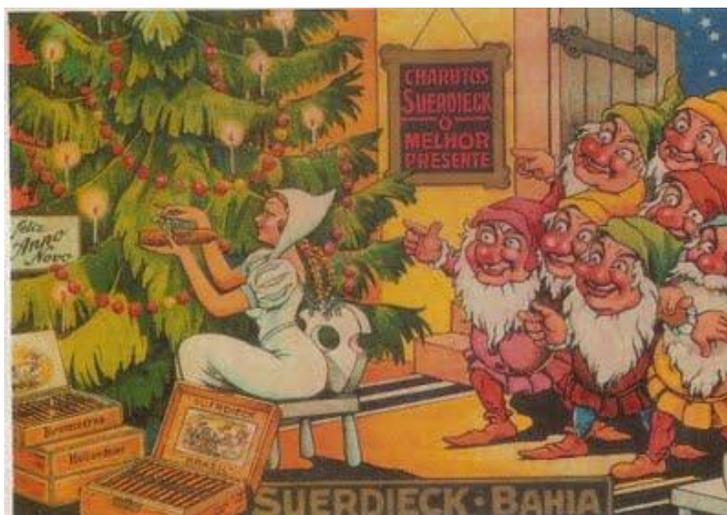


Figura 3.5-Anuncio Suerdieck-Bahia

Fonte: <http://vapordecachoeira.blogspot.com.br/2011/05/> - acesso: 14/ 08/ 12

Segundo Elisabete Rodrigues da Silva (2011), vale lembrar que a Bahia constituía-se, também, num grande importador de fumo de várias partes, através da cidade de Bremen de onde adquiria os charutos alemães. As relações comerciais entre a Bahia e a Alemanha evidenciam o reflexo do controle do mercado do fumo baiano pela Alemanha, pois, do Recôncavo era exportado o fumo bruto, que era beneficiado e reexportado como fumo de alta qualidade para ser utilizado, inclusive, nas manufaturas do próprio Recôncavo a preços altos.

O Estado possui 36 municípios produtores de fumo distribuídos em suas principais zonas de produção, compreendidas pelas regiões de Feira de Santana, Cruz das Almas e Alagoinhas, cada uma com distintas características de solo e clima, conferindo ao tabaco produzido diferentes propriedades organolépticas. A lavoura fumageira construiu uma economia em torno de si, responsável pela geração de renda e de milhares de empregos, servindo de sustentáculo para municípios como Cachoeira, Castro Alves, Cruz das Almas, Maragogipe, Muritiba, São Gonçalo dos Campos, São Félix, Sapeaçu, dentre outros do Recôncavo, especialmente da ãMata Finaö - expressão cunhada pela indústria baiana do fumo para designar a zona fisiográfica localizada na Região Econômica Recôncavo Sul, onde, em face às especificidades edafoclimáticas, se produz o melhor fumo para charutos do Brasil, de qualidade reconhecida internacionalmente.

O fumo Brasil-Bahia é uma espécie original que tem uma cor castanha, e conforme a origem de produção e os processos de secagem e beneficiamento, sua cor varia do marrom claro ao escuro, podendo até ser negra. Os grandes consumidores dos artesanais brasileiros são os alemães que, apaixonados por seu sabor adocicado e

excelente aroma, não se incomodam nem mesmo com a capa escura que assusta muitos americanos e mesmo brasileiros. (LIMA, 2000)

Os melhores fumos situam-se no centro da região, em torno de Cruz das Almas, Conceição do Almeida e São Gonçalo dos Campos. A região de São Gonçalo produz folhas grandes de cor marrom uniforme e aroma forte. Na mata sul, as folhas são pequenas, de cor amarelo-esverdeada clara, de sabor seco e aromático. Os fumos da mata norte possuem um aroma doce, a cor é castanha avermelhada e de boa elasticidade (LADEIRA; IGLESIAS, 2002).

De acordo com Celso Nogueira (<http://www.charutos.com.br/cigar.htm>) a referência mundial é o sistema utilizado em Cuba, responsável pelos melhores fumos do planeta. Não só as sementes e o solo cubano são superiores ó o país detém conhecimentos insuperáveis em termos de cultivo e produção. Para se fazer um charuto de qualidade os vários tipos de folhas são misturados (*blend*), juntamente com uma folha de capa adequada, em uma proporção especial para dar um charuto leve ou de sabor encorpado. Ele também garante que o charuto vai queimar direito. Folhas insalubres ou quebradas são utilizadas para charutos feitos à máquina. Se todas as folhas são boas, cada planta de capa pode envolver 32 charutos. A condição e qualidade das folhas da capa são importantes para a aparência atraente de um charuto, assim como para o aroma e o sabor.

Os vínculos entre Cuba e o Recôncavo da Bahia são fortes. A empresa Menendez & Amerino nasceu da união do baiano Mario Amerino Portugal com o cubano Félix Menendez. A dupla trabalha há mais de cinco décadas com os charutos. Como e quando os pés de tabaco chegaram à Bahia não é certo, mas o fato é que a adaptação criou uma matéria prima local e oportunidades de trabalho. Assim como em Cuba, a planta manhosa precisa de um micro clima ideal para dar origem a folhas longas, inteiras, sem quebras, indicadas para as capas dos charutos. O relevo, a fertilidade do solo, chuvas amenas e regulares, o Recôncavo é a *Pinar del Rio* brasileira. A região de Pinar, em Cuba, produz as folhas que dão origem aos caríssimos Cohiba, Monte Cristo e Romeu & Julieta.

O pioneiro na produção baiana de charutos é Geraldo Dannemann que veio da Alemanha em 1873, e deu início à primeira produção de charutos do Recôncavo, onde a fábrica, mesmo após sucessivas fusões, permanece em atividade.

Atualmente a produção é de cinco milhões de charutos/ano, concentrada em oito municípios (Cruz das Almas, Muritiba, São Félix, Cachoeira, Paraguaçu, Conceição do Almeida, Simões Filho e Salvador). Com liberação da exportação para a China, a

expectativa é que a produção aumente 100%, fortalecendo a cultura do fumo para charutos, criando empregos e recuperando a economia de toda região (SEAGRI, 2011).

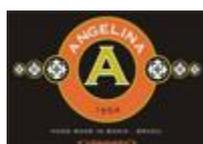
A economia fumageira produtora dos charutos na Bahia estruturou uma verdadeira cultura do fumo, moldando costumes, comportamentos, relações econômicas, sociais e políticas (MESQUITA; OLIVEIRA, 2003). Segundo Ricardo Becker, presidente do Sindicato das Indústrias do Tabaco, a Bahia já produziu 100 milhões de charutos por ano; atualmente oito fábricas sobrevivem e juntas conseguem produzir apenas 10 milhões de unidades por ano (SINDITABACO, 2010). Há uma concentração na produção baiana de charutos distribuída em quatro grandes empresas: a Menendez & Amerino, a Dannemann, a Chaba ó Charutos da Bahia e a *Le Cigar*. As principais marcas de charutos produzidas no Brasil, em ordem alfabética, são apresentadas no quadro 3.1.

Quadro 3.1 - As principais marcas de charutos produzidas no Brasil



Alonso Menendez - Produzidos pela Menendez & Amerino os charutos Alonso Menendez são uma criação do cubano Felix Menendez, seu pai foi proprietário das marcas Montecristo, H.Upmann e Por Larrañaga.

Aquarius ó Outra criação da Menendez & Amerino é o charuto ideal para quem está começando, pois tem um sabor muito suave.



Angelina ó É uma das marcas que mais tem crescido no mercado tanto em venda de charutos quanto em novidades de formatos e outros produtos.

Brasil Autênticos - Esta marca é fabricada pela Chaba - Charutos da Bahia e pode ser encontrada em oito diferentes formatos. Tem fumo selecionado (Mata Fina e Mata Norte) e sabor bastante pronunciado.



Caravelas ó O diferencial deste charuto são os seus formatos. São fabricados na Bahia em regime de produção exclusiva onde as folhas são adquiridas pelo próprio fabricante que supervisiona a produção. Tem um sabor encorpado.

Damatta - A linha dos charutos Damatta, possui em sua composição, fumos Mata Fina, em suas variações de combustibilidade, sabor de capote e capa; além da capa Sumatra, no caso do charuto capa clara.



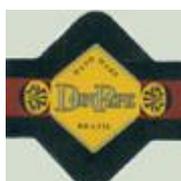
Delectados - Os Charutos Delectados levam em sua composição tabaco mata fina, um pouco de tabaco mata norte deixando o charuto mais encorpado, apimentado, lembrando chocolate amargo e café tostado.

Dannemann - Atualmente é a fábrica de charutos mais antiga do Brasil. É um dos maiores produtores de fumo do Brasil e tem fábricas na Alemanha e Suíça. Os charutos fabricados em São Félix - Bahia são excelentes, principalmente a linha Artist Line.



Dona Ero - Produzido pela Josefina Tabacos estes charutos são fabricados em Cruz das Almas. Na sua linha de charutos apresenta o maior charuto vendido no mercado; o Gran Corona com 23,5 cm de comprimento.

Dona Flor ó Mais uma marca produzida pela Menendez & Amerino, criada em homenagem ao romance de Jorge Amado. Um dos melhores charutos da linha é o Dona Flor Pirâmide com seu formato diferenciado.



Don Pepe - Lançados e produzidos pela antiga Suerdieck os charutos Don Pepe em seis formatos são produzidos atualmente pela Chaba - Charutos da Bahia em Alagoinhas - Bahia

Don Porfírio - Esta marca apesar de utilizar fumo da Bahia está sendo produzida em Boituva no interior do estado de São Paulo. O responsável pela produção é o cubano Diógenes Puentes que trabalhou por muito tempo na fábrica La Corona em Habana - Cuba.



Josefina - Marca de charutos produzida em Cruz das Almas no recôncavo baiano produz charutos e cigarrilhas com o mesmo nome.

Le Cigar - É uma das melhores marcas nacionais e possui apenas quatro formatos, lonsdale, corona, robusto e panatela que podem ser encontrados em capa escura (mata fina) e capa clara (Sumatra).





Quitéria - A fábrica de charutos foi fundada por ex-funcionários da Suerdieck, descendentes dos primeiros imigrantes europeus que vieram para o Brasil em 1920 para implantar a cultura do fumo. O nome da marca é uma homenagem a Maria Quitéria, patrona do exército brasileiro.

Siboney é Enrolado artesanalmente à mão no estilo cubano, como costumeiramente acontece com os charutos das melhores marcas, o Siboney é fabricado no Brasil com as folhas importadas. Esse processo, de produzir o charuto no Brasil com matéria-prima importada, é inédito no País.



Fonte: www.charutos.com.br

O agronegócio concentra-se em estratos detentores de áreas maiores, e compreende o próprio plantio das firmas comerciais-exportadoras ou de firmas da indústria de charutos. Já a pequena unidade produtora de charutos abrange cerca de 12 mil pequenos produtores que abriga milhares de empregos nas 2.326 propriedades produtoras de tabaco, cujos estratos produtivos chegam até cinco hectares. Observa-se a predominância de pequenos agricultores que utilizam essencialmente a mão de obra familiar e promovem a rotação de culturas com outras lavouras, geralmente alimentares, que, em sucessão, aproveitam o poder residual das adubações. Esses agricultores geralmente enquadram-se como *part time*, visto que, em virtude de seus minifúndios se situarem na periferia de centros urbanos e não garantirem de *per si* a renda familiar, se ocupam de outras atividades urbanas, na maioria das vezes ocasionais, sem vínculo empregatício (õbicoö ou õbiscateö). Esta circunstância, atrelada à existência de grande contingente de õocupantesö ou õsem terraö, atesta sérios problemas na estrutura fundiária das regiões produtoras de fumo da Bahia, com graves reflexos nas esferas econômica, social e política.

César (2000) retrata com precisão a crise do agronegócio charutos na Bahia, por ele designado do *õImpério do Tabacoö*. Comparada ao passado fumegante, ela é, hoje, a pálida fumaça de um vulcão recalitrante, que teima em soltar as suas cinzas. Nos tempos áureos, a indústria fumageira na Bahia chegou a produzir mais de 200 milhões de charutos, por ano, exportando 30% da produção para os mais exigentes paladares da Europa e dos Estados Unidos. Agora não produz dez milhões de unidades anuais. Juntas, as três grandes fábricas do passado ó a Dannemann, a Costa Penna e a Suerdieck ó empregavam cerca de dez mil pessoas, em Cachoeira, São Felix, Maragogipe, Cruz

das Almas e Muritiba, dentre outros municípios do Recôncavo Baiano. Agora, as empresas remanescentes do ramo não empregam, diretamente, 500 operários. Nos bons tempos, a Bahia exportava 60 mil toneladas de tabaco, por ano. Hoje exporta apenas cinco mil toneladas.

De fato, hoje restam apenas oito fabricantes de charutos no território baiano: *Chaba* ó Charutos da Bahia (Alagoinhas); *Dannemann* (São Félix); *Josefina* (Cruz das Almas); *LeCigar* ó Manufatura Tabaqueira (Cruz das Almas); *Menendez & Amerino* (São Gonçalo dos Campos); *Paraguaçu* (Cachoeira); e *Talvis* (Cachoeira). Todos de capital nacional, à exceção da secular *Dannemann*, instalada em São Félix, subsidiária do grupo suíço *Burger* e que desponta como a maior produtora e exportadora de fumos para charutos do Brasil. Juntas produzem um total de 10 milhões de charutos por ano e possuem uma média de 12 mil trabalhadores envolvidos na cultura do fumo. As fabricantes de charutos no Estado da Bahia são apresentadas na tabela 3.8.

Tabela 3.8 - Fábricas de charutos na Bahia, 2006

AS FABRICANTES	
Empresas	Cidade:
Chaba - Charutos da Bahia	Alagoinhas
Dannemann	São Félix
Josefina	Cruz das Almas
LeCigar - Manuf. Tabaquera	Cruz das Almas
Menendez Amerino	São Gonçalo dos Campos
Paraguaçu	Cachoeira
Talvis	Cachoeira

Fonte: SINDIFUMO ó SP, 2008

O Brasil, além de ser o 2º maior produtor de tabaco do mundo, é o líder na exportação mundial do produto há 15 anos. Conforme dados do Sinditabaco, em média, 85% do fumo produzido no Brasil é destinado à exportação. *“O tabaco é atualmente a mais importante cultura agrícola não alimentícia do planeta, e contribui substancialmente para as economias de mais de 150 países”*, ressaltou o Diretor Geral da Adab, Paulo Emílio Torres. *“Por isso, tendo como premissa o cenário baiano, compete à Adab creditar a segurança fitossanitária da produção, colocando o tabaco*

baiano em condições de competitividade fora do país. (ASCOM / ADAB, 29/08/2012, p.1).

Odacir Tonelli Strada, presidente do Sindicato da Indústria do Tabaco da Bahia (Sinditabaco-BA), lista, entre outros fatores para a decadência, o câmbio desfavorável, a elevada carga tributária - cerca de 60%, tanto para o produto nacional quanto para o importado - e as pressões antitabagistas, aí incluída a regulação sanitária e os elevados custos para as pequenas indústrias.

O importador exclusivo de charutos cubanos para o Brasil, o empresário Alberto Salles, presidente da Emporium Cigars acha que os maiores inimigos tanto da indústria charuteira baiana como de sua empresa são os charutos cubanos contrabandeados ou falsificados. Segundo ele, o charuto cubano legalmente importado custa 222% a mais para o consumidor que o produto brasileiro *õPremiumö* da mesma medida (bitola, no jargão do setor) e com essa diferença de preço não pode ser considerado concorrente do produto nacional.

Segundo matéria publicada no Datamark, (03.09.2012), representantes do polo produtor de charutos do Recôncavo Baiano enfatizaram a concorrência dos charutos cubanos, que entram no Brasil sem pagar Imposto de Importação (II) graças a um acordo comercial Cuba-Mercosul, como um dos fatores para a crise de vários anos que vem provocando sucessivas reduções de pessoal e até fechamento de indústrias locais. O empresário, Alberto Salles, importador exclusivo de charutos para o Brasil, argumenta que o charuto cubano que entra no Brasil legalmente está isento do imposto de importação, mas paga os mesmos tributos que o produto nacional. Ele afirma que a Emporium Cigars importa por ano cerca de 600 mil charutos distribuídos pela Habanos S.A., empresa cubana que controla as exportações do produto na ilha. Em 2011, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, as importações brasileiras somaram US\$ 1,1 milhão. Para o empresário, o charuto legal só representa cerca de 60% dos charutos vendidos no Brasil com o selo de cubano. Os 40% restantes seriam contrabandeados ou falsificados. Ainda de acordo levantamento feito por Salles, o charuto autêntico cubano contrabandeado chega ao consumidor brasileiro mais caro do que o similar nacional em 36%. Já o produto falsificado seria vendido 30% abaixo do concorrente baiano. As comparações do empresário foram feitas entre os *tops* de linha, o cubano Cohiba robusto (o de maior tamanho) e o baiano Dona Flor Especial robusto. Na sua pesquisa, no mercado legal, ele encontrou a caixa com 25 charutos do primeiro por R\$ 1.850 e o segundo por R\$ 575,00. Mas, dependendo da loja, a diferença entre os produtos vendidos por unidade pode chegar a 300%.

Nesta mesma matéria do Datamark, Alberto Salles também considera que o charuto cubano é um produto de altíssimo luxo, consumido por uma clientela de alto poder aquisitivo e que não pode ser comparado ao produto brasileiro, mesmo sendo este também de boa qualidade. "*É como comparar champanhe francês ao espumante nacional*", avalia. A gaúcha Candice Marocco, estabelecida no Rio e sócia de uma rede de tabacarias - a Candice Cigar Co tem três quiosques, uma loja e duas lojas-bares e pretende abrir quatro franquias até o fim do ano, foi dirigente da empresa que importava cubanos antes da Emporium e concorda com Salles sobre o fato de o contrabando e as falsificações serem os maiores inimigos do produto legal, seja cubano ou baiano. Ela diz que o charuto nacional é mais vendido em sua rede. "Mas quem vende mais mesmo é o contrabandista", acrescenta. Segundo Candice Marocco, o ramo de charutarias está crescendo, como pode ser atestado pela expansão da sua rede iniciada em 2009. Ela admite que o número de consumidores é pequeno (estima-se em 50 mil em todo o Brasil), mas são pessoas com alto poder aquisitivo que não se limitam a degustar charutos. A empresária lembra que o varejo do ramo sofreu um forte abalo na década passada, com as leis antifumo e muitos comerciantes teriam optado por se concentrar na venda de presentes. Entretanto, merece destaque o apoio estatal ao segmento conferido pelo Centro Internacional de Negócios da Bahia ó PROMO, com apoio do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio ó MDIC/ Agência de Promoção das Exportações ó APEX, para promoção comercial do charuto baiano no exterior e o estabelecimento de um protocolo de intenções entre a Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária ó SEAGRI com o Banco do Nordeste S/A, que, não obstante, teve o seu desempenho prejudicado em função da decisão do Governo Federal de proibir financiamentos do crédito rural na linha do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF.

O parque manufatureiro de charutos do Recôncavo é composto por estabelecimentos fabris diversos, com volumes de capitais e tamanhos diferenciados. E, também, no bojo dessa dinâmica fabril se desenrolou outro quadro de mão de obra em domicílio, o de fazer charutos por conta própria, para comercializar no mercado informal. Assim, a indústria de charutos do Recôncavo não se restringe apenas as fábricas, ocupa também diversos espaços e invade a maioria das residências da população de baixa renda, completando o quadro do complexo setor agroindustrial do charuto (SILVA, 2010, p.14).

Os charutos mais procurados no mundo são provenientes de Cuba, República Dominicana, Honduras, Jamaica, México, Estados Unidos, Holanda e Brasil, sendo que

os charutos dominicanos vêm demonstrando procura crescente, abastecendo com qualidade um mercado que Cuba não consegue suprir regularmente em consequência de seu pequeno espaço físico para plantações, dos problemas climáticos em épocas de lavoura e, sobretudo, pelo embargo que os produtos cubanos recebem dos Estados Unidos. Surge então uma boa oportunidade de ocupação desta faixa de mercado ainda não explorada pelo charuto de origem brasileira por ter uma imagem bem posicionada fruto do seu diferencial de qualidade (LADEIRA; IGLESIAS, 2005).

Para o charuto brasileiro ocupar esta posição, as ações projetadas deverão contemplar o atendimento às demandas e projeção de cenários competitivos dos distintos *stakeholders* envolvidos, desde os capitalistas agrários, comerciais, industriais e financeiros, até os agricultores familiares e os trabalhadores rurais. A constituição de uma câmara setorial, legitimada pela participação democrática e efetiva destas representações sociais, pode vir a ser a melhor estratégia.

3.5.1. Impostos e taxas

De acordo com Augusto Sávio Mesquita e José Mário Carvalho de Oliveira (2003), em *õCultura do fumo na Bahia da excelência à decadênciaõ* deve-se destacar que uma das reivindicações do segmento industrial é a redução da carga tributária, que influi diretamente na competitividade setorial, exacerbando o chamado *õCusto Brasilõ*. Logo, o Sindicato das Indústrias de Fumo no Estado da Bahia vem pleiteando junto à Secretaria da Receita Federal a redução do Imposto sobre Produtos Industriais - IPI incidente sobre charutos e cigarrilhas (NCM 24.02.10.00), de 30% para 15%, defendendo o argumento de que a contribuição deste imposto pela indústria de charutos é inexpressiva (o que, de fato, não ocorre com a de cigarros, responsável por grande arrecadação de tributos), em relação aos benefícios econômicos e sociais gerados. Em 1999, o segmento fumageiro nacional recolheu em IPI a expressiva cifra de R\$ 2,3 bilhões, sendo que a participação da indústria charuteira baiana foi de apenas R\$ 116 mil. O argumento dos industriais baianos é de que esta arrecadação é ínfima para a União, mas considerável para o segmento, que sofre os reveses de sucessivas crises e que agrega importante contingente de mão de obra. Convém ressaltar que o recolhimento do IPI de charutos e cigarrilhas equivale, apenas, a 0,005% da arrecadação do setor fumageiro nacional (capítulo 24/NCM).

No Brasil, acredita Menendez, o consumo de charutos *Premium*, que têm formato internacional e são feitos artesanalmente, é hoje da ordem de 10 milhões de

unidades por ano, incluindo os importados, especialmente os cubanos. Um consumo correspondente a 3 milhões de charutos por ano, relativamente pequeno, reconhece o empresário, diante dos 60 milhões de unidades do início do século 20, quando o cigarro, produzido industrialmente, ainda não havia conquistado a maior fatia do mercado.

Da base do consumo, argumenta Menendez, o charuto é um produto absolutamente natural, sem química nenhuma - apenas com folhas enroladas. "Enfim, uma obra de arte natural". A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) não o vê dessa forma e o charuto enfrenta as mesmas restrições que o cigarro. "*Hoje, torcemos para que alguma personalidade apareça fumando charuto em público, e tenho a esperança de ver Lula trocando o produto cubano pelo nacional, baiano*" (figura 3.6). Com faturamento de R\$ 9 milhões no ano passado, a Menendez & Amerino está investindo este ano R\$ 1,6 milhão em novos produtos e na abertura de mercados. "*Temos que conquistar novos usuários para garantir o futuro da empresa*", diz Menendez, que exporta 25% dos charutos produzidos na Bahia e 95% do fumo compra de 300 produtores baianos.



Figura 3.6- Presidente Luiz Inácio Lula da Silva fumando charuto
Fonte: Carlos Franco, O Estado de São Paulo - Domingo, 5 de outubro de 2003.
Disponível em: <<http://www.estado.com.br/editorias/2003/10/05/eco019.html>>

Hoje, a Dannemann dedica-se praticamente à exportação do fumo em folhas baiano e tem produção modesta. Já a Suerdieck, também de imigrantes alemães que a criaram em meados do século 19, em Cachoeira (BA), cerrou as portas há três anos e pôs a marca à venda. A própria Menendez & Amerino chega a vender ao exterior 95%

do fumo que compra de 300 produtores. É com 5% que produz os charutos e, em outra fábrica, toda mecanizada e com 150 funcionários, as cigarrilhas Gabriela e Saint James, esta última sob licença da Souza Cruz. Menendez, cuja família, antes da revolução cubana, em 1959, controlava a Menendez Garcia & Cia, fabricante das marcas Montecristo e H. Upmann, ensina: "*Charutos nunca devem ser tragados. Nem devem ser mergulhados em licores ou conhaques, porque isso estragaria tanto a bebida como o fumo*". (Matéria publicada na revista Gula, edição 129/ Julho 2003: <http://www2.uol.com.br/gula/charutos/index.shtml>).

Capítulo 4 - Mão de Obra Feminina na Agroindústria de Charutos

[...]Ainda, em tempos atuais ao se tentar desmistificar a idéia de que as mulheres enrolavam os charutos nas pernas, acabou por justificar que a escolha das mulheres para fabricar os charutos ocorria e ainda ocorre porque ã(...) elas são mais cuidadosas com as folhasö. (MUITO 117, 2010, p. 27).

[...]Era e é uma concepção já cristalizada no pensamento coletivo do Recôncavo e, também, incorporada ao conjunto de valores da sociedade brasileira, devido à sua formação patriarcal. (PINTO, 1998, p. 54)

4.1- A excelência dos charutos baianos

Três fatores explicam a excelência dos charutos baianos só superada pelos cubanos. Em primeiro lugar a influencia do controle de qualidade do charuto baiano exigida pelos fabricantes e consumidores alemães. Em segundo lugar a semelhança em qualidade intrínseca entre o tabaco do Recôncavo e o de Havana. E em terceiro lugar **a qualidade do manuseio na manufatura dada pelas charuteiras baianas.**

As mulheres charuteiras estiveram expostas ao aprendizado informal de qualidade e disciplina fabril alemãs, repassado nos principais centros fabris da região fumageira do Recôncavo Sul da Bahia, ou seja, nas cidades de Maragogipe, Cachoeira, São Félix, Muritiba e Cruz das Almas onde existiam as maiores e mais afamadas fábricas de charutos do país. Além de exportar e fornecer a outras regiões seus produtos formaram um parque de fabricação de charutos, chegando a produzir mais de 200 milhões deste produto por ano, artigo requintado da burguesia e que não faltava também nos meios populares, propiciando grandes incrementos à indústria e comércio do fumo baiano.

O cubano Menendez, industrial de charutos no Recôncavo assim descreve o trabalho feminino na agroindústria de charuto na Bahia. Apesar da fama dos charutos cubanos, ele é otimista em relação ao produto feito no Brasil, principalmente o baiano. ãFelizmente, está perdendo força a ideia de que charuto bom é só charuto cubano. Temos aqui na Bahia produtos do mesmo nívelö, afirma. Em Cuba, a tradição na montagem dos charutos está nas mãos dos homens. ãAs mulheres são mais concentradas e mais delicadasö, diz o empresário, que oferece uma das poucas alternativas de trabalho no pobre Recôncavo Baiano. ãInfelizmente, em São Gonçalo não há muita oportunidade. A alternativa é ir para Salvador, mas as mulheres ainda preferem ficar na cidade de sua família.ö (MOURA, 2007 - Revista do Brasil).

Vale considerar que inicialmente o trabalho feminino na agroindústria de charutos no Recôncavo fumageiro surgiu por força das circunstâncias econômicas da população local que, sem alternativas de trabalho, encontrou no cenário industrial as possibilidades de desenvolver mecanismos de sobrevivência. Quando percebido pelos industriais, passou a ser explorado, embora sem o caráter da subcontratação, mas utilizando o artifício de que se tratava de uma iniciativa da população, já que se aplicaria bem o termo do trabalho "*por conta própria*".

[...Paralelamente aos armazéns de fumos, embora ligada diretamente aos mesmos, se desenrolava parte da mão de obra marginalizada constituída de mulheres. Estas, por não participarem formalmente do mercado de trabalho, executavam em suas próprias casas a escolha e "destalação" do fumo. Era este trabalho denominado "trouxa de enrola", por ser o fumo transportado dos armazéns para as residências em trouxas de panos de anagem (juta) na cabeça de mulheres e crianças que, juntamente com as charuteiras no seu trajeto de vai-e-vem, iam formando o cenário urbano e social da zona (SILVA, 2011).

De acordo Silva (2010), no início o trabalho em domicílio se justificava por ser uma indústria ainda incipiente, funcionando em pequenos espaços e com mão de obra reduzida, para atender a crescente exigência do mercado interno e externo de derivados do tabaco, principalmente os charutos, cujas marcas foram criadas concomitantemente ao processo de instalação e crescimento da indústria. Assim, já em 1908, houve a distribuição de grande parte do trabalho "*em casas particulares onde era executado*". No segundo momento, a crise e a conseqüente falência da indústria fumageira, foi gerando uma massa ociosa de trabalhadoras (es) que, fora dos estabelecimentos fabris não teve outra alternativa, dedicou-se ao trabalho em domicílio, fosse ele fruto de uma relação de informalidade com as empresas que ainda mantinham-se na ativa ou por conta própria confeccionando charutos e fornecendo ao mercado informal, a fábrica e a casa que, desde a Modernidade, foram constituídos como espaços distintos por "natureza", no cenário da indústria fumageira, então, representavam uma polarização mais visível, pois, em se tratando de espaços de trabalho a fábrica estava associada a ideia de legalidade e formalidade, enquanto a casa, ao contrário, estava explicitamente associada a ideia contrária e ao lugar de clandestinidade. Assim, escolher os fumos e confeccionar os charutos na própria casa, fora do ritmo sistemático da fábrica, sem a proteção de uma legislação, tanto no tocante aos direitos trabalhistas quanto a regulação de preços dos charutos no mercado clandestino, constituíram num trabalho invisível (SILVA, 2010, p. 5).

Outros admitiam pertinentemente, no sentido de reafirmar a naturalização desta atividade como feminina. Segundo Geraldo Meyer Suerdieck e Rose Schinke, respectivamente:

[...] As mulheres eram mais cuidadosas, seletivas e perfeccionistas. Ao contrário dos homens, elas trabalhavam com mais amor e maior dedicação. Daí a preferência pelas charuteiras e não pelos charuteiros. (SUERDIECK, Geraldo Meyer apud CÉSAR, 2000, p. 6).

[...] Havia mais mulheres, é porque pra fazer o charuto as mulheres têm mais delicadeza e é um trabalho mais para mulher, fazer o charuto. Porque o homem não tem, talvez, aquela paciência de ficar ali sentado manuseando aquilo, é um trabalho mais leve, os homens ficaram na parte, justamente de força, era imprensar fardo, virar pilha de fumo (...). (SCHINKE, 2000, p. 15).

4.2. Cenário do trabalho das charuteiras

As manufaturas de charutos dividiam-se em dois grandes grupos. Um era formado pelas manufaturas de pequeno porte, de caráter caseiro e artesanal envolvendo apenas os familiares, funcionando como uma extensão do trabalho rural de cultivo do fumo que ocorria em círculos familiares. O outro grupo constituía-se de grandes manufaturas que, também pertenciam a grupos de famílias, contudo, estas famílias trabalhavam apenas na administração e nas relações comerciais, mas para o trabalho da lida, diretamente, com o fumo contratavam a mão de obra regional, principalmente as mulheres.

A mão de obra feminina é importantíssima no agronegócio fumageiro no Recôncavo da Bahia, tanto no cultivo, quanto principalmente na indústria manufatureira do charuto. A ela cabe à responsabilidade da manufatura dos charutos, habilidade intrínseca das mesmas. De acordo com Giedre Moura (2007, p.1), em Revista do Brasil, 19 dezembro de 2007, admite que as folhas de fumo cultivadas no Recôncavo Baiano dão origem a caros e cobiçados charutos. O segredo da alta qualidade, além do solo fértil, são as delicadas artesãs. A presença da mulher é importante também no cultivo, plantando, colhendo e depois comandando um processo cuidadoso de secagem, classificação e fermentação, pois as folhas precisam ser sobrepostas para ressaltar sabores e aromas típicos das qualidades Mata Fina e Mata Norte, cultivadas em cidades como Cruz das Almas, também do Recôncavo.

Para compreender a dinâmica do cotidiano das mulheres charuteiras envolvidas com o trabalho organizado no próprio domicílio, é interessante atentar para o artigo intitulado *o Trabalho Invisível e Relações de Gênero*, onde Silva (2010) analisa o trabalho das mulheres fumageiras nas fábricas de charutos do Recôncavo Baiano. Rodrigues da Silva (2010) relatou que na primeira metade do século XX, aquelas

mulheres não tiveram acesso ao trabalho nos estabelecimentos fabris, mas que executavam as mesmas tarefas no seu domicílio.

O contexto da indústria fumageira do Recôncavo reúne uma diversidade de atividades laborais em torno do fumo, que vai do campo a cidade, da casa a fábrica e vice-versa, bem como da legalidade a clandestinidade e/ou informalidade. Em todas as situações as mulheres protagonizam, não apenas em número, mas principalmente, pela determinação sociocultural da feminização desse lugar - o das atividades manuais e delicadas, estas que eram necessárias para o tratamento dos fumos e confecção dos charutos e cigarrilhas

Giedre Moura (2007, p.1) descreve o cenário da participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto, remetendo-se a tempos antigos, na região do Recôncavo Baiano:

[...]Em uma das mesas de madeira está Rosália Silva, de 48 anos, na sede da fábrica Menendez & Amerino, na cidade de São Gonçalo dos Campos, a 100 quilômetros de Salvador. Rosália é sinônimo de controle de qualidade. É ela quem verifica charuto por charuto, lote por lote, para selecionar as 25 unidades que vão compor uma caixa de marcas como o Dona Flor.

Na fila de análise está o lote Marilúcia. Não, não é outra marca, mas sim o registro da trabalhadora que o confeccionou. As artesãs, depois de transformar folhas secas em charutos, anotam seu nome e deixam o lote para o crivo de Rosália. Se encontrar algo fora do padrão, eu sei pra quem devolver, revela a artesã das folhas que, pela larga experiência, sabe exatamente o que os apreciadores de charuto esperam ao abrir uma caixa. É simples, mas funciona. A cada 450 charutos, apenas um é barrado no controle de qualidade. A informalidade e a quase familiaridade observadas no interior da fábrica não tiram a hierarquia e a liderança: As mulheres que trabalham na produção não podem reclamar comigo caso algum charuto precise ser refeito. É preciso sempre muito capricho, e essa é a minha função. Todas respeitam, explica Rosália.

A supervisora é uma das 90 empregadas da fábrica, em cuja produção só mulher tem vez. Além do capricho, a presença feminina tem a ver com a tradição, desde os tempos em que charutos eram enrolados nas coxas das índias, desde os tempos em que o tabaco era utilizado como moeda na compra de escravos. E quando o assunto é charuto, ensinam os cubanos, a tradição pode ser o segredo do sucesso.

Nas fábricas as charuteiras são trabalhadoras em regime de carteira assinada, nas plantações as relações contratuais variam. Os produtores tanto mantêm campos próprios como compram as folhas de tabaco de famílias e cooperativas, muitas delas criadas a partir de projetos de incentivo das próprias fábricas carentes de mão-de-obra de boa qualidade.

Logo cedo as mulheres chegam para o cultivo, ora plantando, ora indo e vindo com as folhas que acabaram de cortar de forma cuidadosa, que serão penduradas e secas em grandes galpões. Nesse momento a presença do homem pode ser notada. Com tetos altos, é preciso fazer o escaladão para atingir a altura ideal de secagem, e ali o tabaco permanecerá em busca de cor e textura ideais.

O fumo, caprichoso, tem várias manias. No campo, as mulheres revelam que a folha da parte baixa do pé tem sabor diferente da folha da parte alta, e é

da mescla que surge o sabor do charuto. O processo continua na fábrica, pois, na hora de montar, as folhas não são pegas de forma aleatória; a mistura de tipos de folhagem é outro segredo desse negócio secular e artesanal.

[...] A baiana Maria Antônia Barbosa, de 45 anos, há 24 enrola charutos na fábrica da Menendez & Amerino, em São Gonçalo dos Campos, a 100 quilômetros de Salvador. Ela leva duas horas para enrolar um charuto, preparando o miolo e o encapando - a parte mais nobre do ofício e também a mais prazerosa e rápida (10 minutos) porque, encerrada, o charuto está pronto. Na fábrica, são cerca de 100 mulheres de um total de 150 funcionários. Cada charuto, ensina Maria, é uma peça única, mesmo que metade do miolo, cortado, dê origem a outro. A diferença está na capa, porque as abas das folhas nunca são iguais e um é enrolado com a aba esquerda e outro com a direita. (Giedre Moura, 2007, p.1)

Em todas as situações do agronegócio do charuto as mulheres protagonizavam, não apenas em número, mas, principalmente, pela natureza laboral conferindo uma determinação sociocultural da feminização daquela agroindústria - o das atividades manuais e delicadas, das mãos femininas, necessárias para o tratamento dos fumos e confecção dos charutos e cigarrilhas.

Foi com a crescente demanda da produção de charutos, que começou a distribuição dos fumos nos domicílios para realização do trabalho de beneficiar (ou preparar os fumos) e confeccionar os charutos mais simples. Assim, o trabalho produtivo realizado pelas mulheres fumageiras do Recôncavo Baiano circunscreveu-se a esses espaços distintos - a fábrica e a casa. O primeiro, na fábrica, caracterizou-se como espaço externo, disciplinado e de disciplinamento, onde o controle e a vigilância dos sujeitos, no caso as trabalhadoras, não advêm ou servem a uma tradição, mas a um sistema de produção que tem como objetivo principal produzir em larga escala para obter lucros imediatos e cada vez maiores, o que faz extrair do/da trabalhador (a) todo o seu tempo e a sua força laboral. O segundo caracterizou-se como um espaço privado, e constituído da família, lugar de disciplina, de produção e reprodução de gêneros, em correspondência com as demandas morais, religiosas, culturais e sociais, em seus diversos contextos. Lugar adequado a exploração e, de forma inseparável a opressão, seja na produção ou na reprodução. Os valores produzidos e reproduzidos no espaço doméstico refletem, diretamente, nos ambientes e nas relações de trabalho (SILVA, 2010).

Apesar de ter predominado no imaginário social do Recôncavo Baiano o modelo de família nuclear, na prática esse modelo resumiu-se, apenas, a pequena elite econômica. Pois, nos meios populares a família constituiu de maneira mais contingente, cujo poder central, na maioria das vezes, era exercido pela mulher e não pelo homem, como no chamado modelo "tradicional". Em relação a noção do espaço da casa como

privado, não se trata de uma noção de lugar fechado, inacessível e sem relação com o mundo exterior, ao contrário, tratava-se, também, de um espaço de produção, onde a linha que o separava da rua era muito tênue.

De acordo com Silva (2010, p.5):

Boa parte dessas manufaturas ficava nas próprias residências e quase sempre envolvia a família toda. E muitas vezes contavam com compradores certos, até mesmo nas fábricas. Na antiga Vila de Cabeças, hoje cidade de Governador Mangabeira, Elizabete Rodrigues da Silva via diariamente sua mãe fazendo charutos para ajudar no orçamento da família. Durante mais de quarenta anos, Benedita Rodrigues da Silva, falecida em 2009, saía da Vila e caminhava até os armazéns de tabaco de Cachoeira e Muritiba. ãAli, vendia parte de sua produção; a outra metade oferecia a compradores, chamados de atravessadores ou intermediários, que mantinham uma freguesia semanal com as charuteiras, completa a historiadora.

Para a pesquisadora Silva (2010), houve nesse processo uma preferência revelada pelo estereótipo da docilidade e da natural delicadeza feminina, considerados essenciais para a fabricação do charuto. Na década de 1950, o diretor da Suerdieck, Geraldo Meyer Suerdieck, dizia que as mulheres eram mais cuidadosas, seletivas e perfeccionistas. Ao contrário dos homens, elas trabalhavam com mais amor e maior dedicação.

Vale salientar que nas fábricas, patrões, gerentes, mestres, operários e operárias ocupavam a cadeia hierárquica das posições e das funções para a realização do trabalho fabril. Em casa, tanto a atividade doméstica, como o trabalho com o fumo diretamente, eram realizados sob o comando das mulheres, mas, envolvia, exceto os homens, todos os membros da família, inclusive as crianças. Eram espaços fisicamente separados e distintos em sua função primeira, embora, fossem unidos pela rede de relações tecida pela população. (SILVA, 2010).

As charuteiras transitavam entre eles (re)inventando os seus modos de vida, buscando a sobrevivência, ao mesmo tempo em que forjavam todas as possibilidades de resistência a exploração e a dominação impostas pelo trabalho nos seus respectivos espaços (SILVA, 2010, p.7).

De acordo com Juliana Barreto Farias (2011) ainda hoje, na Companhia Brasileira de Charutos Dannemann, em São Félix, as mulheres continuam dominando a feitura dos puros baianos. Fundada por Gerard Dannemann em 1873, a fábrica chegou a reunir mais de três mil operários nos anos 1950. Agora, comandada pelo grupo suíço Burger, conta com cerca de quinze charuteiras, providencialmente trajadas de baianas, instaladas num amplo salão nos fundos do centro cultural mantido pela empresa, elas enrolam folhas de tabaco, colocam capas nos charutos e bitolam seus anéis.

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Fumo da Cidade de Cruz das Almas reconhece a existência das seguintes categorias de trabalhadoras:

Passadeira ou classificadeira ó realiza uma espécie de inspeção, pois passa o fumo vindo da **escolhedeira** classificando-o por tamanho, cor, cheiro e formato de folhas, passando para as bancas de capa ou para as camas de fumo;

Raloeira ó sacode, tira a terra e escolhia as folhas de fumo de classe inferior, geralmente, os fumos de 3.^a e 4.^a classes, o fumo utilizado na bucha de charuto; cama de fumo ó nesta, as trabalhadoras se posicionam dentro de uma caixa grande mais ou menos 2m x 2m, enquanto os homens jogam o fumo para que elas vão pisando e, assim, acamar o fumo para curar, e/ou enfardar as folhas para exportação.

Mulheres da cama de fumo - estas são escolhidas por serem mais fortes ou por serem desafeto dos mestres, na verdade é um dos piores serviços dentro do armazém.

Manocadeira ó faz as manocas ou bonecas de fumo, juntando pequenas porções de folhas de fumo, todas do mesmo tamanho, e enrolando a õcabeçaõ dos talos com uma folha avulsa do mesmo fumo. Este trabalho também pode ser realizado pelos agricultores dos fumos após a secagem, em suas próprias casas.

Trouxeira ó retira a trouxa de fumo do armazém para realizar a escolha no domicílio e, no dia seguinte, devolver ao armazém, onde é pesado, novamente, e anotado numa ficha ou caderneta até o dia de sábado quando é feito o pagamento.

Nas fichas de Registro de Empregados das empresas Suerdieck e C. Pimentel; (Correspondências internas da Dannemann, 1920 ó 1952; Silva, 2008) são registradas as seguintes funções:

Destaladeira ó retira os talos ou as veias principais das folhas de fumo;

Banqueira ou banca de capa ó abre e espalma as folhas de fumo chamadas de capa ou primeira folha do charuto;

Capoteira ó abre e espalma as folhas de fumo chamadas de capote ou segunda folha dos charutos; torcida ó preparação do fumo para a bucha ou miolo dos charutos;

Enroladeira ó enche o capote com a torcida, passa o papel para moldar o charuto antes de passar a capa;

Charuteira ó confecciona o charuto enchendo o capote e, principalmente, passando a capa e dando o acabamento final;

Cigarreira ó confecciona a cigarrilha enchendo o capote e, principalmente, passando a capa e dando o acabamento final;

Passadeira ó passa os charutos e cigarrilhas na bitola para conferir as medidas e retirar as peças defeituosas;

Cortadora de Selos ó corta os selos impressos em folha única;

Aneladeira ou seladeira ó coloca os selos nos charutos, em forma de anel, o selo é passado ao meio do charuto destacando a marca e o nome do fabricante;

Empapeladeira ou celofanista ó envolve o charuto em papel celofane para conservar o aroma e proteger contra fungos;

Encaixadeira ó coloca os charutos em suas respectivas caixas, conforme tipo, quantidade e marca.

As figuras 4.1 a 4.15 ilustram o trabalho feminino na fabricação de charutos no Recôncavo da Bahia.



Figura 4.1-Participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto

Foto: Euler Paixão, 2008



Figura 4.2-Participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto

Foto: Gerson Sobreira



Figura 4.3-Participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto

Fonte: <http://licormusashi.blogspot.com.br/2009/08/charuto.html> - acesso: 15/ 04/ 2012



Figura 4.4 - Linha de montagem dos charutos na Dannemann

Foto: João Correia Filho



Figura 4.5 - Participação do trabalho feminino na linha de montagem dos charutos

Foto: João Correia Filho



Figura 4.6 - Participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto
Fonte: Euler Paixão, 2008



Figura 4.7 - Participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto
Foto: Euler Paixão, 2008



Figura 4.8 - Charutos produzidos por charuteiras.

Fonte: <http://www.jornalbahiaonline.com.br/noticia/19660/> - acesso: 14/ 08/ 2012



Figura 4.9 - Charutos embalados por charuteiras.

Fonte: <http://www.charutos.com.br/charutos/brasil/brasil/dannemann.htm> - acesso: 10/ 04/ 12



Figura 4.10 - Participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto

Foto: Euler Paixão, 2008



Figura 4.11 - Participação do trabalho feminino no agronegócio do charuto

Foto: João Correia Filho



Figura 4.12 - Charuteira baiana

Fonte: Juliana Barreto Farias, 2011



Figura 4.13- Linha de produção

Foto: Heckel Júnior/Seagri



Figura 4.14- Charuteira baiana

Foto: Valéria Gonçalves



Figura 4.15- Charuteira embalando charutos

Foto: Valéria Gonçalves

5 - Empoderamento das Mulheres Charuteiras: redes, laços e políticas públicas

...Entre as charuteiras consultadas, afirmou-se que ão não tinha chefe mulher, os chefes eram homens. Dados da pesquisa

Este capítulo tem como principal objetivo discutir o papel da charuteira e as possibilidades de seu empoderamento através de formação de espaços associativos, redes, laços e políticas públicas, que permitam pensar a mulher como um sujeito político. A categoria empoderamento pode ser definida como um mecanismo de autonomia das pessoas, organizações e/ou comunidades inseridas em processos coletivos e sociais, que passam a controlar suas ações e decisões através da reivindicação de direitos e consciência de deveres. Dessa forma, torna-se importante pensar neste empoderamento, no cenário de bases e práticas patriarcais como as existentes no Recôncavo da Bahia.

Ademais procura demonstrar as implicações provocadas pelas relações sociais de sexo na ocupação dos espaços públicos e privados, pelas mulheres, em especial no espaço da casa e no espaço de trabalho. Como na epígrafe, escolheu-se pensar a condição das *mulheres-trabalhadoras* a partir das trajetórias de socialização estabelecidas nos espaços da família e do trabalho, uma vez que um dos principais condicionantes do "*ser mulher*" baseia-se nas expectativas criadas acerca dos papéis sociais elaborados para elas a partir do seu lugar na família.

5.1- O empoderamento da mulher na sociedade contemporânea

A igualdade de gênero é um compromisso internacional consagrado em uma ampla variedade de quadros internacionais políticos e legais, ratificada por governos em todo o mundo tais como: Declaração Internacional dos Direitos Humanos; Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW) e Declaração do Milênio das Nações Unidas. Nestas convenções a igualdade de gênero tem sido internacionalmente reconhecida como sendo fundamental para o desenvolvimento sustentável. Elas sustentam os princípios de empoderamento das mulheres lançados pela ONU Mulheres e Pacto Global/ ONU, realizada em Nova York - 8 de Março de 2010. Esses princípios são:

1. Estabelecer um alto nível de liderança corporativa para igualdade de gênero.

2. Tratar todos os homens e mulheres de forma justa ó respeito e apoio aos direitos humanos e não discriminação.
3. Garantir a segurança, saúde e bem-estar de todos os homens e mulheres.
4. Promover a educação, formação e desenvolvimento profissional das mulheres.
5. Implementar o desenvolvimento empresarial, cadeia de suprimentos e práticas de marketing que capacitem e empoderem as mulheres.
6. Demonstrar o compromisso da empresa com a igualdade de gênero e promover a liderança de mulheres na comunidade.
7. Medir e relatar publicamente o progresso para estimular a igualdade de gênero.

O conceito de empoderamento surgiu com os movimentos de direitos civis nos Estados Unidos nos anos setenta. Em âmbito internacional o conceito foi incorporado por feministas vinculadas à discussão sobre Mulher e Desenvolvimento (*Women in Development - WID*). Entretanto no documento da Terceira Conferência sobre a Mulher na ONU, realizada em Nairóbi, em 1985, o conceito de empoderamento aparece como uma estratégia conquistada por mulheres do Terceiro Mundo para mudar as próprias vidas, ao mesmo tempo em que isso gera um processo de transformação social.

Por empoderamento entende-se o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir. No campo das discussões sobre desenvolvimento, o empoderamento é visto por algumas ONGs como principal estratégia de combate à pobreza e de mudanças nas relações de poder. Dentre as condições prévias para o empoderamento da mulher, estão os espaços democráticos e participativos, assim como a organização das mulheres (*Women in Development ó WID, 1985*).

O empoderamento ou ðempowermentö, estabelece um diálogo com as formas de aquisição de poder e como estas agem sobre os recursos necessários ao desenvolvimento de uma região ou qualquer outro tipo de espaço. Dessa forma, percebe-se que as mulheres vêm assumindo um papel de provedoras e de chefas de família, sobretudo por deterem em suas mãos o poder aquisitivo e contribuir efetivamente para o orçamento doméstico. Numa perspectiva mais ampla, o empoderamento das mulheres pode transpor o âmbito doméstico e se consolidar em esferas públicas, na medida em que a participação das mulheres torna-se fundamentais ao processo de desenvolvimento de uma determinada região (MACEDO FILHO; REGINO, 2007, p.5).

A IV Conferência Mundial das Mulheres realizada em Beijing (1995) foi um marco histórico para o movimento de mulheres na medida em que passou a chamar a responsabilidade dos governantes sobre a desigualdade de gênero. A Conferência de Beijing apontou como estratégia para alcançar à democracia de gênero a incorporação

pelos Estados, da transversalidade de gênero nas políticas públicas, que prevê a equidade de gênero em todas as áreas de políticas públicas, com a finalidade de melhorar as condições de vida e o status das mulheres possibilitando o seu empoderamento.

A IV Conferência Mundial da Mulher (1995) Beijing ó China, destacou os direitos sexuais e reprodutivos e incluiu a Discriminação Racial como obstáculo para a igualdade e equidade entre as mulheres. Na Conferência de Beijing ficou muito claro que é impossível um pleno desenvolvimento sem a participação da mulher. Foi declarado e reafirmado que õos direitos das mulheres são direitos humanosõ.

Uma das conquistas mais importantes do movimento de mulheres nas últimas décadas foi ter colocado na agenda pública o debate sobre as principais demandas das mulheres, bem como a necessidade de uma instância em nível estatal responsável para atendê-las. Diferentes países, incluindo o Brasil, esta proposta passou a conformar parte das agendas de governo e traduziu-se em uma nova institucionalidade. Assim, em muitos estados brasileiros foram criadas Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres com o objetivo de propor, coordenar e executar políticas públicas para mulheres que contemplem a equidade de gênero. Foram criados também, os Conselhos dos Direitos da Mulher em nível nacional, estadual e municipal.

Macedo Filho e Regino (2007, p.1) argumentam que o empoderamento efetivo das mulheres deriva de uma reformulação e desconstrução dos atuais esquemas políticos e sociais, através da participação ativa em movimentos, conscientização na sociedade, atuação nas instâncias governamentais e também com a criação de organizações da sociedade civil (associações). Tais aspectos correspondem às alternativas de sobrevivência de várias mulheres e suas famílias, sobretudo, as de baixa renda, pois levam demandas do âmbito privado para os espaços públicos, influenciando nos processos de tomadas de decisões.

O empoderamento das Mulheres é precondição para obter a igualdade entre homens e mulheres e passou a representar um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. O movimento de mulheres tem situado o empoderamento no campo das relações de gênero e na luta contra a posição socialmente subordinada das mulheres em contextos específicos.

O termo empoderamento chama a atenção para a palavra *õpoderõ* e o conceito de poder enquanto relação social. O poder (na ciência política geralmente vinculada ao Estado) pode ser fonte de opressão, autoritarismo, abuso e dominação, mas ao mesmo

tempo pode ser uma fonte de emancipação (na proposta do feminismo), uma forma de resistência.

Empoderamento na perspectiva feminista é um poder que afirma, reconhece e valoriza as mulheres. Implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher como gênero. Significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e as violações (LISBOA, 2008).

Entre os objetivos do Milênio da ONU (UNESCO ó Brasil, 2005) estava o Objetivo nº 3 ó que propõe promover a igualdade entre os gêneros e dar mais poder às mulheres. Há uma preocupação dos estudiosos quando constataam que houve uma entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho, conquanto ainda persiste a segregação ocupacional, a discriminação salarial, o subemprego e condições precárias de trabalho. Na arena política formal, as mulheres tem alcançado pouco êxito. Apesar de leis específicas que estabelecem cotas para a participação das mulheres na política, a desigualdade de gêneros em relação ao número de cadeiras parlamentares no Brasil, é a maior de toda a América do Sul, superando até mesmo a média africana.

O Fórum Econômico Mundial (2005) preocupou-se com a melhoria das condições do mundo através do Documento *Empoderamento das Mulheres - Avaliação das Disparidades Globais de Gênero* o qual definiu cinco dimensões importantes para o empoderamento das mulheres: 1. Participação Econômica; 2. Oportunidade Econômica; 3. Empoderamento Político; 4. Avanço Educacional e 5. Saúde e Bem-Estar, especificados abaixo:

1. Participação econômica de mulheres - A presença das mulheres no mercado de trabalho em termos quantitativos é importante não só para reduzir os níveis de pobreza entre mulheres, mas também para aumentar a renda familiar e estimular o desenvolvimento econômico nos países como um todo. As sociedades precisam ver as mulheres menos como receptoras passivas de ajuda e mais como promotoras de dinâmicas de transformação. Participação econômica refere-se a salário igualitário. Em todo o mundo, desconsiderando o setor agrícola, mulheres ainda ganham menos de 78% da remuneração paga pelos homens pelo mesmo trabalho. As mulheres representam 70% da mão de obra agrícola e produzem 90% dos alimentos, mas não estão de forma alguma representadas nas deliberações orçamentárias.

2. Oportunidade Econômica - Diz respeito à qualidade do envolvimento econômico das mulheres. Internacionalmente, as mulheres estão concentradas, na maioria dos casos em profissões òfeminizadasö como enfermagem, serviço social, magistério, cuidado de idosos e enfermos - e tendem a permanecer nas categorias trabalhistas inferiores às dos homens. Como essas funções são desempenhadas na maioria por mulheres, o pagamento é o menor possível. Na agricultura, as mulheres raramente tem direito a terra, direito à propriedade ou direito à herança. Elas trabalham junto com os homens na lavoura, mas na hora de administrar os recursos, quase sempre são eles que assumem.

3. Empoderamento Político - Diz respeito à representação equitativa de mulheres em estruturas de tomada de decisão, tanto formais quanto informais, e também ao seu direito à voz na formulação de políticas que afetam a sociedade na qual estão inseridas. A ausência de mulheres nas estruturas de governo significa inevitavelmente que prioridades nacionais, regionais e locais ó isto é, como os recursos são alocados ó são definidas sem participação significativa de mulheres, cuja experiência de vida em relação aos homens proporciona a elas uma compreensão diferenciada das necessidades, preocupações e interesses. Estudo realizado, por exemplo, em três países completamente diferentes (Bolívia, Camarões e Malásia) mostra que, se as mulheres tivessem maior voz nas prioridades de gasto, estariam muito mais propensas a despender recursos familiares e comunitários na melhoria da saúde, educação, infra-estrutura comunitária e erradicação da pobreza, em oposição a gastos militares, bebidas alcoólicas ou jogo.

4. Avanço Educacional - É o requisito fundamental para o empoderamento das mulheres em todas as esferas da sociedade. Sem educação de qualidade as mulheres não conseguem acesso a empregos bem pagos do setor formal, nem avanços na carreira, participação e representação no governo e influência política. Educação e alfabetização reduzem índices de mortalidade infantil e ajudam a diminuir as taxas de fertilidade. A importância da alfabetização feminina é enorme, considerando que as mulheres ainda constituem dois terços da população analfabeta mundial.

5. Saúde e bem-estar - De acordo com a Organização Mundial da Saúde, 585 mil mulheres morrem a cada ano, mais de 1.600 por dia, de causas relacionadas à gravidez e ao parto. Dos 46 milhões de abortos anuais em todo o mundo, cerca de 20 milhões são realizados de forma insegura e resultam na morte de 80 mil

mulheres por complicações. As taxas de fertilidade de adolescentes e o elevado número de gravidez na adolescência também são incluídas como indicadores de riscos à saúde entre mulheres de 15 a 19 anos. A OMS declarou que a violência contra as mulheres é um problema de saúde pública.

Estudos realizados sobre a equidade de gênero e empoderamento partem do pressuposto que o empoderamento das mulheres é condição para a equidade de gênero. Concluem que o primeiro passo para o empoderamento deve ser o despertar da consciência por parte das mulheres em relação à discriminação de gênero: reconhecer que existe desigualdade entre homens e mulheres, indignar-se com esta situação e querer transformá-la. Para se empoderarem, as mulheres devem melhorar a auto-percepção que tem sobre si mesmas, acreditar que são capazes de mudar suas crenças em relação a submissão e despertar para os seus direitos.

Segundo John Friedmann, (1996), *“não são os indivíduos, mas as unidades domésticas que são pobres, a própria pobreza deve ser redefinida como um estado de desempoderamento”*. É que as mulheres pobres são excluídas dos direitos mínimos porque suas famílias não tiveram ou não têm acesso ao poder social para melhorar as condições de vida de seus membros; elas não têm acesso ao poder político porque não compartilham as tomadas de decisões; não possuem o poder da voz, nem o da ação coletiva. Ademais, prossegue Fridmann, (1996), da mesma forma, não têm acesso ao poder psicológico que decorre da consciência individual de força e manifesta-se na autoconfiança. Em suma, não são consideradas cidadãs.

Três tipos de poder são identificados por Fridmann, (1996):

- a) O **poder social** refere-se ao acesso a certas bases de produção doméstica, tais como informação, conhecimento e técnicas, e recursos financeiros. Prevê o acesso a instituições e serviços e capacidade de influência em nível público
- b) O **poder político** diz respeito ao processo pelo qual são tomadas as decisões; não é apenas o poder de votar, mas, principalmente, o poder da voz e da ação coletiva que importa; significa maior participação no âmbito político inclusive o acesso a ocupar cargos de representação e direção.
- c) O **poder psicológico** ou pessoal inicia com o despertar da consciência em relação à sua autonomia e desenvolvimento pessoal; envolve autoestima e autoconfiança; ter controle sobre a sua própria sexualidade, sobre a reprodução e sobre a sua segurança pessoal; decorre da consciência individual de força.

Segundo Macedo Filho e Regino (2007, p.1), é possível observar que a mulher, além de atuar nas atividades da casa (cozinha, filhos, limpeza, cuidados de animais de

pequeno porte), realiza tarefas na lavoura (capina e colheita). Tais atividades são tidas como de *õajudaõ*, não como trabalho produtivo, excluindo-se qualquer remuneração ou mesmo o reconhecimento pelo grupo familiar de sua contribuição para a melhoria das condições da reprodução familiar, o que reduz, em muitos casos, a autoestima dessa mulher, que não tem noção do grau de submissão em que se encontra.

As relações de gênero na sociedade patriarcal e o empoderamento das mulheres fazem parte da dinâmica social das desigualdades, nas quais podem ser pautadas nas chamadas diferenças *-naturaisõ* construídas socialmente entre os sexos masculino e feminino. Nesse sentido, as diferenças *-naturaisõ* denominadas dessa forma pelo seu sentido biológico, são instrumentos utilizados pela sociedade com seus respectivos critérios hierárquicos para a distribuição de papéis. Ou seja, as desigualdades se originam a partir do momento em que determinados indivíduos passam a ocupar posições hierarquicamente diferenciadas na estrutura social, política e econômica de uma sociedade.

5.2 - O fio e a trama: conhecendo sujeitos, descrevendo situações, reconhecendo *um outro universo feminino*.

O mundo do trabalho em sua estrutura é constituído por uma realidade concreta, objetiva e histórica. As transformações no mundo do trabalho e as novas alternativas de relações de trabalho determinam um processo de objetivação da realidade subjetiva. Por outro lado o sujeito trabalhador, o ator, tem uma realidade subjetiva, simbólica, psíquica, tendo como foco papéis sociais, identidade, luta por integração social e reconhecimento dos sujeitos-trabalhadores.

Assim, o processo de empoderamento é visto como estreitamente relacionado ao de participação e cidadania. Experiências em diversas partes do mundo têm mostrado que processos de participação possibilitam processos de empoderamento. No combate à pobreza, o empoderamento orienta-se para a conquista da cidadania, e neste sentido devem ser assegurados canais para que as mulheres possam fazer parte de instâncias de definição, implantação e monitoramento de políticas como orçamento participativo, conselhos de políticas sociais, e de programas de combate à pobreza e à exclusão.

Empoderamento é ter autoestima, dado que a construção de uma autoimagem e confiança positiva é o primeiro passo para o empoderamento. Aprender a ter confiança em si mesma, respeito e autoestima é imprescindível para as mulheres se tornarem

sujeitos da sua história. É muito importante desenvolver habilidades para pensar criticamente, perder a vergonha de falar em público e poder expressar suas opiniões.

Vem se observando a ocorrência de uma cobrança maior das mulheres em relação a competência para formular, argumentar, intervir, negociar, apresentar propostas, na esfera pública. O espaço socialmente atribuído às mulheres, geralmente, está circunscrito à casa, ao grupo familiar e à comunidade a que pertence. Sair de casa para muitas mulheres surge como um aprendizado e uma conquista. No mínimo três obstáculos ainda têm que ser vencidos na conquista do empoderamento: a distância entre a casa e os locais para participar de reuniões ou eventos e o difícil acesso a transporte; a falta de apoio da família; e as críticas da comunidade.

õ...nas comunidades tem crítica quando a gente sai, dizem: pra onde tu vai de novo! Quanta viagem, chamam a gente de vadia, desocupada, perdeu o amor aos filhos, não é mais aquela mulher responsável... não cuida mais do marido!ö (MMTR, 2007)

O movimento de mulheres tem constatado a enorme distância entre os direitos formais e o exercício efetivo destes direitos, ou seja, a implementação dos mesmos. A luta por direitos não se limita a conquistas legais, mas inclui fortemente a invenção e criação de novos direitos que emergem das lutas específicas. Ao lutar por direitos se exerce a cidadania, passando a ser sujeitos políticos:

õ...aprendi a exigir os meus direitos na sociedade (...) aprendi a ter direito ao conhecimento e ir atrás do que é meu; nós mesmas é que devemos lutar por nossos direitos!ö (MMTR 2007).

Deere (2002) argumenta que o empoderamento pode ser considerado, baseado nas perspectivas feministas, como uma mudança radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subordinada da mulher como um gênero, e no âmbito do desenvolvimento. O termo é sinônimo de participação ou integração das pessoas no planejamento e desenvolvimento.

Axel Honneth (2003) enfatiza a categoria do reconhecimento na esfera pública como forma de tornar visível o invisível, dar um sentido positivo a uma identificação individual ou coletiva, mobilizar, publicizar. Enquanto o conhecer é um ato cognitivo não público (aberto), o reconhecer está relacionado a aceitação real do outro e de sua situação, implica compromisso político e responsabilidade. O contrário de reconhecer é ignorar. Por sua vez o poder público precisa reconhecer a importância do empoderamento das mulheres, que elas se encontram em situação de desigualdade em relação aos homens, que elas tem direitos, para em seguida assumir compromissos em relação à efetivação e garantia dos mesmos.

Axel Honneth (2003) argumenta que o empoderamento das mulheres implica em: acesso a políticas e recursos; acesso ao mercado de trabalho, a habitação, saneamento básico, educação, atendimento à saúde, segurança; direito a creches, escola, centros de esporte, cultura, lazer, formação e capacitação para seus filhos jovens e adolescentes; apoio ao tratamento de dependência química (álcool e drogas) para filhos e familiares; acesso a proteção em caso de violência doméstica e/ou violência intrafamiliar; apoio ao cuidado com pessoas idosas e enfermas; e oportunidade para participar de cursos de informática, e uso de computador, internet e outras tecnologias. Na agricultura ter direito à propriedade, acesso a programas de crédito, comercialização dos produtos e, sobretudo ao controle dos recursos.

Dessas constatações afloram as questões:

1. Como garantir a implementação das Políticas Públicas que serão discutidas e propostas?
2. Só poderá acontecer o empoderamento de mulheres se as Políticas Públicas que venham contemplar suas demandas e necessidades forem reconhecidas e assumidas pelo poder público e implementadas?
3. Como priorizar recursos nos orçamentos, garantir um orçamento de gênero nos Planos Plurianuais tanto nos municípios como no âmbito do Estado?

5.3 - Princípio da Transversalidade de Gênero nas Políticas Públicas

Argumenta-se que devem ser garantidos o debate e a participação das mulheres na formulação, implementação, avaliação e controle social das políticas públicas. A elaboração de uma matriz de transversalidade que permita orientar competências políticas, institucionais e administrativas e responsabilizar os agentes públicos em relação à superação das assimetrias de gênero nas distintas esferas de governo. A transversalidade garante cruzamentos de ação integrada e sustentável entre as diversas instâncias governamentais e, conseqüentemente, o aumento da eficácia das políticas públicas, assegurando uma governabilidade mais democrática e inclusiva em relação às mulheres (BANDEIRA, 2005 *apud* MENEGHEL, 2009, p. 19).

O protagonismo das Mulheres como sujeitos políticos, de acordo com Gohn (2008, p.10), deve-se ter como referência quem são os atores envolvidos, como se transformam em sujeitos políticos, que forças sócio-políticas expressam, qual o projeto de sociedade que estão construindo ou abraçam, qual a cultura política que fundamenta

seus discursos e práticas, que redes criam e se articulam, quais suas relações com conjuntos sociopolíticos maiores, etc.

De acordo com o Fórum Econômico Mundial (2005), o conceito de empoderamento inclui participação, direitos e responsabilidade, capacidade de realização e integração social. Empoderar as mulheres implica promover a autonomia e a equidade de gênero em todas as esferas, social, econômica, política, educacional e familiar. Conscientizar sobre as disparidades de gênero ainda existentes na sociedade e se mobilizar para a participação e organização de propostas coletivas de ação para eliminação das desigualdades é o primeiro passo.

Para Gohn (2008, p.30), o que irá definir a cidadania é um processo onde encontram-se rede de relações, conjuntos de práticas (sociais, econômicas, políticas e culturais), tramas de articulações que explicam e ao mesmo tempo sempre estão abertas para que se redefinam as relações dos indivíduos e grupos com o Estado :

[...] Quando falamos em participação, falamos também em pertencimento, em formação de redes, em sujeitos individuais e coletivos. A sociedade se organiza a partir do trabalho em redes. Quando a mulher busca o suprimento de suas necessidades, ela se constitui individualmente, mas o trabalho em redes a acolhe na forma de sujeito social. O Estado também, necessariamente, precisa se articular em rede para efetivar a sua política. Não podemos entender que o trabalho em rede constitua-se tão somente como alternativa de trabalho quando o Estado se afasta. O que precisamos entender é que as redes devem ser compostas juntas ao Estado (GOHN, 2008, p.30).

Segundo Covolan (2011) é dentro desta concepção que o movimento feminista e o movimento de mulheres brasileiras passam a se articular politicamente com as instâncias decisórias de poder. No Brasil, as mulheres não conseguiram ainda alcançar a representatividade política necessária para erradicar as desigualdades de gênero e raça/etnia tão latentes na sociedade brasileira, ainda que o País tenha eleito a Presidente Dilma Rousseff.

Em muitas regiões do país as mulheres vivem sob o domínio de uma cultura patriarcal, onde o espaço político sempre foi ocupado pelos homens. As mulheres têm avançado na luta contra esta cultura política, mas o caminho ainda é longo. No Brasil elas são a maioria da população, do eleitorado, nas universidades, mas quando se trata de poder, são minoria.

Ademais, no Brasil a política sempre foi um espaço masculino, construído historicamente pelos homens e para os homens. Às mulheres cabe o compromisso de mudar este cenário. Nenhum opressor ou dominante sai espontaneamente da sua condição hegemônica. A grande tarefa, o desafio intransferível para a conquista da plena cidadania pelas mulheres, é o enfrentamento do machismo, do patriarcado e da

subordinação de papéis. Construir uma consciência coletiva da importância da participação da mulher na política. Precisam eleger mais mulheres nos sindicatos, nos conselhos, mais prefeitas, mais vereadoras, mais deputadas, mais senadoras, mais secretárias de Estado, governadoras e presidentes. (COVOLAN; HELOISA, 2011).

6. As Falas da Experiência, Vivência e Inquietações Capturadas no Contato com as Charuteiras e Outros Atores Sociais

[...]a crise e a conseqüente falência da industria fumageira, foi gerando uma massa ociosa de trabalhadoras que, fora dos estabelecimentos fabris não teve outra alternativa, dedicou-se ao trabalho a domicilio, fosse ele fruto de uma relação de informalidade com as empresas que ainda mantinham-se na ativa ou por conta própria confeccionando charutos e fornecendo ao mercado informal.

Elizabete Rodrigues da Silva (2010)

6.1 - Introdução

Este capítulo apresenta as falas dos sujeitos envolvidos com a questão central que permeou esta dissertação, na tentativa de se buscar um entendimento dos papéis sociais desempenhados pelas mulheres no mundo do trabalho da economia agroindustrial do charuto, no Recôncavo Baiano. Assim se vale das falas femininas; coadjuvadas por empresários, e visitas a instalações e participação no Encontro Brasil-China. Isso implica assumir que, para o campo de investigação das Ciências Sociais, é possível iniciar uma pesquisa a partir das falas da experiência, vivências e inquietações percebidas e colocadas ao pesquisador no seu contato com os atores sociais. Assim, construiu-se, como primeiro momento desta pesquisa, a interrogação, o questionamento de certas dimensões da realidade da charuteira.

As falas a seguir registradas representam narrativas contemporâneas de um grupo que se vê diante da dificuldade estrutural e até mesmo simbólica de incorporar todos os seus indivíduos ao circuito de produção e conseqüentemente de se tornarem membros ativos e legitimamente representados na arena da produção de charutos, como proprietárias do seu próprio negócio. Nessas falas, se reconhece uma questão fio-condutor em comum: o empoderamento da mulher charuteira no mundo do trabalho e da integração social. Por se tratar de discurso oral, procurou-se transcrever as falas respeitando o máximo possível as suas idiossincrasias.

6.2 - Narrativas: as falas da experiência

Ao longo da pesquisa, houve a participação da pesquisadora no encontro da Missão Chinesa no Brasil (anexo A) e foram realizadas entrevistas com várias mulheres charuteiras e alguns empresários - pequeno produtor de charuto e grande empresário na

área de produção de folhas de fumo. A partir das falas foi permitido puxar fios e aos poucos ir tecendo uma percepção da realidade pesquisada. Essa situação foi percebida à medida que se acredita que a *investigação narrativa* é um movimento de colaboração que leva a uma explicação e re-explicação dos fatos narrados. Sendo o pesquisador o responsável por garantir que todas as vozes estejam presentes na ação investigativa (CONNELLY; CLANDININ, 1995). Segundo os autores, a *Investigação narrativa* é uma das formas mais apropriadas de se trabalhar com as situações exigidas pelos objetivos desta dissertação, pois as narrativas de vida podem dar sentido às práticas analisadas, no caso deste texto, através das falas das charuteiras.

As entrevistas foram realizadas nas cidades de Cruz das Almas, Cachoeira, Governador Mangabeira, São Felix e São Gonçalo, no ambiente de trabalho das charuteiras e em empresas. Para a realização das mesmas foi utilizado um roteiro pré-estabelecido com algumas questões, mas, à medida que as conversas transcorriam, as falas tornaram-se tão conversas e vivas e, embora a direção pré-estabelecida existisse, esta não caracterizou o enriquecimento dessas entrevistas enriquecidas por narrativas e despertando-se novas perguntas e novas reflexões.

As pessoas participantes das entrevistas optaram por serem identificadas e fotografadas e suas falas gravadas, no corpo do texto, fato que para o estudo foi muito importante, pois acredita-se que o sujeito encarnado participa de uma dinâmica criativa de si mesmo e do mundo com que ele está em permanente intercâmbio (NAJMANOVICH, 2001, p. 23). Ao trabalhar com o princípio de que o outro é um sujeito ativo-participante da ação pesquisadora - e o seu nome marca a sua participação enquanto ser social e profissional com a história própria de cada um, e ao questionar a possibilidade de utilizar seus nomes verídicos, uma das pessoas disse que não via motivos para não ser identificada, já que assume o que fala e faz, ou seja, é um sujeito de seu tempo.

Segundo Santos (2009) a narrativa deve ser compreendida como um processo coletivo, de troca e crescimento profissional composto por diversas vozes: a palavra por si só, nada diz, ecoa num vazio, apenas dentro da enunciação de um discurso, ela se reveste de todo um significado pertinente ao contexto sócio-histórico no qual é anunciada, além de vir embebida da entonação própria de cada sujeito.

6.3 - Entrevista com Representante das Charuteiras

Data: 31/ 01/ 2012

Local: Cruz das Almas e adjacências

Entrevistada: Josenita Souza Salomão presidente do SINTIFA - Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Fumo e Alimentação de Cruz das Almas/BA - representa a categoria das(os) trabalhadoras(es), fazendo parte da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Tabaco do Brasil, em Brasília. Tem assento em caráter consultivo e de espaço de diálogo privilegiado proporcionado pelo ambiente das Câmara Setorial, no processo de elaboração de políticas públicas e privadas. D. Josenita é retratada nas figuras 6.1 e 6.2 durante a coleta de dados, visitas a instalações e entrevistas.



Figura 6.1 - D. Josenita ao lado do Professor Alexandre e da Pesquisadora

Foto: autora da pesquisa



Figura 6.2 - D. Josenita em visita com a pesquisadora a um pequeno produtor de charutos

Foto: autora da pesquisa

Pergunta: - Como a senhora vê a atual política governamental que desestimula a produção local de charutos?

D. Josenita - *Mandar para o exterior para ser beneficiada, mas agora eu já estou sabendo que a Danco estava levando o fumo para o exterior e sendo beneficiado lá, é na Indonésia, mas eu soube que o trabalho lá não foi como o daqui, ai já tá voltando, então vai gerar mais emprego.... Deus ajude... Deus ajude que gere mais emprego. Então como eu estava falando sobre o charuto, devido as bitolas ficou insuportável para os patrões, então eles diminuíram o número de operárias, e essas operárias graças a Deus elas tem conseguido ... para o beneficiamento do fumo, umas estão empregadas já e outras estão fazendo em casa, eu descobri uma que nem sabia né, ai eu descobri uma que ... e daqui pra frente deve melhorar um pouquinho.*

Pergunta: - E estas que estão em casa elas não se organizam, duas ou três em parceria para desenvolver um trabalho?

D. Josenita *ó Não, não porque o importante pra elas é trabalhar dentro da firma pra elas ter a carteira apontada, as obrigações sociais em dias e se elas fizer isso como tem uma cooperativa aí que eu já denunciei também, essa cooperativa terceirizou o trabalho de uma firma e o que tá acontecendo, esse pessoal tá indo pra lá trabalhar eles descontam o INSS mas não repassa, ela recebe menos do INSS sem carteira*

apontada, sem FGTS, sem ter direito a seguro desemprego, sem ter direito a férias, sem ter direito a nada, por isso elas não se organizam, e não adianta o sindicato fazer uma cooperativa porque é prejuízo pra elas, entendeu?.. o que elas querem é dar continuidade a carteira pra elas chegarem a uma aposentadoria.

Pergunta: - Mas se elas próprias se estruturassem numa outra condição, através de órgãos, através de políticas públicas, não despertaria o interesse de criar núcleos domésticos

D. Josenita *ó Eu acredito que os próprios políticos não vão querer, você entendeu? Devido a perseguição que está no fumo, político nenhum vai se meter, nós pertencemos a cam... eu sou um membro da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Tabaco, a gente se reúne todo, agora dia 28 mar a gente tem uma reunião lá em Brasília, antes ia a ANVISA, o Ministro da Saúde, vários políticos ia, mas hoje tem o convite mas eles não estão indo, a Receita Federal ... vai assim a Receita Federal tá indo ... mas muito político mesmo pra ele se comprometer pra melhorar a situação da área fumageira, eles não querem se comprometer, por que, porque foi ... teve aquela Convenção Quadro aonde eu consegui trazer o senador Heráclito Forte aqui, eu já tinha participado de todas as audiências públicas que houve no Paraná, Florianópolis, em Santa Cruz do Sul, lá em Porto Alegre, em Camaquã. Então, todas estas audiências eu fui sempre defendendo as operárias para as carteiras delas ser apontadas, que é um trabalho que gera muita mão de obra e isso aí eu consegui lá em Irati, no Paraná, pedi a Heráclito Forte que ele viesse ver as operárias daqui, a quantidade de operárias, e ele veio. Nós fizemos esta audiência pública aqui na escola de agronomia e ele ficou sensibilizado e ratificou da seguinte maneira ó só pode acabar com o fumo quando achasse uma alternativa com a mesma rentabilidade de emprego ó mas o governo não está obedecendo essa regra aí.*

Pergunta: - E formalmente hoje tem quantas no mercado, na região do Recôncavo? A senhora tem alguma referência?

D. Josenita *ó Eu acredito que não chega a ter 5.000 onde trabalhava mais de 110.000 operárias.*

Pergunta: ó Isso no Recôncavo?

D. Josenita *ó Sim ... chegou. De 110 a 115.000 empregos diretos e indiretos*

Pergunta: ó Mas entre homens e mulheres?

D. Josenita ó *O homem, 5%. A maioria são as mulheres. São mães de família, pessoas que querem criar ... e muitas vezes tem o marido e a mulher trabalhando na mesma firma, se não tiver na mesma firma tá em firma diferente, trabalham na mesma área ... você vê quando existia a Agro, a Agro chegou a trabalhar com mais de 5.000 empregados, hoje tem a Fumex, pois a Agro foi a falência, e a Fumex comprou através de leilão a sede. E se muito trabalha lá é umas 1.000, 2.000 pessoas.*

Pergunta: - Mas continua com o mesmo processo de produção?

D. Josenita ó *Ela só não faz charuto, porque estas firmas aí, a Fumex, a Danco, a Ermor, ... elas trabalha com o beneficiamento do fumo, quer dizer do prantio ao beneficiamento e aí vem as firmas de charuto que muitas compram o fumo deles, ... do prantio vai para o armazém e as mulheres fazem o beneficiamento, separar né, as melhores, as mais inferior e aí eles exportam em fardas e eles vendem praqui 5%, 10%, 20% da produção pra essas firmas de charuto. Aí é onde elas vão trabalhar com charuto, já é outra área. Mas a firma que trabalha o beneficiamento do fumo, ela não fabrica o charuto, agora tem uns três meses que a Ermor me pediu cinco charuteira, eu saí, procurei, procurei e consegui, e eles estão fabricando charuto lá, mas eu acredito que sejam mais para amostra.*

Pergunta: ó Então, aqui no Recôncavo, quais estão produzindo o charuto?

D. Josenita ó *A MR, a São Francisco, a Tabaco Nordeste, que Rosival que está lá em Mangabeira, a Leite Alves que está em Cachoeira, a Dannemann que está em São Félix, tem a Menendes em São Gonçalo e aqui nós temos a de Pedro, o de Otamir, e... essas poucas. Todas pequenas.*

Pergunta: ó As grandes só no beneficiamento?

D. Josenita - *As grandes ... a que mais trabalha com cigarro, cigarrilha e charuto é a Leite Alves e a Tabamur, a Tabaco Nordeste.*

Pergunta: - E essa mão de obra desempregada faz o que hoje, a senhora sabe?

D. Josenita - *Essa desempregada, minha fia, esperando, trabalhando por contrato de 3 meses, 6 meses ... as firmas tá sendo ótimas pra elas, porque... o que é que a firma tá fazendo, ela pega uma quantidade de mulher hoje e trabalha por temporada de 90 dias*

e aí quando esse pessoal sai, aí ela já pega aquelas outras que está desempregada, porque a carteira é apontada.

Pergunta: ó E aí tem que dar o tempo necessário para ela retornar? Fica um tempo trabalhando, um tempo parada...

D. Josenita - *Enquanto isso outras vem e vão trabalhar, então estas firmas estão sendo até muito amigo. Né? Porque tem umas mulheres lá que tem muitos anos e tem outras que é poucos meses que ela trabalha durante o ano.*

Pergunta: ó Ainda assim não abarca todas elas.

D. Josenita - *Ainda assim tem muitas desempregadas. Muitas*

Pergunta: ó E a senhora não tem contato com elas, ela não tem a vontade de ter um espaço.... se tivesse um espaço que pudessem produzir, ainda que subsidiadas, o próprio charuto em si...

D. Josenita - *Eu acredito que se tivesse isso seria uma boa, mas acontece que se mandar o charuto para o comércio, eles cortam, vai ter que ter todo o processo de registro, receita federal, esse negócio todo, CNPJ, e aí quem vai fazer esse negócio todo para elas? Vai investir para poder elas trabalhar. Mas é difícil, vc ver que tem a fábrica, eles não tão investindo assim, ele já tá no comércio....*

Pergunta: ó Aí seria a ideia de pequenos núcleos onde elas produzissem e também tivessem um local para que elas oferecessem o charuto já pronto para o mercado. E elas hoje tem consciência que o charuto da Bahia tem qualidade e que é reconhecido lá fora?

D. Josenita ó *Elas tem sim, pois elas trabalham com perfeição, trabalham com o charuto bem confeccionado, com qualidade.*

[...]- *Hoje se hoje o governo trouxesse uma fábrica de suco, o que é que eles iam fazer? Pedir currículo, né isso, elas não tem currículo, tem currículo do armazém, não iam colocar elas, mas se abrisse uma fábrica de charuto, elas tinham currículo, tinham não, elas tem. Muita competência, prática... Tem tudo. Porque o charuto para fazer ele tem que a pessoa ter habilidade, a pessoa saber fazer, lidar com a capa, como enrolar o charuto, como preencher o charuto, a quantidade certa. Então, se abrisse uma fábrica de charuto era uma boa.*

Pergunta: - Não só uma fábrica, mas se elas reunidas como uma fabriqueta, (D. Josenita - que fosse uma cooperativa) que a produção fosse direcionada a alguém que desse o destino a estes charutos, onde elas pudessem ter o retorno, elas empreendendo?

D. Josenita - *Mas o charuto daqui é exportado pra lá fora, ele não fica aqui. Então tinha que ter pessoas que saíssem daqui para o exterior,.... outro dia teve um seminário, um congresso lá na Argentina, eu não pude ir, fui convidada, ... seria bom porque seria bom, porque a gente ia tomar conhecimento lá fora pra onde exportar este charuto.*

Pergunta: - Hoje a senhora teria um referencial para que eu pudesse conversar com alguém?

D. Josenita ó *Primeiro teria que entrar em contato. Estou esperando um congresso agora em São Paulo, que será no dia 7, eu devo viajar no dia 6 e voltar no dia 9.*

Pergunta: ó **O congresso é sobre o fumo?**

D. Josenita ó *Não, é sobre a Central Sindical. A gente vai eleger o diretor onde o sindicato também vai participar da diretoria, porque existe o sindicato, federação e confederação e a central, é o mais alto. Eu to viajando quando chegar já é o mês de Carnaval ... e depois eu posso entrar em contato e marcar. Em março tem a Câmara Setorial da cadeia produtiva do tabaco, mas antes o grupo temático se reúne aqui, do charuto, ainda não está marcado, a Câmara Setorial lá em Brasília deve ser no dia 27 ou 28, deve se reunir aqui no dia 25, nessa faixa aí para levar alguma coisa pra Câmara. Depois do Carnaval a gente agenda e eu vou ver direitinho se você pode participar do grupo temático, eu te levo como convidada. E se quiser participar da Câmara Setorial lá em Brasília nós vamos. Vai ser no dia 28 de Março. Eu tenho o grupo temático lá que é da Convenção Quadro, são dois grupos temáticos que eu pertenco em Brasília.*

6.4 - Entrevista com Charuteira

Data: 15/02/2012

Local: Cachoeira

Entrevistada: D. Rita



Figura 6.3 - D. Rita entrevistada pela pesquisadora

Foto: autora da pesquisa

Pergunta: - Qual a sua vivência, experiência como charuteira?

D. Rita - *Agora eu estou desempregada, realmente os impostos muito altos, aí não tinha como, você sabe que fumo e álcool é muito alto o imposto, mais do que os é foi isso a causa maior do desemprego. Eu trabalhei muitos anos, mais de 25 anos, é muito difícil porque eu mesmo não tenho expectativa de trabalhar na área de fumo, trabalhei na Danco fechou, trabalhei na Carleone, em Muritiba também era uma potência grande e fechou. Eu trabalhei lá também por 5 anos. Aqui eu trabalhei mais ou menos uns 15 anos. E agora estou desempregada e não tenho mais expectativa nenhuma pra área de fumo não... porque quem trabalha com isso são pessoas que não tem estudo, não é? Que nem eu que não estudei muito e sempre trabalhei nessa área porque não tive estudo para conseguir outro emprego. Um lugar que podia ir até analfabeta, muitas que tem é no armazém, é trabalhar com fumo. E a gente trabalhava, ganhava o nosso salário e agoracabou né? Pra mim mesmo acabou*

Pergunta - E a senhora trabalhou em alguma outra coisa além do fumo?

D. Rita - *Além do fumo trabalhei numa lanchonete, mas não deu certo por causa da minha experiência, do estudo, trabalhei 9 meses, daí por diante fico só dona de casa, faço alguma coisa assim, lavo um roupa, uma coisa, pra ajudar, tenho duas filhas que dependiam de mim, agora não que elas já estão criadas, sobre si, uma já tem uma filhinha, a outra tá pro Rio Grande do Sul trabalhando. Mas para eu ajudar o marido que trabalha e ganha pouco, pra ajudar o marido e dar uma educação melhor pros filhos a gente tinha que trabalhar, né? Agora que eu digo que não trabalho assim.*

Pergunta - E a senhora é jovem

D. Rita - *Que jovem, com 50 anos, agora eu fico pensando é a minha carteira que eu já tive tanto tempo trabalhando e agora, a carteira hoje em dia é*

Pergunta - E foi assinada?

D. Rita - *Todas assinadas, tenho a assinatura de todas as fábricas, direitinho, fundo de garantia, pagava tudo que a gente tinha direito. A fábrica sempre pagou, agora que eu vou ver para pagar para não perder, não é? Já tem um tempo, minhas filhas que vai me ajudar aí. E é mais assim, a gente não sabe o dia de amanhã, um problema de invalidez uma coisa que precise do INSS. Aí que é pior. Aí a gente fica doente, um segurado sem ter onde se segurar, né? É mais difícil ainda, marido ganha pouco..*

Pergunta - Seu marido também trabalha na área?

D. Rita - *Não, meu marido trabalha como conferente. Ele trabalha em negócio de supermercado.*

Pergunta - Sempre a renda foi da senhora e de seu marido...e aí criou as suas filhas.

D. Rita - *Sim, as meninas tem uma educação melhor. O dinheiro era para o sustento da casa, dinheiro para pagar um colégio particular para as meninas.*

Pergunta - A casa é própria?

D. Rita - *A casa é. Aqui mesmo a gente reconstruiu a pouco tempo. Trabalhar esses 7 anos que eu trabalhei, eu e ele, ajudei a construir, forrar, pintar, essas coisas*

Pergunta - A senhora desenvolvia que atividades? Seleção de folhas

D. Rita - *Aí não. Aí eu fazia embalagem, porque vende pra fora*

Pergunta - O charuto não é confeccionado aí não? Só embalagem?

D. Rita - *Só embalagem.*

Pergunta - E onde é que faz?

D. Rita - *As charuteiras dela faz, leva pra casa delas, fazem e trás o charuto pronto.*

Pergunta ó Ah ..., fazem no ambiente doméstico mesmo?

D. Rita - *É só a embalagem, faz os pacotes para mandar pra fora*

Pergunta - E a senhora nunca pensou em fazer o charuto?

D. Rita - *Não, aqui eu embalava, nas outras fábricas eu selecionava as folhas, eu selecionava as melhores, as mais inferior. Destalava também.*

Pergunta - Quantas horas por dia a senhora trabalhava?

D. Rita - *Trabalhava o normal, 8h por dia.*

Pergunta - E hoje trabalha quantas pessoa aí?

D. Rita - *Hoje eu não sei, pois ai não tinha muita gente. Tem as charuteiras que trabalham fazendo charuto e pra fazer o serviço eu não sei, agora que eu sai, eu não sei se ela vai botar outra pessoa....*

Pergunta - A senhora saiu recente?

D. Rita - *Tem pouco tempo, tem um mês. Que os impostos tavam muito alto. Pra ter uma ideia o INSS pra gente pagar é R\$ 70,00, como lá é fumo, a minha parte era R\$ 40,00 e ela pagava R\$ 198 e fração, quer dizer né pra 1 INSS normal outra pessoa paga R\$ 70,00. Ela pagava R\$ 190,00 e descontava R\$ 40,00 da gente. Então você ver como é muito alto.*

Mas lá era tudo direitinho, pessoa muito boa ela, uma das melhores que já trabalhei.

Pergunta - O que a senhora acha para quem sempre trabalhou no charuto o que poderia melhorar?

D. Rita - *Tá difícil..... depois de muitas fábricas fechadas.... as expectativas são bem poucas.... eu mesmo não tenho mais esperança de voltar a trabalhar. Em Cruz das Almas ainda tem a Danco lá, né? Pra lá, tinham muitas colegas minhas que foram*

trabalhar lá, mas agora já tem muitas que foram colegas minhas que já foram demitidas também ... e só tá mesmo para as pessoas da cidade... Ficou só o pessoal de lá, reduziu...

Pergunta - Tinha alguma associação da categoria?

D. Rita -*Há muito tempo atrás, mas do meu tempo pra cá não me lembro mais. Se chama sindicato, eu acho. Não o povo nunca se reunião não. Bem que devia, eu sou da geração de fumo, minha avó trabalhava, criou minha mãe, as irmãs, tudo. Meu avô, todos dois trabalhavam no fumo, de armazém. Minha mãe trabalhou também em fumo, se aposentou trabalhando no fumo, na Carleone, onde também eu trabalhei. Então fechou, essas daí nem fala mais. E eu terceira geração que trabalha no fumo. De mãe pra filho, que sempre era de mãe pra filho. Então com minha avó, minha mãe e eu também.*

...Por eu mesmo dizia quando eu trabalhava no armazém, eu trabalhei, mas não queria minhas filhas no trabalho do fumo. Eu dizia eu vou trabalhar para dar uma educação pra minhas filhas conseguir coisa melhor. Então minhas filhas nunca quis, eu mesma nunca quis pra minhas filhas armazém pra trabalhar com fumo não. Que é uma coisa que não tinha futuro nenhum. A não ser que seja os donos, associados, essas partes, mas para quem trabalha ali no chão fazendo a lida ali não sai pra nada, só pro olho da rua. Então a gente sempre que o melhor pros filhos da gente, né? Minha filha mesmo trabalha pra uma rede de supermercados, mas é um escritório, mas tem 3 horas de almoço, acho que é, ela tem 3, então, ela trabalha na parte de escritório, com dinheiro, tem vale, tudo direitinho... então não é ainda o que eu queria pra ela, eu quero que ela faça faculdade, uma coisa assim. E a outra também quer fazer, a que está lá no Rio Grande do Sul, mas pra armazém eu nunca pensei pra minhas filhas não. Eu ia, não tinha jeito, pra dar um futuro melhor pra elas... sempre dizia que minhas filhas pra armazém não queria não.

Pergunta - E a atividade da senhora era estressante, tinha momentos estressantes?

D. Rita -*Quando a gente fala em trabalho, todos trabalho tem o lado bom, em outro momento porque empregado é empregado, patrão já sabe como é ... por mais que a gente de se dê bem ali, tem o momento que a gente tem que ouvir. Lá na Danco onde a gente trabalhou era muito humilhante, os patrões humilhava a gente, quem era mais alto...sempre tinha aquela arrogância, aquela coisa. Agora aqui não, eu trabalhei 7*

anos com essa moça, ela era muito boa, trabalhava de igual pra igual, pessoa muito boa. Ela é até alemã, o pai dela foi um dos primeiros gerentes daqui, da Suerdick, não sei bem não. Essa história só ela que sabe contar. Era uma pessoa muito educada, culta.

Pergunta - Mas se surgisse a oportunidade da senhora trabalhar na atividade, agora assim, associando vocês donas do próprio negócio, a senhora achava isso interessante?

D. Rita - *Ahhhh mas é muito difícil.*

Pergunta - Mesmo difícil, se houvesse um dia essa possibilidade a senhora ...

D. Rita - *A era bom... Eu mesmo sempre trabalhei com o fumo e gostava, sempre gostei de trabalhar com fumo. Eu gostava. Eu já sentindo falta, porque a gente acostuma.*

Pergunta Quando a gente trabalha, quando para a gente sente falta, não é?

D. Rita - *Sente falta, na minha idade é difíci, hoje em dia jovem está sendo difícil arranjar trabalho, quanto mais uma pessoa que passa do cinquenta ano, sem experiência asi, sem cultura, sem estudo, né?*

Pergunta - Mas aí na mesma atividade a senhora tem...

D. Rita - *Se tivesse..., aí eu ia trabalhar até me aposentar. Assim na minha área que eu sempre trabalhei. Em outra coisa não ...*

Pergunta - Se existisse uma cooperativa que a senhora pudesse estar integrada, como membro também ...

D. Rita - *Aí era bom, eu gostaria.*

Pergunta - Porque aí seriam pequenos núcleos, porque a gente sempre imagina assim em trabalhar em uma fábrica, uma coisa bem maior. E a possibilidade entre vocês, as vezes tem aquelas que são mais próximas, que você sabe da competência de cada uma, se organizar, vocês também precisam de apoio, de um referencial para direcionar como fazer, como desenvolver. Isso a senhora acha interessante?

D. Rita - *É interessante, mas impossível, as colegas quando sai assim cada uma vai procurar casa de família para trabalhar, tem muitas amigas minhas que trabalha em casa de família, vai pra prefeitura na área de limpeza, tem umas colegas minhas que*

trabalha varrendo a rua, um bucado delas, assim... então é difícil. Pra pessoa pensar assim tem que ter experiência, cabeça pra desenvolvimento, e as pessoa leiga que não sabe, só tem experiência de sentar no chão e fazer charuto, mas pra pensar em fazer uma organização, não tem. Fechou ali, cabou, ninguém pensa em mais nada.

Pergunta - Precisaria de alguém para alinhar tudo, montar a estrutura ...

D. Rita -*Mas isso é difícil, ninguém se interessa pela gente, pelo grupo da gente não, sabe como é assim, a pessoa quer fazer pra si. A não ser que tivesse a oportunidade de alguém fazer pra chamar a gente pra trabalhar, aí chamaria a gente pra voltar a trabalhar, né? Funcionária, mas se organizar pra fazer voltar ali...*

Pergunta - Vocês serem donas do próprio negócio?

D. Rita -*Ave Maria!!! É impossível, tai uma coisa impossível.... Pra Deus nada é impossível. Mas não tem São pessoas leiga como eu digo, né? Quando a pessoa tem o estudo, tem outra cabeça pensa assim pra frente, mas quando a pessoa não tem estudo, tudo pra pessoa pra li, mesmo que burro, como se diz, tudo ali na frente, tudo certo. Aquele cabinho ali, saiu dali cabou. La no armazém onde eu trabalhava mesmo, lá na Suerdick, tinha 500 e tantas funcionárias, era muita gente mesmo, a gente batia a sineta e pra chegar ia tudo disparado se não saia do armazém 6h pra bater o cartão, tinha umas tabuletas que tudo era uma fila, levava horas pra puder conseguir bater o cartão, quer dizer né, que era uma coisa grande, grande. Então vivia tudo ali, a vida da gente era aquilo ali. A expectativa da gente era o que? Porque era por safra, porque fumo é por safra. A gente trabalhava dizemos por 8 meses, direto trabalhando, acabava o fumo a gente vinha pra casa, a gente ficava 3, 4 meses em casa sem trabalhar, mas fazia o que, a gente recebia um dinheirinho, ia se segurando, quem não tinha marido, tinha que sustentar os filhos, colegas minhas que vivia daquele trabalho. Fazia o que, saia, vivia daquele dinheirinho, segurava, mas sabia que ia voltar, logo quando era no mês de novembro a gente voltava, a gente levava mais 8 meses trabalhando, 8, 9, 10, já levei até 1 ano fechado trabalhando. A gente já sabia pra onde a gente ia, né? Tinha aquela expectativa de vida, aquela garantia, saia, mas sabia que ia voltar. E depois que fechou não, todo mundo se espalhou, metade foi pra casa dos outros, que não tinha como se viver, outras foi pra prefeitura varrer a rua, outras achou logo algum trabalho de limpeza, cada um foi se espalhando.*

Pergunta - Mas a senhora tem consciência da importância do charuto baiano pra fora? A qualidade? Todo mundo que trabalha sabe?

D. Rita -- *Sabe da importância da qualidade pra fora, e é muito reconhecido. Muito.*

Pergunta - Quando a senhora começou a trabalhar tinha quantos anos?

D. Rita - *Eu tinha....quando minha filha nasceu, ela tá com 29 quando eu fui para o armazém eu tinhaEu tinha uns 23 a 24 anos. Jane tinha 2 anos. Mailane tinha 2 e Jane tinha 3. Então 29 menos 3.... Uns vinte e seis anos é ... Quer dizer, trabalhando e voltando. Indo e voltando pro armazém, mas eu gostava, minha vida, eu gostava. Sinto falta, a gente leva tanto tempo. Agora mesmo eu tava trabalhando direto, 7 anos direto sem parar, só férias, que eu recebia férias e tudo, mas voltava sempre a trabalhar. Agora eu estou sem expectativa. Agora ser sempre dona de casa, não vou dizer que guento mais ir pra casa de família pra fazer uma faxina e trabalhar. Mas também eu digo minhas filhas já tá criada, eu já não tenho tanta necessidade assim como eu tinha precisão, porque esses 6 meses que eu saia do armazém, sem trabalhar, eu sempre fazia uns bicos, sabe? Fazia faxina, tomava conta de velho, eu sempre fazia pra ganhar um dinheirinho pra poder ajudar minhas filhas. Porque eu sempre dizia assim, eu quero, como mãe, sempre mãe tinha esse dizer, não sei se você, é jovem, né? Eu quero pras minhas filhas, com a vida corrida assim, eu não quero dar pras minhas filhas a vida que eu tive, então eu tinha isso, né? Eu queria uma vida melhor pras minhas filhas, minha mãe tinha 6 filhos, criou tudo sem pai. Minha mãe no armazém direto trabalhando, pra poder sustentar a gente, então eu queria dar uma vida melhor pras minhas filhas. Agora como minhas filhas tão criadas, cada uma tá dona de si, Jane já tem uma filha, minha outra filha está no Rio Grande do Sul tem o trabalho dela, agora eu não tenho tanta necessidade assim, aí eu disse pro meu marido, brincando com ele, que eu já ajudei a criar as filhas dele, já tudo criado, agora ele vai voltar a me criar. Minha filha diz criar não mainha, pois você fica em casa lavando e cozinhado pra ele, tem mais que obrigação. Não tenho mais necessidade assim de sair pra trabalhar. Já trabalhei muito, desde 13 anos de idade, que eu me entendo como gente. Trabalhava em casa de família, enquanto minha mãe estava no armazém, os mais velhos tinha que ajudar com os menor. E aí minha vida foi isso, trabalhando, então hoje em dia eu não quero mais trabalhar. Se surgisse no armazém, até eu ia, entendeu? Mas outra área não. Não tenho mais vontade não.*

6.5 ó Entrevista com um pequeno empresário

Data: 17/10/ 2012

Local: Governador Mangabeira

Empresário: Rosivaldo

As fotos apresentadas nas figuras 6.4 a 6.9 foram documentadas durante a visita a pequena empresa.



Figura 6.4 - Proprietário no controle da qualidade

Foto: autora da pesquisa



Figura 6.5 - Operária charuteira na pequena empresa

Foto: autora da pesquisa



Figura 6.6- Operárias charuteiras no manuseio do charuto

Foto: autora da pesquisa



Figura 6.7- Operárias charuteiras na pequena empresa

Foto: autora da pesquisa



Figura 6.8- Operária charuteira na pequena empresa

Foto: autora da pesquisa



Figura 6.9 - Operários na pequena empresa

Foto: autora da pesquisa

Pergunta: - Já que você é proprietário de uma pequena fábrica, como você vê hoje esta situação do setor fumageiro, em especial a fabricação de charutos ?

Rosival: - *Eu vejo o seguinte, nós nunca mais vamos ver aquela produção que tivemos no passado, que empregava aquela quantidade de mulheres, que era mais mão de obra feminina. E é lamentável que isso venha a acontecer, porque tem pessoas que numa região com essa que só fazem isso, umas ficou desempregadas e não tem outra oportunidade. A gente tem a bolsa família que vem aliviando a situação de algumas mas isso não resolve o problema.*

Pergunta: - É um programa, e pode acabar.

Rosival: - *Eu acho que isso só vem complicar, pois tem outros setores que você não consegue mais uma mão de obra porque fica aí recebendo essa micharia que o governo paga e a gente fica sem mão de obra, infelizmente tem muita gente preguiçosa, mas a esperança da gente é que as autoridades acordem e vejam isso e deem pelo menos um incentivo para que a gente possa produzir, uma vez que o charuto ele é prejudicial, mas não é tanto quanto o cigarro, e no Brasil o charuto é consumido pouco, mais fora do*

país. A gente espera que aconteça um milagre aí e venha produzir como produzia no passado.

Pergunta:- E essa mão de obra hoje que está desempregada está vivendo de que?

Rosival: *ó Eu, algumas pessoas que eu conheço trabalham em casa de família, só que uma região como Cruz das Almas, o nordeste, a Bahia as pessoas não tem condições de pagar um salário e pegar estas pessoas que trabalham como domésticas e formalizar elas, então fica trabalhando informal recebendo R\$ 200,00 por semana, oh desculpa, se fosse por semana era bom, por mês, aí sim é que eu acho que estão sendo escravizadas.*

Pergunta:- Mas termina que não estão aí recolhendo o INSS ...

Rosival: *ó Não é contratada...*

Pergunta: - Pra fechar o tempo de trabalho dela para a aposentadoria.

Rosival:- *ó E são exploradas porque as vezes trabalha mais que as oito horas por dia e termina que as vezes dizem que empregada doméstica trabalha pouco em casa; trabalha não, trabalha muito, um bocado.*

Pergunta: - E no caso dessas que estão desempregadas elas tem vontade de voltar, elas demonstram vontade?

Rosival:- *ó Todos os dias eu tenho cinco, seis, sete pessoas pedindo trabalho e infelizmente eu tenho a vontade de dar o trabalho, mas eu não tenho como dar o trabalho, pois eu vou precisar pagar, e o mercado não está tão bom devido as taxas, devido as leis que ficam criando em relação ao tabaco, que estão prejudicando.*

Pergunta:- Por que estrutura vocês tem, não é?

Rosival: *ó Tem sim!! Claro. Tem sim.*

Pergunta: - Então o que falta para melhorar o setor é incentivo do governo?

Rosival: *ó Incentivo do governo, redução dessa taxa que é específica do tabaco. Você vê quando diminuíram o IPI na linha branca, que é móveis e eletrodomésticos, aumentaram de bebida e tabaco. Então a gente tá pagando a conta do país. Tá sofrendo aí, tem gente aí que tá desempregada, passando fome e o governo não vê. O governo, as autoridades não vê.*

Pergunta: - Ainda que vocês produzissem mais, teriam compradores, clientes?

Rosival: *ó Tenho, o mercado na verdade se a gente conseguisse ter um preço competitivo com o que é produzido fora, nós teríamos condições de entrar em muitos países, entrar com uma produção muito alta e gerar emprego como fazíamos no passado. A gente tem histórias dos grandes armazéns, a senhora que está pesquisando já deve ter visto isso, só numa empresa 10.000, 12.000 funcionários, hoje a mesma empresa se tiver tem 1.000, 800 funcionários.*

Pergunta: - **Na época áurea, né?**

Rosival: *ó Então, o mercado lá fora existe, o que a gente não tem é preço competitivo pra inclusive, a gente falando em preço, dá só pra ter uma ideia, antes de Lula assumir o governo, todo mundo brigava para ter um salário de US\$ 100,00, e claro que todo mundo merece ganhar para se manter, hoje a gente tá com US\$ 300,00 de salário mínimo, US\$ 300, US\$ 350,00 de SM, e isso torna o nosso produto competitivo, não que a gente quisesse pagar menos ao funcionário, a gente queria até pagar mais. Se o que fosse diminuído de imposto fosse repassado para os funcionários melhor que a gente ia ter mais funcionário, ia ter uma qualidade de vida melhor, ia ganhar bem, ia gerar mais emprego, pois eles iam gastar este dinheiro na cidade, isso melhora o comercio, isso porque a gente tá falando de emprego direto, mas também tem os indiretos. Então, eu acredito se o governo olhar um pouquinho pelo nosso setor, a gente ainda pode conseguir melhorar muita coisa nessa região principalmente.*

Pergunta: - **E essas fábricas maiores que exportam, na verdade, a folha. Você vê perspectiva de produzir ou só se acontecer essa ?**

Rosival: *ó O que a gente sabe é que a grande maioria dessas empresas hoje ela está produzindo no Brasil, plantando, mas ela tá beneficiando, que é onde gera emprego, ela tá beneficiando fora do país exatamente pelo custo menor da mão de obra. O salário de uma pessoa aqui paga cinco pessoas em outros países que eles procuraram para produzir, Indonésia, Honduras,*

Pergunta: - **Que as leis trabalhistas lá não existem....**

Rosival: *ó Na verdade lá eles são, nem posso falar como é a política de lá, mas acredito que eles são escravizados, pelo valor de*

Pergunta:- Não tem os direitos, não. Então, era para saber quais dificuldades vocês encontram hoje para produzir mais, demandar mais empregos.

Rosival: *ó Eu acredito no seguinte, uma coisa que está prejudicando muito, e prejudicou muito o setor da fábrica de charutos, da indústria do fumo que é a fabricação do charuto, é a lei da ANVISA, ela tirou muitos pequenos fabricantes do mercado, porque ela exige um laudo, onde esse laudo não é feito nem no país, pra fazer o laudo pra fazer charuto tem que ser feito fora do país, porque o país não está preparado pra fazer a análise de todas as substâncias que a ANVISA quer. Então isso se torna caro, o laudo é anual, eles querem o laudo por bitola, não quer nem por marca, aí depois que você dá o dinheiro, aí ele diz que aquilo você pode fumar, quer dizer tem que pagar pra eles dizerem que pode fumar, se não pode, não pode, se pode, pode. E aí fica pegando essas empresas que tem menos condições de fazer esses laudos, e elas saem do mercado porque o lojista quer comprar de quem está regularizado, todo mundo quer andar certinho, agora o governo não deixa ninguém andar certinho.*

Pergunta: - **Ainda que existisse cooperativas e que fosse fornecer para essas partes interessadas, que estão lá fora, teria que ter este laudo anual?**

Rosival: - *Tem. Todo mudo tem que ter este laudo. E o valor dele dependendo do porte da empresa, na verdade esse laudo custa R\$ 100.000,00 reais. Parece até gozação, é R\$ 100.00,00. Mas a depender do porte da empresa tem alguns descontos de até 95%. Parece piada.*

Pergunta: - **Que poderia chegar então se houvesse uma cooperativa elas trabalhando elas teriam algum desconto maior.**

Rosival: *ó Teria sim, teriam que ter todos os laudos, sim, a ANVISA cobra. E eu até acho justo que tenha, mas não seja esse valor exorbitante e nem da forma que é cobrado. Porque precisa de um laudo pra dizer que você pode ou não pode consumir aquilo, mas que não fosse cobrado tão caro. Pra você ter uma ideia, uma empresa a menor que possa ser, que vai ter 1 ou 2 funcionários, vai ter que pagar R\$ 5.000,00 por ano por bitola. Se tiver cinco bitola tem que ser R\$ 25.000,00 por ano. Só do laudo, não, só da taxa, o laudo fica em torno de US\$ 3.000,00 dolar que tem que ser feito fora do país.*

Pergunta: - **É bem complexo. O custo se torna muito alto. Porque o que a gente vê é que tem uma mão de obra qualificada para a produção do charuto, qualificada em termos do fazer, não é? Elas realmente sabem fazer. Então se existissem mais pequenas empresas ou houvesse mais incentivo, com certeza traria empregos para**

estas pessoas. Elas poderiam se organizar, pois é muita gente, porque a pobreza está instalada, a gente vê na própria condição social dentro da cidade, né?

Rosival: - *Sem dúvida, hoje é, toda essa região no passado era plantação de fumo, o fumo no passado representou tanto pro país que no símbolo nacional, tem um pé de fumo e um pé de café, então hoje você está quase impedido de produzir o fumo e o que eu acho é o seguinte, tudo faz mal, se você for ver direitinho tudo faz mal, farinha, sal faz mal, açúcar faz mal,.... álcool faz mal...*

Pergunta:- Olhe o álcool liberado tranquilamente. Quantos malefícios trazem?

Rosival:-*E o charuto também pode fazer mal, mas o que eu quero dizer é que gera muito emprego aqui na região, e essa região aqui é o único lugar no país, é o único lugar no Brasil que dá fumo para charuto. Que tem fumo de qualidade para charuto. Eu posso até me arriscar a dizer que é o único lugar no mundo que dá o fumo com a qualidade do nosso Mata Fina.*

Pergunta: - Por isso que a China tá tão interessada...

Rosival: -*É, com relação a essa conversa toda, essa onda que vem da China que quer comprar, nós conseguimos tudo, nós podemos produzir o tabaco e até mandar pra China, só que é aí que eu entro com a questão, a questão é a seguinte, a China quer comprar o fumo barato, a China não quer comprar o fumo bom, a China quer comprar o fumo barato, e esse fumo barato é onde você vai escravizar o lavrador pra produzir o fumo barato que a China quer comprar, então quer dizer, pega a gente que produz o charuto, e esse charuto que o cara vai ser escravizado para produzir pra vender pra eles, ele vai produzir o charuto e vão trazer aqui pro país pra competir com a gente que fazendo o charuto, pagando todos os tributos, então quem sabe o que o governo quer....*

Pergunta: - Então eles vão produzir lá, não, eles querem produzir aqui por causa do know how da mão de obra?

Rosival: -*Não, eles querem comprar o tabaco, eles querem comprar o fumo aqui e vai produzir na China por causa da questão de salário.*

Pergunta: - Quem vai produzir na China?

Rosival: -*Quem vai produzir na China, é eles, com máquinas e*

Pergunta: - Então foge de todo o padrão.

Rosival: *-O nosso é artesanal. E depois esse charuto vem da China e vai entrar no Brasil com entra outros produtos, a gente sabe que as industrias no Brasil pode ter... pode ter não, tem algumas ...*

Pergunta: *- ... o protocolo não é também para a produção de charuto, não?*

Rosival: *- Não, o protocolo é porque existe uma praga na lavoura do fumo, que é o mofo azul. E em alguns países essa praga destrói a lavoura, e é um problema, e a gente não podia vender porque não tinha essa, essa... não me lembro agora. É não existia um laudo que certificasse que nós estávamos isento do mofo azul, por isso que não se pode vender, por isso que se gerou essa polemica toda porque nós não temos esta praga do mofo azul aqui. Conseguimos esse laudo, conseguimos resolver esse problema, mas é pra plantação de fumo, só plantação de fumo, não é pra charuto.*

Pergunta: *- Eu entendi numa última reportagem que eu li que eles iam incentivar a produção do charuto aqui, pra eles levarem o charuto daqui, da qualidade que tem do nosso pra lá, por isso eu fiquei mais esperançosa, vai abrir mais empresas, reativar*

Rosival: *- Não tenho conhecimento disso, e acho muito difícil que isso venha ocorrer, exatamente pelo que eu já falei antes, lá ele consegue produzir com um custo menor que a gente aqui, então ele não teria interesse. Agora a matéria prima lá ele não tem. Então a matéria prima de qualidade igual quem tem somos nós, e tá aqui no Recôncavo Baiano. Não tem outro lugar que produza fumo bom pra charuto. É aqui no Recôncavo Baiano. Por esse motivo que ficou tudo concentrado nessa região, toda produção de charuto no Brasil, charuto Premium, de qualidade, tá aqui na região do Recôncavo. Existe até outras fábricas em São Paulo, em outro lugar que faz charuto, mas a matéria prima é a nossa aqui, da nossa região. É o fator climático que favorece muito a essa variedade de tabaco que a gente tem.*

O mercado tá lá fora e é grande e não tem quem possa abastecer ele, se o Brasil produzisse como vinha produzindo, não ia suprir o mercado de charuto no mundo. O grande problema nosso é que a gente não tem preço pra botar charuto fora do país, porque tem a República Dominicana produtor de charuto com um custo menor, Cuba produz charuto com um custo menor, e outros países que conseguem produzir charuto com custo menor, então quando nós chegamos com o nosso charuto nós não temos preço competitivo, o nosso charuto fica caro.

Pergunta: - A questão seria resolver essa carga tributária, não é? Se o governo cedesse, mas aí contraria uma série de interesses.

Rosival: - *Se ele já reduzisse só essa taxa da ANVISA, e mudasse a cabeça da ANVISA que os empresários,..., da ANVISA só não do governo, do governo porque todos os órgãos fiscalizadores diz que todo empresário é ladrão, trata todo o empresário como ladrão. Tem que mudar esse conceito. Infelizmente não é assim, então esse conceito tem que mudar, se pegasse essa taxa da ANVISA, se tivesse uma isenção pra uma empresa pequena pra que ela possa sobreviver, se tivesse..., não é ficar informal, não, é todo mundo certinho, porque todo mundo quer andar certo,, ninguém quer andar errado. As pessoas andam errado, porque não tem condições de andar certo, não vai morrer de fome, então vai andar errado. E quando dá condição da pessoa andar certo, anda certo e 100% correto, não é como um supermercado que a senhora ver uma máquina funcionando e outra não. Porque todo mundo quer andar certo, não anda porque, se for andar certo não sobrevive.*

Pergunta: - Teria que ter políticas voltadas para a questão dos impostos, que minimizasse, para que todos conseguissem se enquadrar.

Rosival: - *Veja só, como é que pode uma empresa pequena que tem vamos botar 5 funcionários, eu to falando de uma empresa, que se tivesse essa condição, nós teríamos 100, 150 empresas cada uma com 5 funcionários, ia gerar não sei quantos empregos, se tivesse a taxa da ANVISA, pelo menos a taxa da ANVISA, reduzida ou se ela não fosse aplicada pra empresa de pequeno porte como eu to falando, nós teríamos aí já resolvido uma boa parte dos problemas dessas mulheres que estão desempregadas, porque ia gerar emprego, porque o mercado está lá, tem. E o lojista não compra, porque se o fiscal chegar na loja dele e tiver com produto irregular, vai autuar ele, vai multar ele, então o cara não quer ter problema, quer andar certo.*

Pergunta: - E hoje existe mão de obra jovem nesse segmento?

Rosival: - *Olha, hoje a gente não tem. Existe muito jovem que quer aprender, pensando que ainda é um mercado promissor, que é um mercado que vai crescer, até por questão do desemprego o cara tem que fazer alguma coisa, ainda quer aprender a fazer charuto, só que com a condição que as empresas tem, hoje não tem nem como ensinar, porque nós tínhamos uma escolinha, mas todo mundo que estava na escolinha aprendendo, tava registrado, recebendo como funcionário, e aprendendo a fazer charuto pra que no futuro a gente tivesse com substituir a mão de obra que fosse*

aposentada, e hoje, lamentavelmente não tem nenhuma empresa que faz esse serviço de ensinar o jovem como fazer charuto, tem o pessoal que tá desempregado que todos já tem mais de 30 anos, porque a última empresa que fez foi a Suerdick e fez com pessoas de 18 anos e agora essas pessoas estão com 30, 33 anos, que são as jovens daquela época e que aprenderam. Depois disso não teve mais nenhuma. E esse pessoal tá numa idade que não tem mais nada o que fazer não, tá desempregada mesma, é lavando roupa na casa de um, é tomando conta de uma casa pra ganhar R\$ 200,00 por mês, quando acha ainda pra fazer.

6.6 - Entrevista em grande empresa industrializadora de folha de fumo

Data: 12/04/2012

Empresa: Fumex

Local: Cruz das Almas

Entrevistados: Sr. Alessandro - Gerente da Fumex e D. Josenita (SINTIFA)

Condutores: Professor Alexandre e Pesquisadora

Prof. José Alexandre ó Qual a ideia desta grande empresa fornecedora do insumo folha de fumo, quanto a competitividade. Desculpa Alessandro... estamos aqui estranhos, eu e ela, estamos diante de uma pessoa que representa a classe trabalhadora, agora uma pessoa competente do lado da empresa, mas o pensamento é uma só, a cadeia. Se a cadeia sobreviver a gente tem emprego, e tem renda....

Prof. José Alexandre ó Você se formou em administração, onde?

Alessandro - Aqui em Cruz. Porque é assim, eu sempre trabalhei fora, trabalhei fora de Salvador... Eu sou Paranaense. Praticamente nasci lá... vi muito menino para cá. E quando eu comecei a trabalhar, sempre foi fora de Salvador, foi em Camaçari, São Francisco do Conde, Polo, em cidades mais distantes, como Maracás, esqueci o nome. Então, eu nunca tive a oportunidade de estudar, só que quando eu vim aqui para a Fumex, que a proposta foi que eu trabalhasse em Salvador. Mas a matriz é Salvador, mas você está distante do que acontece na empresa, então eu propus a minha vinda para o interior pra tá mais perto das necessidades. Aí eles entenderam, e eu trouxe a centralização do RH pra cá, pra Cruz das Almas.... Aí estamos aqui.

Prof. José Alexandre - *Aqui é o ponto forte...*

Alessandro - *É aqui que as coisas acontecem. Então, aí tá na hora de*

Prof. José Alexandre - *No fundo no fundo, se desaparece o resto da cadeia, desaparecemos também. E você pensa a cadeia, com a visão específica, mas...*

D. Josenita - *Mas depois a gente chega a um acordo, num denominador, e aí*

Luciana - *Falávamos do cenário, ele falando como estava hoje, que vem declinando ...*

Alessandro - *Resumindo, nós temos o segundo escalão do governo federal querendo acabar...*

D. Josenita - *Diversificar*

Alessandro - *Diversificar é o termo que eles estão utilizando, mas na verdade é erradicação, eles estão querendo acabar....*

Prof. José Alexandre - *O apoio, diversificar com que, com feijão, e mandioca...Aqui tem vantagem competitiva, essa região.*

D. Josenita - *É mamona.....*

Alessandro - *A questão é que pelo pouco chão que o lavrador possui, não existe outra cultura que possa ter rentabilidade....*

Prof. José Alexandre - *E desenvolvimento regional.*

Alessandro - *.... idêntica ou superior, nem aproximada. É praticamente impossível, só que tá pesado.... então a situação atual é essa, no segundo escalão, sei que no primeiro escalão o governo está preocupado com a erradicação do fumo, ele não está se envolvendo diretamente, se no segundo escalão vai e pressiona pra baixo pra que as coisas aconteçam, naturalmente, pelo próprio ciclo econômico, o governo vai ter a substituição natural e não vai ter a influência da questão do ... fugiu aqui... dos*

impostos, sim. Os impostos vão acabar sendo substituídos. E outra coisa, os impostos que a indústria fumageira, de cigarro lá do sul, o que representa para o governo, apesar de se falar tanto que é representativo, que são milhões e milhões de milhões, se você for avaliar em termos do que se arrecada no Brasil de imposto hoje, isso não é nada. Então, tanto faz para o governo ter ou não ter o fumo, então ele não se envolve, primeiro escalão, diretamente. Já o segundo escalão vem questões políticas muito claras, envolvidas.

Prof. José Alexandre - Regulatório.

D. Josenita - Quem mais recebe....

Alessandro - ... então este é o cenário. A gente brigando, lutando pra sobreviver, tentando ao máximo reduzir o custo. D. Zenita sabe que nós tínhamos aqui dentro até 3 anos atrás 600 à 800 mulheres trabalhando, não temos nem 30 mais. Porque o processo de beneficiamento deixou de ser feito aqui, agora a gente coloca no container e exporta e exportamos para outra unidade da companhia, nós somos uma multinacional com sede nos EUA. Então esse trabalho que era feito aqui, agora está sendo feito na Indonésia.

Prof. José Alexandre - Vocês ficam em Virginia, perto de Washington, que é um grande centro fumageiro...

Alessandro - Fica em Springfield.

Alessandro - Mas eles não produzem lá, eles não produzem lá, eles são só fábrica de cigarro, cigarrilha, charutos, ... só processamento. Então é isso, a gente tem que buscar artifícios, estratégias de sobrevivência. É o que a gente tem feito nos últimos anos é ...

Prof. José Alexandre - Essa predisposição de D. Dilma semana passada, é claro que não dá competitividade, em torno da indústria nacional como um todo. Mas sinalizam para você as preocupações de D. Dilma semana passada com relação a indústria nacional? Se viu, ela foi para o, para Harvard, buscar apoio, etc, redução de impostos para algumas, vocês encontram brechas nessas possibilidades dela?

Alessandro - *Não existe possibilidade. Nós não seremos beneficiados em nada, em nada. A indústria do tabaco hoje é vista como um segmento marginal. Infelizmente... Eu poderia estar aqui sobre o meu pensamento pessoal, mas pouco interfere, porque eu fumo se eu quiser... entendeu?*

Prof. José Alexandre - *Veja bem, vamos dizer que cause mal a saúde, suposição, que não é verdadeira, essa atividade seria basicamente voltada para exportação, pra países onde as normas inclusive são liberalizadas. E quem é o fumo para prejudicar isso lá fora? Nada. Na Holanda, na Alemanha....*

Alessandro - *Mas aí é que está o problema, porque o produtor de tabaco para charuto exportador está sendo penalizado, porque quando o governo estava fazendo suas leis, eles não definem o que fumo para cigarro e fumo para charuto para exportação, então eles redigem as leis, de maneira ampla.*

Pesquisadora - *Igual pra todo mundo.*

D. Josenita - *Ó Porque sempre tá se lutando pra vê se a gente separa o charuto do cigarro, mas até hoje eles dizem que é o mesmo fumo. E tem mais, Lula isentou Cuba, o charuto de Cuba ele entra no Brasil sem imposto nenhum.*

Prof. José Alexandre - *A dissertação de Luciana tem uma fotografia de Lula com charutão assim, tchaaa... não tem?*

D, Josenita - *Por sinal, um que fazia charuto aqui, ele entregou o charuto a Lula e disse: òVocê tem que fumar o charuto brasileiro, não cubano.õ Aqui na escola de Agronomia, entregou a Lula. Disse isso a ele...*

Prof. José Alexandre - *Então, pelo que ele está dizendo: focar charuto como algo diferente do cigarro em termo de mal, segundo é que em termos de Brasil o consumo de charutos não causa mal a população, porque ele é voltado para fora, ...*

Alessandro - *A comercialização, o Brasil não é mercado para o charuto. Não existe o hábito de fumar charuto ...*

Prof. José Alexandre - *É só para país rico. E consciente de saúde.*

Prof. José Alexandre - *Agora o que eu gostaria, deixe eu lhe interromper assim, o que eu gostaria de ter argumentos seus de que vão apoiar o que você está dizendo, gente o tratamento de charuto é diferenciado, mas a gente corre perigo ao abrir uma luta dizendo que charuto é diferente de cigarro a gente perde apoio político...*

Alessandro - *A questão é muito simples, o cigarro sofre o processo de transformação, o charuto não, o charuto é natural. O cigarro tem aditivos. Já o charuto, esses aqui, por exemplo, que temos, são naturais, claro que existe defensivos, adubos químicos, aplicados, como existe em qualquer ...*

Prof. José Alexandre - *Como existe nos tomates...*

Alessandro - *Em qualquer cultura. Na verdade o tomate é pior, é melhor você fumar o charuto que comer um tomate.*

Prof. José Alexandre - *Por outro lado, por que a gente não se volta contra a indústria de álcool no Brasil? Que faz mais mal?*

Alessandro - *Porque.... eles vão chegar a este ponto aí... eles vão chegar a isso...*

Prof. José Alexandre - *Qual a tendência em outros países bem conscientes de saúde com relação a charutos?*

Alessandro - *A maioria dos países também estão tendo as suas leis anti tabagistas. Na Europa mesmo.... nos Estados unidos você não pode fumar nem na praça.*

Prof. José Alexandre - *Certo. Mas eles diferenciam o tratamento de charuto e de cigarro?*

Alessandro - *Eu desconheço. Isso aí eu desconheço.*

Prof. José Alexandre - *Então os problemas são impostos, legislação discriminatória,...*

Alessandro - *Vamos lá, vamos por parte, impostos eles atingem as indústrias que fazem charutos, as produtoras da matéria-prima não são atingidas, inclusive nós somos beneficiados, e é interessante, um dos materiais que você precisa ter é do conceito que trata do produtor pessoa jurídica ou agroindústria, é diferente, a questão dos impostos é diferente, por exemplo, nós aqui só pagamos imposto de 2,7% sobre a folha de pagamento, só, não pagamos 20% de INSS, 3% de SAT, nada disso.*

Prof. José Alexandre - *Então protege o emprego? De pessoas envolvidas na produção.*

Alessandro - *Isso, esse é um dos motivos que nos mantém aqui.*

Prof. José Alexandre - *Mas se vocês quisessem, vamos supor, expandir a produção, suponha, prazo para produção de charuto, o valor agregado seria maior para exportação. Suponha que vocês se interessem em produzir charutos o valor agregado seria maior para o país.*

Alessandro - *Com o custo que se tem, não vale a pena produzir no Brasil não. Não vale a pena.*

Prof. José Alexandre - *Como você vê então vai criar emprego lá fora. Já que é proibido aqui. A gente está exportando e criando emprego lá fora. Não se invalida esta questão de dar mais competitividade a indústria ao complexo fumo x charuto.*

Alessandro - *É inviável manter uma indústria de charutos, imagine abrir uma nova empresa aqui hoje, aí chega a ser loucura, você sabe que daqui, eles estão atacando com as leis, com relação a mistura do charuto, eles vão atacar a fonte, em poucos anos eles vão proibir plantar.*

D. Josenita - *Ó É o que tão fazendo aqui na mesa, junto com a secretaria da agricultura, com o pessoal da EBDA, eles já estão na zona rural acabando mesmo.*

Prof. José Alexandre - *E o pior, desculpe, quando a gente ouve o pessoal da universidade, algumas pessoas que eu não vou identificar aqui, a homem nem entre nesse negócio, nem oriente dissertação nesse negócio, que esse negócio é falido, não é nessa perspectiva, você está preocupado com a sobrevivência, mas é que eles já*

colocaram na cabeça que olha..., quando você vai na Embrapa, o que é que tem a contribuir, então é uma omissão grande.

Prof. José Alexandre - *Cara aí os lobbies, vocês tem...*

Alessandro - *É o que a gente tá buscando, nessa última reunião que aconteceu, buscar um parceiro, excelente lobista pra começar a gente ter força, e hoje nós estamos muito dispersos, então vamos*

Prof. José Alexandre - *Sem sentido de união.*

Alessandro - *Isso, exatamente, mas isso vai mudar.*

Prof. José Alexandre - *Ainda bem que o fator capital e o fator trabalho estão aqui e agora unidos, pelo menos a preocupação dela é que, olha para ter o meu emprego eu preciso também apoiar eles.*

Alessandro - *Que é bem diferente dos sindicatos rurais daqui das regiões por pressão da FETACö que também vem lá de fora, tão tentando junto as empresas fumageiras aqui criar vínculo empregatício com agricultura familiar. O que eles estão buscando é acabar com o ... porque se eles conseguissem o vínculo empregatício com a agricultura familiar, acabou...*

D. Josenita - *É porque a firma, se eu tenho 3 hectares e se eu planto fumo, então eu vou me beneficiar, a firma aqui vai me fornecer o adubo, fornece um técnico, quer dizer, eles aplicam ali para eu plantar e depois eu vendo por um preço para a firma. Então ele quer, eu agricultura familiar, eu plante, mas que a firma tenha as obrigações sociais comigo.*

Alessandro - *A gente faz o papel do governo.*

Prof. José Alexandre - *Lá no Paraná há esse tipo de associação na produção de frango, etc, etc. Esse seria modelo para aqui? É mais sadio pra Sadia, você acha?*

Alessandro - *Sim, mas o que é que está acontecendo, é o fumo que está sendo atacado? Sim, mas o pessoal está se unindo pra atacar toda a cadeia da agricultura familiar. Por exemplo, a Sadia está com um processo, no Paraná, pela questão da criação da galinha de corte, porque é agricultura familiar, mas o ministério da agricultura está exigindo o vínculo empregatício, faz sentido? No caso do porco e do frango eu até diria que isso faz sentido porque é uma cultura não sazonal.*

Prof. José Alexandre *ó É, exato, é toda controlada.*

Alessandro - *100% da família tá direcionada para aquela produção, o fumo não, ele fica 3 meses no campo.*

Prof. José Alexandre - *Ou menos disso.*

Alessandro - *Exatamente. Já o fumo há a sazonalidade, são 3 meses. Ou seja, o lavrador ele pode cultivar outras culturas, então não dá para*

D. Josenita - *Porque assim que eles tira o fumo, né, o plantio do fumo, eles prantam feijão, planta milho, já com uma adubada, eles tem uma diversificação, né?*

Prof. José Alexandre - *Ò Alessandro, eu ensino políticas públicas nesse mestrado e convidei daqui a 15 dias pra ela fazer uma palestra pra meus alunos e eu gostaria que você participasse dessa palestra pois são vinte e poucos alunos no mestrado, o foco é políticas públicas e aí você explora esta questão da competitividade, a sobrevivência da região e aí ela explora a sobrevivência da mão de obra e que não tem alternativa, plantar feijão não é alternativa, e esta região tem uma vantagem comparativa que não existe outras áreas no Brasil com ótima condição de solo.*

Alessandro - *É aqui é perfeito para produção, é o ideal. Tanto que não existe outros ...*

Prof. José Alexandre - *E Cuba, como é que resolveu esse problema de legislação?*

Alessandro - *Cuba não existe legislação, Cuba não existe nada, inclusive o próprio fumo tão falado de Cuba, que realmente era o melhor, hoje já não é o mesmo fumo*

Prof. José Alexandre - *E a República Dominicana? Tem um bom fumo também.*

Alessandro - *Tem um bom fumo sim. Nós temos uma unidade também lá.*

Prof. José Alexandre - *A pergunta que eu quero, em termos de qualidade, o nosso é tão bom quanto eles? Falta é marketing para a marca Cruz das Almas lá fora, Cruz das Almas, quer dizer, região.*

Alessandro - *Olha só, nós estamos como o tipo de fumo melhor do mundo atualmente, principalmente o Sumatra, a variedade do fumo, o tipo.*

Prof. José Alexandre - *Eu trabalhei há muito tempo, eu já orientei outra dissertação sobre, inclusive o chefe da inspetoria local, o inspetor local, do Estado, da fazenda, foi meu aluno, meu e de Luiz. O fumo daqui tem uma qualidade que não é muito explorada, contem muito magnésio, e o magnésio dá uma qualidade a folha de você queimar o charuto sem ficar caindo. Ele queima e lhe dá o prazer de fazer isso.*

6.7 - Visita a grande empresa exportadora de folhas de fumo

Data: Janeiro/ 2011

Local: Cruz das Almas

Empresa: Danco



Figura 6.10 - Visita à Danco

Foto: autora da pesquisa



Figura 6.11- Demonstração do manuseio de folhas de fumo na visita a Danco

Foto: autora da pesquisa



Figura 6.12 Visita a Danco e observação do trabalho de mulheres

Foto: autora da pesquisa



Figura 6.13 - Visita a Danco e observação do trabalho de mulheres. Dr^a Suely Brito Silva, agrônoma, fiscal da ADAB (à direita).

Foto: autora da pesquisa

6.8 - Participação nas Reuniões da Missão Chinesa no Brasil

Missão Chinesa

Data: 08 a 15 de maio de 2011

Local: Ministério da Agricultura ó Salvador - Bahia

A autora desta dissertação participou da visita da Comitiva da **Missão Chinesa no Brasil** à Bahia e Alagoas; promovida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Superintendência da Agricultura, SFA-BA; Secretaria da Agricultura e Reforma Agrária; Governo do Estado da Bahia; tendo o apoio da ADAB; Prefeitura Municipal de Cruz das Almas, Câmara de Vereadores de Cruz das Almas, SINDITABACO/BA, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; FUMEX Tabacalera, EMBRAPA, DANCO, ERMOR Tabarama; TABANOR; DANNEMANN; e CAPA.(figura 6.14 a 6.17).



Figura 6.14 - Participação da pesquisadora nas reuniões Brasil-China

Foto: autora da pesquisa



Figura 6.15 - Reuniões Brasil-China

Foto: autora da pesquisa

"O nosso grande problema hoje é a falta de mercado e a China viabilizaria uma solução", declarou o secretário de Agricultura do Estado da Bahia, Eduardo Salles. Em janeiro de 2011 Salles foi à China levar seus argumentos, integrando uma delegação brasileira com o mesmo objetivo. Os procedimentos para a certificação do tabaco baiano foram iniciados em 2009, com a coleta de amostras em 10% das 2.326 propriedades produtoras. O material foi encaminhado para laboratórios no Rio Grande do Sul e em 2010, após o resultado negativo para a presença do fungo *Peronospora tabacinae*, a Adab encaminhou um relatório ao Ministério da Agricultura com a proposta para a caracterização da Área Livre. No mesmo ano o MAPA emitiu parecer favorável, caracterizando a Bahia como primeira unidade da federação a ter Área Livre de Mofo Azul, praga que atinge a cultura do tabaco e impede as exportações do produto para outras partes do mundo. A oficialização do ato aconteceu com a publicação da Instrução Normativa nº 31 no Diário Oficial da União em 18 de novembro de 2011, abrindo a possibilidade de exportação do tabaco baiano para a China.

Paralelo aos procedimentos de certificação pelo governo brasileiro foram realizados diversos encontros técnicos da China nas lavouras de tabaco na Bahia. O Secretário da Agricultura também esteve em território chinês para tratar, pessoalmente, das questões relacionadas à exportação e aos critérios dos acordos bilaterais estabelecidos pela Bahia e pela China. As visitas da delegação chinesa tiveram como

objetivo validar a certificação da Bahia como área livre do Mofo Azul. Eles observaram a formação da cadeia produtiva do tabaco, desde o plantio, a colheita e o beneficiamento da produção. Acompanhados por fiscais da Superintendência Federal da Agricultura da Bahia as missões chinesas conheceram, *in loco*, as ações de fiscalização da Adab e de supervisão da SFA/BA para proteger a cultura do tabaco na Bahia.(figuras 2.5 e 2.6).



Figura 6.16 - Visita comercial da Republica Popular da China ao Recôncavo da Bahia.

Foto: Adenilson Nunes/SECOM



Figura 6.17 - Participação da pesquisadora nas reuniões Brasil-China

Foto: autora da pesquisa

Em decorrência da visita comercial da República Popular da China em 2011 a Bahia ficou autorizada a exportar charuto para o mercado chinês. Com a exportação do tabaco para a China a Bahia está ampliando gradativamente sua produção que alcança atualmente cinco mil toneladas, segundo dados do Sinditabaco. *“Diante de mercados cada vez mais exigentes quanto aos padrões sanitários, temos uma responsabilidade ainda maior em garantir a qualidade dos produtos baianos, notadamente os originários da agricultura familiar”,* enfatizou o secretário Eduardo Salles, lembrando o esforço do Governo baiano para o processo de certificação da Bahia como Área Livre de Mofo Azul. *“Mas o nosso ganho maior é o beneficiamento da produção, a consolidação da cadeia produtiva e a melhoria da qualidade de vida das pessoas que trabalham e vivem dessa atividade”,* salientou o secretário. (ASCOM / ADAB, 29/08/2012, p.1).

7. -Mulheres Charuteiras Empreendedoras: *Qual é o teu papel mulher?*

Tempo Rei!

Oh Tempo Rei!

Oh Tempo Rei!

Transformai as velhas formas do viver!

Gilberto Gil

7.1 - Questionando as velhas formas de viver

Este capítulo, guiza de discussão, questiona como e quanto o conjunto das relações sociais do Recôncavo da Bahia foi negado às charuteiras pelo trabalho. Por isso, não se aceita o descaso público, político com relação a situação das charuteiras, entregues a própria sorte, lutando pela sobrevivência material e social. Formalmente hoje tem no mercado, 5.000 onde trabalhava mais de 110.000 operárias, na região do Recôncavo.

Diante do atual situação de forte desemprego e a ausência de políticas públicas, retoma-se a alguns capítulos anteriores para repensar o fio condutor desta dissertação, de forma a abordar a condição contemporânea das mulheres-trabalhadoras, e discutir a questão foco no que tange ao papel das mulheres no processo de geração de alternativas para enfrentar a crise atual do trabalho, entendendo que, tais iniciativas exigem a consciência quanto ao empoderamento dessas mulheres. Ou seja, abordar o olhar de afirmação, de empoderamento das charuteiras do Recôncavo da Bahia.

A condição necessária para capturar aquele olhar é se valer das históricas relações sociais tecidas pelas mulheres charuteiras no âmbito do trabalho fabril no Recôncavo Baiano, magistralmente apresentado por Silva (2011) em sua tese sobre as mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres do Recôncavo Baiano. Esta autora questiona os lugares ocupados pelas trabalhadoras fumageiras no conjunto dessas relações sociais, principalmente, no que se refere a estrutura socioeconômica que lhes ofereciam tanto a indústria como o contexto regional.

Inicialmente há que se considerar o espaço social e econômico que se produziu e reproduziu e perdura até hoje no Recôncavo, onde as charuteiras e fumageiras tiveram destacada contribuição. O Recôncavo da Bahia se tornou ao lado do cacau durante a primeira metade do século XX, através do capital estrangeiro, o maior produtor de fumo na Bahia, o principal centro de exportação desse produto, bem como, das manufaturas

de beneficiamento de fumos e fabricação de seus derivados, tornou-se o cenário de trabalho das mulheres pobres.

Então as charuteiras conquistaram a admiração pelo espaço de conquistas e de vitórias, ora como um lugar de sofrimento e humilhação, porquanto ali se fundiam a oportunidade de trabalho para suprir suas necessidades materiais e a opressão/exploração, estas que agiam de forma integrada e emblemática na vida das trabalhadoras fumageiras (SILVA, 2011).

Convém lembrar que as mulheres charuteiras eram, na maioria, chefes de suas próprias famílias, arcavam com a manutenção da casa e todas as despesas financeiras da família, bem como, a responsabilidade material e social, da educação dos filhos. Além do quadro econômico que se delineou, durante mais de meio século, na região fumageira, estas peculiaridades e características de cunho sociocultural comum.

De acordo com Rodrigues da Silva (2011) estas mulheres que ocuparam diversos lugares no contexto do trabalho e da sociedade fumageira, nas diversas tarefas/funções exercidas tanto no âmbito dos estabelecimentos fabris quanto no domicílio das trabalhadoras, sendo que esse contingente era composto por, aproximadamente, 70% de mulheres. Mas, foi a divisão sexual do trabalho que permitiu os mecanismos de dominação, das relações de poder e de exploração adotados pela organização fabril. A concepção que perpassava a divisão sexual do trabalho se fazia tão perversa que não se identificou o envolvimento delas na administração das empresas.

Assim, as tarefas, as ocupações e as relações hierárquicas no âmbito da indústria fumageira determinavam os mecanismos de desigualdade e de dominação de gênero aplicados às mulheres fumageiras no curso de seu trabalho e de suas vidas.

Entretanto, as trabalhadoras não estiveram inertes frente ao estado de relações de poder, tecidas historicamente pela sujeição imposta a elas. Sequer estudos se referem a movimentos de resistência organizada e coletiva das trabalhadoras naquele período, ou que havia de forma explícita uma consciência de gênero e/ou de classe (SILVA, 2011).

O trabalho em domicílio das trabalhadoras fumageiras iniciou paralelamente à implantação da indústria fumageira na região, ora motivado pela situação econômica das mulheres, ora pelas empresas que via nessa possibilidade, além da exploração direta, a formação de um exército de mão de obra disponível composto, exclusivamente, por mulheres, fato que resultava da recriação e manutenção dos estereótipos de gênero, largamente utilizados pelos empresários que se traduzia na feminização desse lugar: o das atividades manuais e delicadas (SILVA, 2011).

Assim, a dominação masculina sobre as mulheres tem sido historicamente reestruturada, conforme os processos de transformações políticas, sociais, culturais e econômicas, passando a fazer parte da estrutura da sociedade atual. O que atualmente acontece com a charuteira, no Recôncavo da Bahia, é a herança destas determinações históricas, políticas e sociais.

Diante do seu opressor e, apesar da fiscalização e da disciplina impostas às fumageiras, elas *detinham o saber* da preparação dos fumos e da confecção dos charutos o que as faziam controlar também, a produção. Um instrumento de enfrentamento à dominação, possibilitando a constituição de novas relações no campo do poder no universo fabril regional, que passava ora por negociações, ora por conflitos entre as partes.

Para Silva (2011) o fato das mulheres pobres do Recôncavo terem encontrado na indústria fumageira a oportunidade de trabalhar e, conseqüentemente, melhorar econômica e socialmente suas vidas, habilita reconhecer que houve um processo de empoderamento dessas mulheres. Compreende-se que depende do sentido que se possa dar ao termo *empoderamento* e em que área da vida das mulheres ele possa, de fato, acontecer e gerar algum tipo de transformação.

Tania Cristina da Silva Cruz (2006) em sua tese de doutorado "*Qual é o teu trabalho, mulher? Mulheres Empreendedoras no contexto da Economia Popular Solidária*" examina a condição contemporânea das mulheres-trabalhadoras, de modo a compreender a seguinte questão central: Qual o papel das mulheres no processo de geração de alternativas a crise atual do trabalho e como, ao mesmo tempo, tais iniciativas se constituem campos para a geração de vínculos sociais e econômicos?

Cruz (2006) apresenta uma estratégia empírica de abordagem baseada nas "trajetórias de socialização" da mulher nos espaços familiar e do trabalho. A "sociedade dos indivíduos" é um fenômeno fruto de uma interação complexa entre indivíduos e instituições, da qual resultam estruturas e processos que permitem a elaboração de sistemas sociais complexos e a articulação de papéis sociais definidos pelas configurações e trajetórias de socialização. Trata-se do entendimento de que os papéis sociais são os mediadores práticos e simbólicos da relação estabelecida entre os indivíduos e a sociedade. Assim, a compreensão dos conteúdos e representações sociais acerca dos comportamentos esperados do indivíduo a cada posição que ele ocupa (o seu papel social).

Nesse processo, o percurso de ocupação dos espaços sociais, ou seja, as trajetórias de socialização estabelecidas no interior de cada grupo social estão

circunscritas aos conteúdos e expectativas atribuídos aos papéis sociais que cada indivíduo deve desempenhar. A socialização é um processo de incorporação de indivíduos a sociedade e é nesse momento que o sujeito adquire o *status* de indivíduo (no sentido daquele que tem consciência de si e do outro, quando da prescrição das normas de convivência social). Apenas em sociedade o indivíduo é reconhecido como tal, conseqüentemente ele só existe socialmente nesta relação indivíduo-sociedade. Não existe a sociedade e o indivíduo separadamente. O que há é uma interação, uma mutualidade de interesses e necessidades, em que a sociedade cria as identidades específicas a sua constituição e possibilita aos indivíduos que se aceitem e se reconheçam uns aos outros. Assim sendo, os indivíduos são **atores** que ocupam posições na estrutura social (sejam elas desenvolvidas pela interação, sejam elas já definidas) e essas posições tem normas (papéis) a elas vinculadas, que lhes dizem o que fazer e o que não fazer nessas posições. (CRUZ, 2006).

Neste percurso de tomada do seu lugar no grupo social, os indivíduos vão sendo conformados aos lugares e posições (*status*, papel, inserção) que o grupo dispõe. São os regimes de ocupação familiar, educacional, profissional, comunitária, etc. Por isso, a tese de Cruz (2006) buscando compreender a formação dos papéis sociais da mulher no espaço da casa ô lugar privado ô e nos espaços do mundo do trabalho ô lugar público ô percorreu elementos dos conteúdos do papel social e da representação social dessa mulher trabalhadora e a própria auto-percepção desta, através das trajetórias de inserção e ocupação dos espaços sociais.

Para entender o processo de empoderamento das charuteiras é imprescindível responder a seguinte pergunta: qual a dinâmica interna, intra-social (arranjo familiar, relações de trabalho, valorização de si mesma - autoestima, reconhecimento) de constituição e articulação dessas mulheres?

Cruz (2006) representa-se na figura 7.1 alguns elementos que compõem a organização dessas trajetórias. Observando a figura 7.1, com relação as charuteiras, no capítulo anterior ficou evidenciado uma das mais fortes contradições da divisão sexual do trabalho: o trabalho realizado na esfera público e de mercado é valorizado socialmente, porque é visto como produtor de valores de troca no mercado; já o trabalho realizado no âmbito da família, que pertence ao universo do espaço privado e das relações micros sociais não é reconhecido, nem valorizado e nem tido como trabalho nos moldes do que a economia clássica chama de "trabalho". Cruz afirma que a naturalização do papel de *mulher-mãe-protetora*, que designou para as mulheres a

manutenção familiar em todos os seus termos reprodutivos, seria uma espécie de economia da doação, não contabilizada pelas sociedades ocidentais.

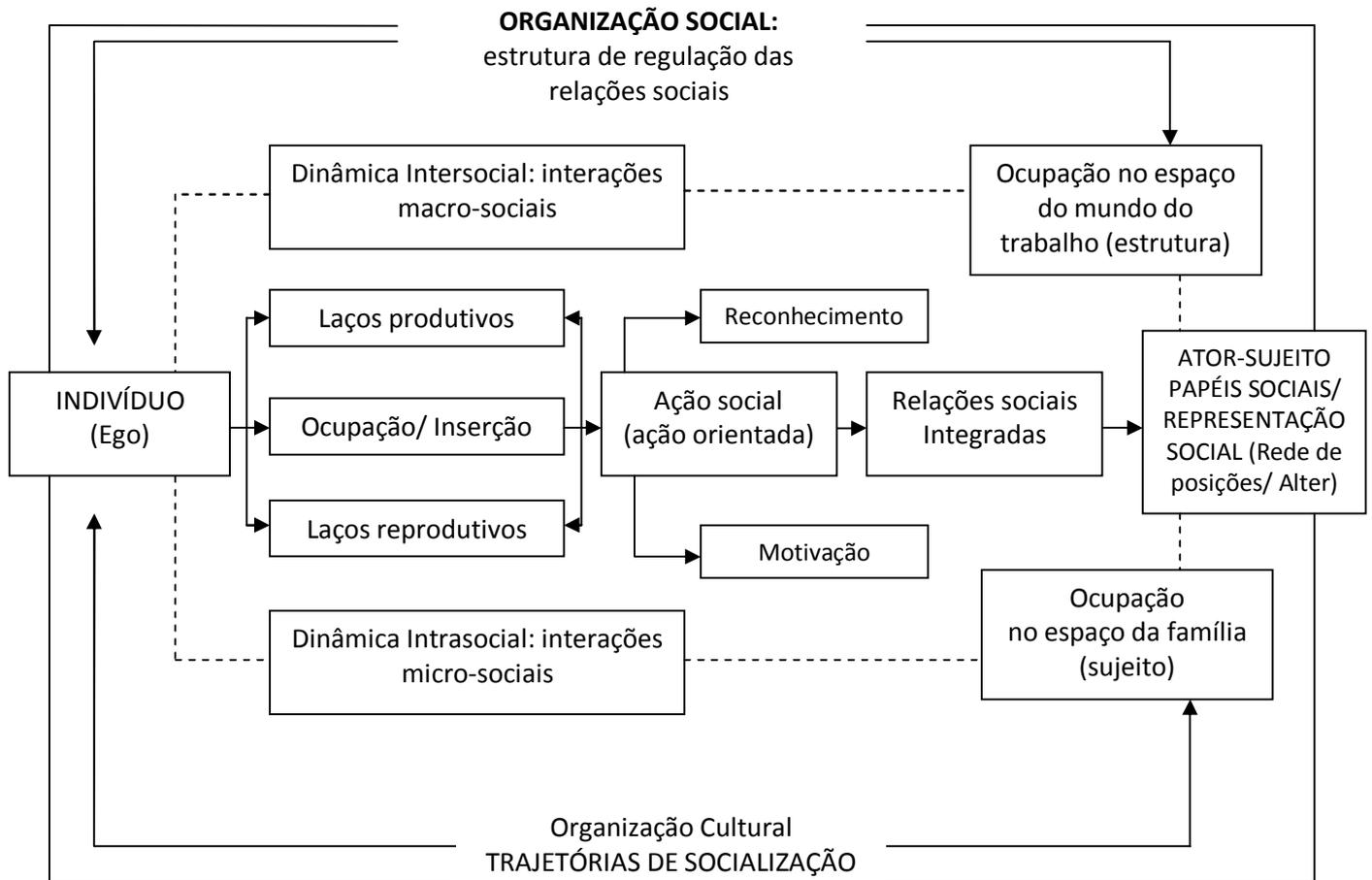


Figura 7.1-Organização social e as trajetórias de socialização das mulheres-trabalhadoras
Fonte: Tânia Cruz, 2006, p. 32

A figura 7.2 representa a dinâmica de produção social e o papel da mulher empoderada e empreendedora. Nesse processo, o percurso de ocupação dos espaços sociais, ou seja, as trajetórias de socialização estabelecidas no interior de cada grupo social estão circunscritas aos conteúdos e expectativas atribuídos aos papéis sociais que cada indivíduo deve desempenhar. A socialização é um processo de incorporação dos indivíduos a sociedade e é nesse momento que o sujeito adquire o *status* de indivíduo (no sentido daquele que tem consciência de si e do outro, quando da prescrição das normas de convivência social). Apenas em sociedade o indivíduo é reconhecido como tal, conseqüentemente ele só existe socialmente nesta relação individuo- sociedade. Assim sendo, os indivíduos são **atores** que ocupam posições na estrutura social (sejam elas desenvolvidas pelas interações, sejam elas já definidas) e essas posições tem

normas (papéis) a elas vinculadas, que eles dizem o que fazer e o que não fazer nessas posições. Quem somos e o que dizemos aos outros que somos - nossas identidades - originam-se de nossas posições ocupadas. Desse modo, para se compreender as trajetórias de socialização de um indivíduo, é preciso decodificar os conteúdos dos papéis sociais atribuídos a este e as configurações de ocupação dos espaços públicos e privados e em que medida se geram as identidades, o prestígio ou privilégio, o reconhecimento e a capacidade de intervenção dos indivíduos na estrutura.

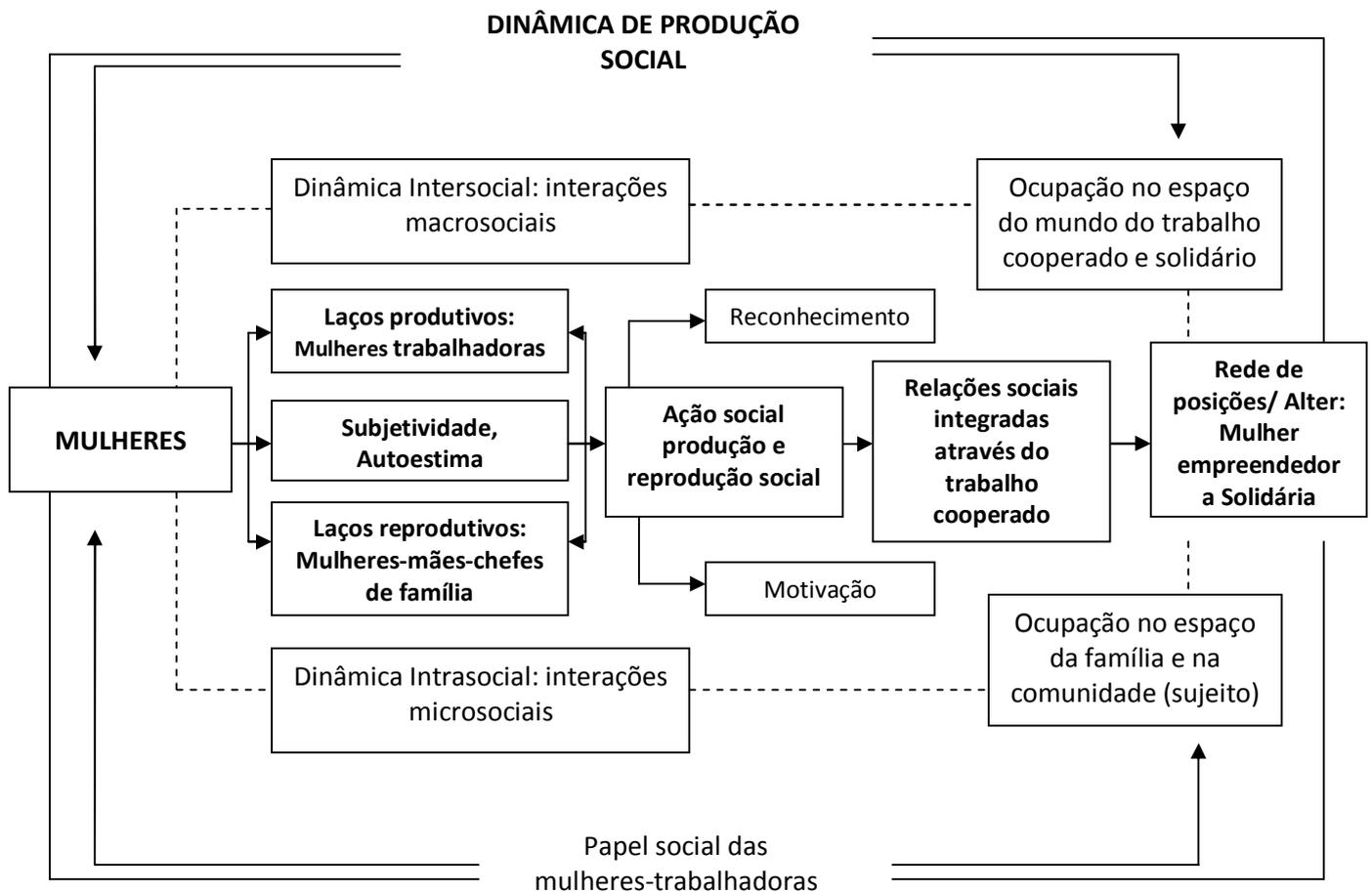


Figura 7.2- Dinâmica de produção social e o papel da mulher empreendedora solidária
Fonte: Tânia Cruz, 2006 ó modificado pela autora

Com relação às charuteiras a figura 7.2 explica que está atrelada a uma dinâmica social que conduz as mulheres a lutar pela sobrevivência familiar, e ao mesmo tempo lutar por autovalorização, reconhecimento e busca de identidade.

Cruz (2006) argumenta que as ações de trabalho são indicativas da dimensão estrutural do mundo do trabalho - mulheres que se organizam que lutam contra a vulnerabilização material e fragilização dos laços sociais - por outro, também ficou

evidenciado que aquelas mulheres são sujeitos que estão buscando se posicionar no processo de elaboração das subjetividades contemporâneas. A elaboração dessas subjetividades passa por uma redefinição das identidades.

O papel social das charuteiras esta condicionada a uma dinâmica intra social ou de interações micro sociais; a uma dinâmica de interações inter sociais, que definem a ocupação no espaço da família e na comunidade; e a uma ocupação no espaço do mundo do trabalho cooperado e solidário, respectivamente. Ambas formam a rede de posições do alter: mulher empreendedora solidaria, ou empoderada, cuja motivação e o reconhecimento levam a relações sociais através do trabalho cooperado (Cruz, 2006).

Para Cruz (2006), a identidade é recolocada a partir das relações estabelecidas entre o universo familiar e extrafamiliar. A identidade passa a ser constituída pelo esforço daquelas mulheres em responder a pergunta "*Quem e você?*" "Qual o seu trabalho?" em espaços marcadamente delimitados pelas assimetrias de gênero. A identidade dessas mulheres existe na percepção descrita por elas mesmas de que existem semelhanças entre elas. Isso permite conceber-lhes, socialmente, como *mulheres-trabalhadoras*.

Léon (2000, p.192) ao discutir o conceito de empoderamento em relação às mulheres, afirma que o conceito só tem significado ãse for utilizado para a transformação social, segundo a concepção feminista do mundo, o que significaria uma alteração radical dos processos e estruturas que reproduzem a posição subordinada das mulheres como gênero. Pois, segundo a autora, o termo empoderamento por parte do feminismo tem suas raízes na importância adquirida pela *ideia de poder*.

Cruz (2006, p 233) adverte que os papéis sociais das mulheres e o seu tempo social e pessoal são diretamente absorvidos por uma demanda coletiva que espera dessas mulheres a condução da reprodução social sem contrapartida financeira. Seria uma das implicações da divisão sexual do trabalho a invisibilidade e a falta de reconhecimento social de uma das principais atividades das *mulheres-trabalhadoras*: o trabalho reprodutivo.

A produção social da invisibilidade do trabalho da mulher fortalece a reprodução das desigualdades junto as possibilidades e as oportunidades de participação social justa e igualitária. As charuteiras possuem como uma das estratégias de sobrevivência, toda e qualquer espécie de "viração", o apoio de redes informais de ajuda, formadas por suas mães, avos, vizinhas. Na contemporaneidade, no Recôncavo da Bahia, *ser mulher* significa buscar uma legitimação e participação social através da articulação entre o

trabalho doméstico não remunerado e o trabalho remunerado, que se realiza em relações vulneráveis e precárias. (CRUZ, 2006, p. 233)

Em termos de políticas públicas, acredita-se que uma nova organização social do trabalho apenas será concreta e sustentável através do reconhecimento do trabalho produtivo e reprodutivo das *mulheres-trabalhadoras*, em outras palavras, o empoderamento. Assim o trabalho produtivo abre horizontes para uma outra negociação sobre os olhares e os conteúdos do papel da mulher no desenvolvimento do trabalho social.

7.2 - Caso de Empoderamento: Josenita Souza Salomão

Esta seção trata da questão: como as mulheres-charuteiras no Recôncavo da Bahia estão participando de ações alternativas na crise contemporânea do trabalho e ao mesmo tempo estão também se inventando, e reinventando cotidianamente, a si mesmas e recuperando sua autoestima e valorização social? As possibilidades de organização de cooperativa de charuteiras do Recôncavo da Bahia estão abertas em razão delas próprias serem representadas na Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Tabaco. Esta Câmara se constitui num conjunto das entidades representantes do setor privado em seus diversos elos da Cadeia Produtiva e representantes do Governo, proporcionando o ordenamento dos trabalhos, organizando, sistematizando e racionalizando as ações e objetivos.

O cooperativismo é percebido pelas charuteiras como utopia. A formação de cooperativas de produção de charutos e suas articulações com movimentos de trabalhadores, SENAR, SEBRAE, UFRB, Governo da Bahia, bem como articulações outras com o mercado, o setor e a indústria, poderiam contar com o apoio inigualável da empoderada Josenita. Há um elemento \hat{o} de ordem simbólica \hat{o} que, mesmo em dissonância com a situação de desemprego de milhares de charuteiras, a posição de Josenita abre caminho para uma alternativa que sinaliza a chance da economia solidária florescer sob a forma de cooperativismo na produção de charutos, diretamente para o mercado doméstico e exportações. E assim pelo empoderamento pode se estabelecer laços de reciprocidade, entre mulheres charuteiras. E então muitas delas podem redimensionar sua participação na sociedade através dos laços de reconhecimento ali estabelecidos. Nesse sentido, abriu-se a elas a oportunidade de buscar, além da ocupação, uma autovalorização e reconhecimento entre elas mesmas e na comunidade em que vivem. Isto é empoderamento.

Josenita Souza Salomão ao participar da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Tabaco, é empoderada e sujeito que esta buscando se posicionar no processo de elaboração das subjetividades contemporâneas. Essa mulher se insere no processo de produção do social, como exemplo de empoderamento cuja dinâmica sustenta o papel social das *mulheres-empendedoras solidárias*: Ela é daquelas *mulheres-trabalhadoras* que, através da articulação entre o trabalho reprodutivo e o trabalho produtivo, entre a casa e a rua, a família e o trabalho, o público e o privado, gera valores de troca, buscando formas de inserção na cadeia produtiva, mesmo que de forma ainda vulnerável ou ainda mesmo buscando diferenciar-se da lógica predominante no Recôncavo.

Por fim, são elas também garantidoras de vínculos em espaços e arranjos sociais precários e vulneráveis, na medida em que a elas cabe também uma luta por reconhecimento e por uma subjetividade encoberta pelo esvaziamento das relações sociais até então marcadamente utilitaristas.

Ao enfatizar a cooperação solidária, a autogestão e o desenvolvimento sustentável, os princípios da economia solidária baseada em cooperativismo contribuem para o fato das charuteiras serem capazes de construir tanto a sua própria cidadania quanto a daqueles que as circundam. Passam de sujeitos passivos para agentes que atuam sobre suas próprias ações. Isso lhe permitem conceber-se, socialmente, como *mulheres-trabalhadoras* que *empreendem socialmente* sua força de trabalho na gestão de micro espaços sociais.

Empoderadas através da economia solidária, as charuteiras podem atuar como sujeitos de desenvolvimento, livres de subordinação, buscando uma valorização social e produtiva. Nesse processo, farão um constructo da autoestima feminina e do reconhecimento do papel desta na sociedade, como uma oportunidade para as mulheres se recolocarem na sociedade, buscando reciprocidade nas relações sociais, valorização social e produtiva, além de autonomia com prestígio e capacidade de influência. Ao democratizar as relações sociais, a economia popular solidária favorece a crítica e uma reelaboração das relações sociais entre os sexos na medida em que a mulher é dado um novo *status* de participação social. (CRUZ 2006, p 329-334).

A Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Tabaco, em seus diversos elos da Cadeia Produtiva e representantes do Governo, Josenita Souza Salomão tem assento como presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Fumo e Alimentação de Cruz das Almas/BA ó SINTIFA. É membro de uma representação constituída dos seguintes setores:

- i) Associação Brasileira da Indústria do Fumo ó ABIFUMO
- ii) Associação dos Fumicultores do Brasil ó AFUBRA
- iii) Associação dos Municípios Centro Sul do Paraná ó AMCESPAR
- iv) Associação dos Municípios do Vale do Rio Pardo ó AMVARP
- v) Associação Nacional de Pequenos Agricultores ó ANPA
- vi) Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural ó ASBRAER
- vii) Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentos e Afins ó CNTA
- viii) Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil ó CNA
- ix) Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura - CONTAG
- x) Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul ó CUTFETRAF-SUL/CUT
- xi) Ministério da Agricultura/Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo - MAPA/SDC
- xii) Ministério da Agricultura/Secretaria de Política Agrícola -MAPA/SPA
- xiii) Ministério da Agricultura/Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio - MAPA/SRI
- xiv) Ministério do Desenvolvimento Agrário ó MDA
- xv) Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC
- xvi) Ministério das Relações Exteriores - MRE
- xvii) Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Agronegócio do Rio Grande do Sul - SEAPA/RS
- xviii) Ministério da Agricultura/Superintendência Federal de Agricultura no Estado do Rio Grande do Sul - SFA/RS
- xix) Sindicato da Indústria do Fumo do Estado de São Paulo -SINDIFUMO/SP
- xx) Sindicato da Indústria do Tabaco do Estado da Bahia - SINDTABACO/BA
- xxi) Sindicato da Indústria do Fumo do Estado do Rio Grande do Sul - SINDITABACO/RS
- xxii) Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Fumo e Alimentação de Cruz das Almas/BA ó SINTIFA.

A Agenda Estratégica 2010 - 2015 (2010) constam os seguintes objetivos principais:

- (1) Estabelecer um plano de trabalho para a Cadeia para o período 2010 ó 2015;
- (2) Facilitar e organizar a ação conjunta das Câmaras nos assuntos de interesse

comum, e;

- (3) Fortalecer as Câmaras com ferramentas de construção de Políticas Públicas e Privadas para o Agronegócio do tabaco no Brasil.

O Plano Integrado de PD&I da Cadeia do Tabaco consta as seguintes diretrizes:

1. Estabelecer um ambiente de discussão periódica para a elaboração de agenda mínima de PD&I pautada por todos os elos da Cadeia do Tabaco, com o objetivo de se somar aos esforços privados, as instituições públicas afins;
2. Identificar todas as instituições de pesquisa públicas e privadas com trabalhos relevantes no setor;
3. Desenvolver produtos orgânicos para uso no controle de pragas e doenças do tabaco;
4. Promover estratégias de captação de recursos públicos e privados disponíveis para pesquisa, desenvolvimento e inovação;
5. Sistematizar métodos e formas de captação de demandas de pesquisa dos diversos elos da Cadeia do Tabaco;
6. Disponibilizar pesquisas de temas referentes à saúde e segurança do produtor realizado pelas empresas e pelos sindicatos;
7. Contemplar pesquisas de variedades produtivas resistentes a doenças adaptadas ao cultivo na região Nordeste;
8. Criar Banco de Germoplasma para preservação de variedades utilizadas no NE;
9. Identificar e classificar variedades potencialmente melhoradoras das Características Sensoriais dos Charutos no Nordeste;
10. Envolver a EMBRAPA, UFRB.

O Plano Integrado de PD&I da Cadeia do Tabaco apresenta o quadro resumo com os Grandes Temas, os itens da Agenda e as Diretrizes que balizarão a discussão dos temas e a construção de propostas por parte da Câmara. Para a Região Nordeste tem as seguintes diretrizes:

1. Contemplar nos Programas ações sistematizadas e focadas em prioridades de cada região ou Estado, contemplando as características regionais segundo tecnologias de produção, tamanho da propriedade, etc.; / Gestão através de comitê gestor, com coordenação executiva; / Na capacitação de gestão administrativa, financeira, contemplar temas como financiamento, seguro rural, programas de subvenção governamental, gestão ambiental e social, marketing e comercialização; / Que a certificação dos alunos contenha

requisitos de reconhecimento gradual para ampliar a motivação e continuidade do processo educativo; / Orçamento anual; / Criação de incentivos (exemplo: redução de juros em operações de crédito oficial ou acesso facilitado a operações de financiamento se atingidas determinadas metas de conclusão de capacitações, pelos produtores e seus funcionários); / Aferição de desempenho, com auditoria de execução.

2. Contemplar as ações de coleta sistematizada de demandas de pesquisa para que sejam encaminhadas ao Programa de Pesquisa do Setor;
3. Contemplar no programa a difusão de tecnologias existentes e geradas anualmente de forma sistemática;
4. Identificar propriedades de referência no conjunto de tecnologias e manejo para sugerir pacotes tecnológicos mínimos de referência;
5. Promover o Tabaco Brasileiro e seus produtos artesanais finais, como Charutos e Cigarrilhas, em mercados externos potenciais, como a China;
6. Contemplar os assuntos relativos ao tabaco e seus produtos artesanais finais, como Charutos e Cigarrilhas, nas publicações do MAPA;
7. Estabelecer estratégias de ampliar as exportações de Tabaco, Charutos e cigarrilhas do Brasil.

7.3- Uma Agenda para a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Tabaco, em Brasília

Na Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Tabaco, em seus diversos elos da Cadeia Produtiva e representantes do Governo, Josenita Souza Salomão tem assento como presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Fumo e Alimentação de Cruz das Almas/BA ó SINTIFA. A "Agenda Estratégica 2010 ó 2015" abriga uma série de possibilidades para ser estrategicamente considerada, para obtenção de apoio a estruturação de uma cooperativa de charuteiras. Ali é o foro ideal para a ideia ser apoiada. Na "Agenda Estratégica 2010 ó 2015" consta os seguintes compromissos formalizados pela agenda da Cadeia Produtiva do Tabaco:

1 - Crédito Rural: Buscar a criação de linha de crédito com taxas competitivas para pequenos agricultores, que façam parte dos próximos PAP - Plano Agrícola e Pecuário do Governo Federal.

2 - Créditos acumulados de ICMS: Implementar estratégias visando permitir a utilização dos créditos acumulados de ICMS pelas Indústrias processadoras e

cigarreiras.

3 - Redução do IPI de Charutos: Implementar ações para redução do IPI de Charutos de 30% para 15%. Por envolver uma produção artesanal, reivindicar um tratamento tributário diferenciado, pleito reforçado ainda pela "concorrência desleal" enfrentada com os charutos cubanos, que estariam entrando no país sem pagar taxa de importação.

4 - MAPA: Reivindicar maior participação do MAPA via EMPRAPA Estabelecer parceria de atuação do Ministério em defesa de forma mais enfática da cultura do Tabaco junto aos Ministérios e Órgãos Federais afins.

5 - Congresso Nacional: Promover ações para obter apoio dos parlamentares da Bahia, principalmente daqueles que obtiveram votos no Recôncavo.

6 - SEBRAE : Promover e apoiar o projeto de cooperativismo das charuteiras nas dimensões técnicas, jurídicas, econômicas, financeiras e organizacionais.

7 - Tratamento Isonômico ao charuto de Cuba: Nas negociações internacionais buscar estabelecer tratamento isonômico de impostos aos Charutos importados de Cuba, hoje com alíquota zero, buscando reverter o acordo comercial no âmbito do MERCOSUL.

8 - ANVISA - Reivindicar adequações na legislação, taxas de serviços (especialmente charutos), harmonização de procedimentos, reclassificação e banimento de produtos fitossanitários, entre outros;

9 - Contrabando de Charutos: Buscar junto ao Governo federal recursos para estudo sobre o Mercado Ilegal de Charutos e Cigarrilhas no País. As medidas tomadas posteriormente pela autoridade tributária e pela autoridade sanitária não lograram êxito no combate ao contrabando e ao mercado ilegal. O produto contrabandeado, vendido na mais baixa faixa de preços, concorre com o produto das pequenas empresas. Além de que a redução da arrecadação do IPI com esse novo sistema foi estimado pela FIPECAFI em mais de 16 bilhões de reais.

As pequenas indústrias encontram-se agora, comprimidas entre os grandes competidores internacionais, os agentes do contrabando e o mercado informal que tem como suporte a sonegação.

10 - Concorrência Desleal ao Charuto: Governança da cadeia deve a promover plano de ações contra a concorrência desleal de charutos e cigarrilhas contrabandeados e subfaturados, com adoção de canal vermelho na Alfândega. A "concorrência desleal" enfrentada com os charutos cubanos, que estariam entrando no país sem pagar taxa de importação. O produto contrabandeado, vendido na mais baixa faixa de preços, concorre com o produto das pequenas empresas.

11 - Exportações de Charutos: Estabelecer estratégias de ampliar as exportações de Tabaco, Charutos e cigarrilhas do Brasil.

12 - Publicações do MAPA: Contemplar os assuntos relativos ao tabaco e seus produtos artesanais finais, como Charutos e Cigarrilhas, nas publicações do MAPA.

13 - China: Promover o Tabaco Brasileiro e seus produtos artesanais finais, como Charutos e Cigarrilhas, em mercados externos potenciais, como a China.

14 - Programas para o Recôncavo: Contemplar nos Programas ações sistematizadas e focadas em prioridades de cada região ou Estado, contemplando as características regionais segundo tecnologias de produção, tamanho da propriedade, etc.

15 - Qualidade do Charuto: Identificar e classificar variedades potencialmente melhoradoras das Características Sensoriais dos Charutos no Nordeste.

16 - Criação de incentivos: redução de juros em operações de crédito oficial ou acesso facilitado a operações de financiamento se atingidas determinadas metas de conclusão de capacitações, pelos produtores e seus funcionários;

17 - Capacitação de Cooperativa de Charuteiras: Capacitação de gestão administrativa, financeira, contemplando temas como financiamento, seguro rural, programas de subvenção governamental, gestão ambiental e social, marketing e comercialização.

18 - Captação de Recursos Públicos e Privados: Promover estratégias de captação de recursos públicos e privados disponíveis para pesquisa, desenvolvimento e inovação.

19 - UFRB, EMBRAPA, Sinditabaco, EBDA: somar aos esforços das charuteiras, as instituições públicas afins, presentes em Cruz das Almas. Superintendência da Agricultura, SFA-BA; Secretaria da Agricultura e Reforma Agrária; Governo do Estado da Bahia; ADAB; Prefeitura Municipal de Cruz das Almas, Câmara de Vereadores de Cruz das Almas, SINDITABACO/BA, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; FUMEX Tabacalera, EMBRAPA, DANCO, ERMOR Tabarama; TABANOR; DANNEMANN; e CAPA.

20 - Direitos do Consumidor: as propostas legislativas poderiam trazer maior competitividade para o setor. Apoiou a volta da alíquota de IPI de 15% para charutos e cigarrilhas bem como um apelo aos parlamentares para também levarem em consideração os direitos dos fumantes ao analisar projetos de seu interesse.

21 - Pequenos produtores. Há uma suposta injustiça praticada contra os pequenos produtores pela tributação unificada para o setor. A tributação incidente sobre o fumo não faz distinção entre empresas, que podem estabelecer seus preços livremente. Embora o país tenha hoje 12 fabricantes de cigarro, apenas dois deles (Souza Cruz e

Philip Morris) respondem por 98,5% da arrecadação tributária federal - estimada em R\$ 5,5 bilhões para 2009 - e por 88% do mercado nacional. Já os pequenos fabricantes assumem 12% da produção nacional e contribuem com apenas 1,5% da arrecadação tributária

Tem sido colocado pela a Receita Federal do Brasil o argumento a não há margem para se adotar uma tributação diferenciada para essas empresas, que arcariam com uma carga tributária pesada para compensar o custo social decorrente dos males causados à saúde. Amargando dívidas acumuladas de R\$ 7 bilhões no setor, a Receita Federal sofre ainda com perdas de arrecadação causadas pelo contrabando de cigarros e pela sonegação, praticada, principalmente, por algumas empresas de pequeno porte que contariam com amparo judicial para funcionar e vender sua produção, mas que estariam deixando de cumprir com sua obrigação tributária.

22 - Legalidade dos sistemas tributário e regulatório: muitas empresas têm questionado a legalidade dos sistemas tributário e regulatório do setor junto ao Poder Judiciário. A unificação da alíquota do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) serve aos interesses das multinacionais.

23 - Equilíbrio concorrencial: Inexistem cooperativas na produção de charutos na Bahia, onde apenas, poucas medias e grandes empresas dominam a produção de charutos, buscando o equilíbrio. A ocorrência do cooperativismo proporcionaria ganhos nos elos da cadeia, repassados diretamente para as charuteiras. Com a assimetria econômica existente entre grandes e pequenas indústrias, sem a proteção e o incentivo constitucional, só restarão as grandes multinacionais operando no Brasil, em função das crescentes restrições a entrada de novos concorrentes no mercado, explorando um modelo de negócios concebido ainda no seculo passado.

24 - Estado da Bahia: Com relação a Cooperativa das Charuteiras ,ao Estado, declaradamente de orientação do Partido dos Trabalhadores (PT) caberá refletir e instrumentalizar políticas públicas , priorizando a competitividade , incentivando e aprimorando os recursos humanos e materiais da coletividade, facilitando o seu uso, corrigindo e redistribuído vantagens naturais obtidas pela especialização na produção de charutos buscando o equilíbrio para o pleno aproveitamento de todo o potencial de Mao de obra regional. A criação da cooperativa de charuteiras ocuparia a capacidade ociosa do setor, inclusive instalações e mao de obra desempregada; ou seja, facultando a capacidade produtiva ociosa do setor, facultando a produção por encomenda em estabelecimento de terceiros.

7.4 - Políticas Públicas para Cadeia Produtiva do Charuto na Bahia

A perda de competitividade do agronegócio do fumo e indústria de charutos no Recôncavo da Bahia é explicada pelos seguintes fatores:

- i) Queda na produção entre 1980 e 2012;
- ii) Incapacidade das manufaturas de charutos instaladas no Recôncavo em promover a modernização de sua estrutura produtiva, tanto no que concerne a bens de capital, como no suprimento de matéria-prima especial para as capas (onde se emprega folhas de fumo de primeira qualidade, com boa elasticidade, sem manchas e boa combustibilidade), permanecendo dependentes de importações;
- iii) Expansão da zona produtora de Arapiraca, em Alagoas, outrora região adstrita à produção de *ôfumo-de-cordaõ*, deslocando parte considerável dos investimentos, especialmente de capital transnacional;
- iv) Influência negativa das mudanças na legislação fiscal: as reformas tributárias de 1964 e 1966, com a modificação do Imposto sobre Produtos Industriais - IPI e a criação do Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços ó ICMS, alteraram o sistema de comercialização do fumo na Bahia, aumentando a carga tributária e, conseqüentemente, a necessidade de capital de giro. Isto resultou em graves problemas financeiros e na insolvência de diversas empresas fumageiras e na fusão de outras, elevando a concentração no comércio e na indústria (Em 1970, 32 firmas exportadoras atuavam na Bahia. Possuíam 87 armazéns espalhados por 15 municípios; a metade estava em Cruz das Almas, Feira de Santana e São Gonçalo dos Campos. Em 1982, sobravam 18 firmas. Continuou a concentração na década de 80, reduzindo-se hoje o setor a cinco empresas - Menendez & Amerino, Carl Leoni, Danco, Ermor Tabarama, Fumex Tabacalera);
- v) Incapacidade de competir com a indústria sulista, especializada na fabricação de cigarros - produto popular consumido por todas as classes sociais -, que dispõe de maiores condições de investimento e de um maior aparato tecnológico, fatores indispensáveis à supremacia no mercado competidor;
- vi) Redução mundial do consumo de fumos escuros produzidos na Bahia, em relação aos tipos claros, especialmente das variedades *Virgínia e*

Burley, que são cultivados no Sul do país. No século XX, entre as décadas de 40 e 80, a participação dos fumos escuros na produção mundial despencou de, aproximadamente, 60% para 20%;

- vii) Diminuição significativa no consumo de ôfumo de cordaô, produto arraigado à cultura nordestina, em consequência da massificação do uso do cigarro e do processo de urbanização. Nos últimos 40 anos, a população rural decresceu de 55%, em 1960, para 25%, em 1990. Com esta migração, a população afastou-se dos produtos rurais, vendidos em feiras, abrindo mão do chamado ôcigarro de palhaô ou ôsariô;
- viii) Efeito inibidor do consumo pelas campanhas antitabagistas, onde se alerta para os efeitos danosos do fumo à saúde humana e que implica na gradativa redução da produção mundial deste produto;
- ix) Desorganização do segmento produtor primário de fumo, que historicamente sofre a exploração mercantil dos exportadores, que chegaram a adotar a prática da ôcorvéiaô (negociação espúria com base em adiantamento de mercadorias, mormente gêneros de subsistência), apropriando-se da renda da terra e alargando extorsivamente seus lucros. De fato, não se tem registro de uma cooperativa dos produtores de fumo na Bahia, o que lhes poderia assegurar melhores margens de lucro na comercialização em um mercado oligopsônico;
- x) Timidez nas intervenções governamentais: o principal incentivo à fomicultura baiana, nos últimos cinquenta anos, consistiu na criação do Instituto Baiano do Fumo ó IBF, autarquia criada nos moldes dos departamentos e institutos da era Vargas, que exercia o fomento à produção, prática de transferência de tecnologia há muito superada no Brasil. Em que pese a presença da Escola de Agronomia da UFBA e da EMBRAPA na principal região produtora de fumo do Estado, pouco se desenvolveu em termos de pesquisa agrônômica, com exceção de alguns ensaios experimentais. Atualmente, apenas se faz a distribuição de mudas pela Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola - EBDA, inexistindo uma ação estruturada, objetivando o atendimento de demandas e a alavancagem da atividade, na dimensão de cadeia produtiva.

Em termos de políticas públicas há algumas dificuldades que precisam ser superadas. Entre elas a inexistência de uma política de incentivo à exportação eficaz;

coloca em uma posição não competitiva perante os concorrentes. Nesta competição, o Brasil perde com impostos excessivos e por não ter uma política forte de apoio à exportação. A tributação que as empresas exportadoras brasileiras precisam pagar é muito alta, e a infraestrutura existente não favorece. Por sua vez deve-se destacar que uma das reivindicações do segmento industrial é a redução da carga tributária, que influi diretamente na competitividade setorial, exacerbando o chamado "Custo Brasil". O Sindicato das Indústrias de Fumo no Estado da Bahia vem pleiteando junto à Secretaria da Receita Federal a redução do Imposto sobre Produtos Industriais - IPI incidente sobre charutos e cigarrilhas (NCM 24.02.10.00), de 30% para 15%, defendendo o argumento de que a contribuição deste imposto pela indústria de charutos é inexpressiva (o que, de fato, não ocorre com a de cigarros, responsável por grande arrecadação de tributos), em relação aos benefícios econômicos e sociais gerados. O argumento dos industriais baianos é de que esta arrecadação é ínfima para a União, mas considerável para o segmento, que sofre os reveses de sucessivas crises e que agrega importante contingente de mão de obra. Convém ressaltar que o recolhimento do IPI de charutos e cigarrilhas equivale, apenas, a 0,005% da arrecadação do setor fumageiro nacional (capítulo 24/NCM).

8 - Conclusão

O tempo é rei, e a vida é uma lição.

E um dia a gente cresce

E conhece nossa essência e ganha experiência.

E aprende o que é raiz então cria consciência.

Heitor e Chorão

8.1- Considerações finais

A mulher charuteira do Recôncavo da Bahia sempre foi histórica, cultural e socialmente determinada ao empoderamento. Inquietou-se nesta dissertação em conhecer como essas mulheres poderiam, se desejassem, se apossar de parcela econômica considerável do processo de produção de charutos, como alternativa de emprego, ascensão econômica e social em suas vidas, o que altera as relações de gênero. Ao propor a formação de uma cooperativa, no que tange a produção, marketing, comercialização e exportação de charutos, competitivamente diferenciados, poderiam através do cooperativismo, de fato participar da renda regional conduzindo por si só, à libertação no sentido da construção de sua identidade como donas do sistema econômico em tempos pós-abertura do mercado Chinês.

Em decorrência da perda de competitividade da indústria de charutos no Recôncavo da Bahia, maior região produtora de charutos no Brasil, de excelente prestígio nos mercados internacionais, gerou forte desemprego decorrente da crise setorial e fechamento de fábricas de charuto na região. Percebendo a crise, sobretudo a grande quantidade de mulheres do setor desempregadas, esta dissertação teve como tema o empoderamento das charuteiras do Recôncavo da Bahia, tratando das possibilidades do empreendedorismo destas mulheres charuteiras no setor. Houve a presunção que a implementação de políticas públicas adequadas e oportunas reabilitem e ou recuperem empregos.

A questão examinada nesta dissertação foi: quais políticas públicas são recomendáveis para simultânea ou duplamente apoiar o empoderamento das charuteiras na sua inclusão na cadeia produtiva do charuto Recôncavo da Bahia, bem como elevar a reinserção da mão de obra feminina na cadeia produtiva do tabaco, tendo em consideração que políticas públicas focadas no empoderamento destas mulheres é histórica, política, econômica e socialmente legítima e justa em termos de compensação? Assim como: as charuteiras percebem sua inserção no processo de

produção de charutos como mulheres-empendedoras solidárias, e não apenas como mulheres-trabalhadoras?

Assim percebendo emergiu a questão: Quais competências governamentais em termos de políticas públicas devem ser mobilizadas para construir e articular uma ampla rede de habilidades e estímulos políticos, culturais, econômicos e sociais de apoio a agricultura familiar baseada na produção de fumo, e ao empoderamento das charuteiras no agronegócio de charutos no Recôncavo da Bahia, em termos de estímulos para a organização de micro e pequenas empresas na produção, exportação e *marketing*, e que mobilizem competências que promovam a reinserção da mão de obra feminina no complexo agroindustrial charutos é um conceito de cidadania?

Partiu-se do pressuposto de que há uma realidade plural das práticas econômicas que não é considerada pelo pensamento hegemônico da sociedade de mercado. Especificamente, este estudo veio sugerir uma economia popular solidária - centrada na busca de condições de satisfação das novas necessidades das charuteiras, na perspectiva do bem viver de todas e para todas - através do cooperativismo, como uma alternativa as práticas econômicas dominantes, e destacar a contribuição das mulheres nesse processo, no qual, em geral, elas são protagonistas, embora ainda subestimadas e não valorizadas.

A hipótese de trabalho admitiu que as mulheres charuteiras, através de ações afirmativas, podem empoderar-se pela participação, uma vez que elas são garantidoras de vínculos mais consistentes em redes nos atuais espaços e arranjos sociais precários e vulneráveis para a redução da pobreza, no Recôncavo da Bahia, na medida em que a elas cabe um empoderamento num espaço das relações sociais até então dominado por capitalistas. Logo, quando a mulher busca o suprimento de suas necessidades, ela se constitui individualmente, mas o trabalho em redes a acolhe na forma de sujeito social.

Ao longo da fundamentação teórica presidiu a busca de conhecimento, no *estado da arte*, que endossasse empiricamente a noção de que, no contexto de uma economia popular solidária, há a formação do que chamamos *mulheres empreendedoras*. A ideia foi demonstrar que existem, de forma cada vez mais crescente, mulheres que empreendem sua força produtiva e reprodutiva socialmente. Em se tratando de mulheres em situação de pobreza e risco social, a mulher empreendedora busca ao mesmo tempo a manutenção familiar e o reconhecimento da sua ação social enquanto sujeito que porta subjetividades e busca também valorização e participação social.

A história do empoderamento das charuteiras apresentada na fundamentação teórica nos capítulos anteriores demonstrou que:

- i) O ambiente das fábricas de charutos configurava-se numa luta silenciosa, num *espaço social* de solidariedade, onde sempre coexistiram conflitos, divergências e barganhas entre a mulher e o homem, o patrão e a charuteira. As charuteiras sempre lutaram contra a opressão no trabalho, sob a forma exploração da mão de obra, assédio sexual. Lutas também ocorreram nas afirmações solitárias, coletivas organizadas, políticas e sindicais, indisciplina, o desperdício, o corpo mole, a obediência dissimulada, as estratégias sutis de resistência e de poder e a solidariedade.
- ii) Em casa ou no seu lar as charuteiras como donas de casa levaram estratégias de sobrevivência a partir seu cotidiano fabril ao lutar para vencer as necessidades materiais, a exploração no/do trabalho e a invisibilidade social, as mulheres operárias rompiam com a clausura da inferioridade a que eram submetidas na situação de mulheres pobres, donas de casa, mães e esposas ou amásias.
- iii) O cotidiano das mesmas pode ser considerado como uma forma de construção da base social, ao lutar por transformações na esfera da hierarquia familiar e econômica.
- iv) Mesmo obedecendo, as charuteiras usavam da dissimulação como estratégia combinada com astúcia e sabedoria. Assim elas pavimentaram ruas e avenidas no caminho para a construção do empoderamento, tanto na esfera da hierarquia familiar quanto na econômica.
- v) O caminho do empoderamento dessas mulheres não se construiu apenas no espaço industrial ou de trabalho, mas no espaço familiar, na luta para se impor frente à dominação dos seus maridos, ou seja, minando as forças masculinas para conquistar a autonomia no campo do trabalho e das relações sociais, apesar de ter continuado ainda preservando outras posições, culturalmente determinadas, dentro de suas famílias.

O contexto socioeconômico do Recôncavo da Bahia, como constatado em diferentes estudos, é acentuadamente marcado pela presença de mulheres, charuteiras ou não, cujas necessidades do mercado as conduzem ao trabalho, mesmo sob a deterioração das condições de vida. Grande parcela da população está envolvida com a lida diária do fumo, apresentando uma pobreza bastante acentuada, onde o atraso e a qualidade de vida são mais visíveis e mais preocupantes nesta região.

A metodologia baseou-se em estudo de caso e representação social para captar os olhares e narrativas das charuteiras, para exprimir as experiências, vivências e inquietações, com a legitimidade de expressar e recolocar, no centro das preocupações

atuais sobre mecanismos de integração social, valores tradicionalmente transmitidos pelas mulheres e realidades geralmente vivenciadas por elas para manutenção da vida, socialização, preservação e recuperação da cidadania, reprodução dos laços sociais, tanto em nível econômico, como em nível social e simbólico.

Assim, foi perguntado aos sujeitos desta pesquisa, as charuteiras, bem como a outros atores sociais (pequeno e grande empresário) o ponto de vista acerca da formação de cooperativas de charuteiras no Recôncavo da Bahia, objetivando subsidiar políticas públicas adequadas recomendáveis para duplamente apoiar o empoderamento das charuteiras na cadeia produtiva do charuto no Recôncavo da Bahia, bem como elevar a reinserção da mão de obra feminina no complexo agroindustrial de charutos do Recôncavo da Bahia.

Apesar da crise no agronegócio charutos vislumbram-se as recentes possibilidades do mercado chinês em termos de saber utilizar este espaço para dinamizar as suas relações, e resgatar a autonomia das mulheres-trabalhadoras. Uma das alternativas seria a reinserção das charuteiras nas fábricas que vislumbram expandir a produção voltada agora para a emergente China.

Os resultados, considerando a questão básica desta dissertação e atenta aos objetivos, serão apresentados a seguir em forma de excertos, falas qualificadas dos entrevistados como convêm a um estudo de caso com o método da Representação Social.

1 Assim se manifestaram as charuteiras desempregadas e desanimadas:

[...]Agora mesmo eu tava trabalhando direto, ... Agora eu estou sem expectativa. Agora ser sempre dona de casa, não vou dizer que guento mais ir pra casa de família pra fazer uma faxina e trabalhar.

*[...]sem trabalhar, eu sempre fazia uns bicos, sabe? Fazia faxina, tomava conta de velho, eu sempre fazia pra ganhar um dinheirinho pra poder ajudar minhas filhas. [...]
..., eu não quero dar pras minhas filhas a vida que eu tive, então eu tinha isso, né? Eu queria uma vida melhor pras minhas filhas, minha mãe tinha seis filhos, criou tudo sem pai. Minha mãe no armazém direto trabalhando, pra poder sustentar a gente, então eu queria dar uma vida melhor pras minhas filhas.*

[...]Já trabalhei muito, desde 13 anos de idade, que eu me entendo como gente. Trabalhava em casa de família, enquanto minha mãe estava no armazém, os mais velhos tinha que ajudar com os menor. E aí minha vida foi isso, trabalhando, então

hoje em dia eu não quero mais trabalhar. Se surgisse no armazém, até eu ia, entendeu? Mas outra área não. Não tenho mais vontade não.

[...]Eu, algumas pessoas que eu conheço trabalham em casa de família, só que uma região como Cruz das Almas, o nordeste, a Bahia as pessoas não tem condições de pagar um salário e pegar estas pessoas que trabalham como domésticas e formalizar elas, então fica trabalhando informal recebendo R\$ 200,00 por semana, oh desculpa, se fosse por semana era bom, por mês, aí sim é que eu acho que estão sendo escravizadas.

[...]Todos os dias eu tenho cinco, seis, sete pessoas pedindo trabalho e infelizmente eu tenho a vontade de dar o trabalho, mas eu não tenho como dar o trabalho, pois eu vou precisar pagar, e o mercado não está tão bom devido as taxas, devido as leis que ficam criando em relação ao tabaco, que estão prejudicando.

2 E essa mão de obra desempregada faz o que hoje ... ?

[...]E aí tem que dar o tempo necessário para ela retornar? Fica um tempo trabalhando, um tempo parada...

[...]Enquanto isso outras vem e vão trabalhar, então estas firmas estão sendo até muito amigo. Né? Porque tem umas mulheres lá que tem muitos anos e tem outras que é poucos meses que ela trabalha durante o ano.

[...]Ainda assim não abarca todas elas. Ainda assim tem muitas desempregadas. Muitas..

3 A atual política governamental desestimula a produção local de charutos...

[...]Mandar para o exterior para ser beneficiada, mas agora eu já estou sabendo que a Danco estava levando o fumo para o exterior e sendo beneficiado lá, é na Indonésia, mas eu soube que o trabalho lá não foi como o daqui, ai já tá voltando, então vai gerar mais emprego.... Deus ajude... Deus ajude que gere mais emprego. Então como eu estava falando sobre o charuto, devido as bitolas ficou insuportável para os patrões, então eles diminuíram o número de operárias, e essas operárias graças a Deus elas tem conseguido ... para o beneficiamento do fumo, umas estão empregadas já e outras estão fazendo em casa, eu descobri uma que nem sabia né, ai eu descobri uma que ... e daqui pra frente deve melhorar um pouquinho.

[...]Incentivo do governo, redução dessa taxa que é específica do tabaco. Você vê quando diminuíram o IPI na linha branca, que é móveis e eletrodomésticos, aumentaram de bebida e tabaco. Então a gente tá pagando a conta do país. Tá sofrendo aí, tem gente aí que tá desempregada, passando fome e o governo não vê.

4 Ainda que se produzissem mais charutos, teriam compradores, clientes?

[...]Tenho, o mercado na verdade se a gente conseguisse ter um preço competitivo com o que é produzido fora, nós teríamos condições de entrar em muitos países, entrar com uma produção muito alta e gerar emprego como fazíamos no passado.

[...]se o que fosse diminuído de imposto fosse repassado para os funcionários melhor que a gente ia ter mais funcionário, ia ter uma qualidade de vida melhor, ia ganhar bem, ia gerar mais emprego, pois eles iam gastar este dinheiro na cidade, isso melhora o comércio, isso porque a gente tá falando de emprego direto, mas também tem os indiretos. Então, eu acredito se o governo olhar um pouquinho pelo nosso setor, a gente ainda pode conseguir melhorar muita coisa nessa região principalmente.

5 E essas fábricas maiores que exportam, na verdade, a folha. Há perspectiva de produzir ou só se acontecer essa ?

[...]O que a gente sabe é que a grande maioria dessas empresas hoje ela está produzindo no Brasil, plantando, mas ela tá beneficiando, que é onde gera emprego, ela tá beneficiando fora do país exatamente pelo custo menor da mão de obra. O salário de uma pessoa aqui paga cinco pessoas em outros países que eles procuraram para produzir, Indonésia, Honduras, ...

[...]Na verdade lá eles são, nem posso falar como é a política de lá, mas acredito que eles são escravizados, pelo valor de

[...]Eu acredito no seguinte, uma coisa que está prejudicando muito, e prejudicou muito o setor da fábrica de charutos, da indústria do fumo que é a fabricação do charuto, é a lei da ANVISA, ela tirou muitos pequenos fabricantes do mercado, porque ela exige um laudo, onde esse laudo não é feito nem no país, pra fazer o laudo pra fazer charuto tem que ser feito fora do país, porque o país não está preparado pra fazer a análise de todas as substâncias que a ANVISA quer. Então isso se torna caro, o laudo é anual,

eles querem o laudo por bitola, não quer nem por marca, aí depois que você dá o dinheiro, aí ele diz que aquilo você pode fumar, quer dizer tem que pagar pra eles dizerem que pode fumar se não pode, não pode, se pode, pode.

[...]Jaqui no Recôncavo, quais estão produzindo o charuto são a MR, a São Francisco, a Tabaco Nordeste, que Rosival que está lá em Mangabeira, a Leite Alves que está em Cachoeira, a Dannemann que está em São Félix, tem a Menendes em São Gonçalo e aqui nós temos a de Pedro, o de Otamir, e... essas poucas. Todas pequenas.

6 Que poderia chegar então se houvesse uma cooperativa elas trabalhando elas teriam algum desconto maior.

[...]Teria sim, teriam que ter todos os laudos, sim, a ANVISA cobra. E eu até acho justo que tenha, mas não seja esse valor exorbitante e nem da forma que é cobrado. Porque precisa de um laudo pra dizer que você pode ou não pode consumir aquilo, mas que não fosse cobrado tão caro. Pra você ter uma idéia, uma empresa a menor que possa ser, que vai ter 1 ou 2 funcionários, vai ter que pagar R\$ 5.000,00 por ano por bitola. Se tiver cinco bitola tem que ser R\$ 25.000,00 por ano. Só do laudo, não, só da taxa, o laudo fica em torno de US\$ 3.000,00 dólar que tem que ser feito fora do país.

[...]Veja só, como é que pode uma empresa pequena que tem vamos botar 5 funcionários, eu to falando de uma empresa, que se tivesse essa condição, nós teríamos 100, 150 empresas cada uma com 5 funcionários, ia gerar não sei quantos empregos, se tivesse a taxa da ANVISA, pelo menos a taxa da ANVISA, reduzida ou se ela não fosse aplicada pra empresa de pequeno porte como eu to falando, nós teríamos aí já resolvido uma boa parte dos problemas dessas mulheres que estão desempregadas, porque ia gerar emprego, porque o mercado está lá, tem. E o lojista não compra, porque se o fiscal chegar na loja dele e tiver com produto irregular, vai autuar ele, vai multar ele, então o cara não quer ter problema, quer andar certo

7 Dificuldades encontradas hoje para produzir mais charutos, demandar mais empregos.

[...]É bem complexo. O custo se torna muito alto. Porque o que a gente vê é que tem uma mão de obra qualificada para a produção do charuto, qualificada em termos do fazer, não é? Elas realmente sabem fazer. Então se existissem mais pequenas empresas ou houvesse mais incentivo, com certeza traria empregos para estas pessoas. Elas

poderiam se organizar, pois é muita gente, porque a pobreza está instalada, a gente vê na própria condição social dentro da cidade, né?

[...]Sem dúvida, hoje é, toda essa região no passado era plantação de fumo, o fumo no passado representou tanto pro país que no símbolo nacional, tem um pé de fumo e um pé de café, então hoje você está quase impedido de produzir o fumo e o que eu acho é o seguinte, tudo faz mal, se você for ver direitinho tudo faz mal, farinha, sal faz mal, açúcar faz mal,.... álcool faz mal...

[...]E o charuto também pode fazer mal, mas o que eu quero dizer é que gera muito emprego aqui na região, e essa região aqui é o único lugar no país, é o único lugar no Brasil que dá fumo para charuto. Que tem fumo de qualidade para charuto. Eu posso até me arriscar a dizer que é o único lugar no mundo que dá o fumo com a qualidade do nosso Mata Fina.

8 As perspectivas do mercado Chinês, com relação a expansão de pequenas e médias empresas produtoras de charutos

[...] O mercado chinês é propaganda enganosa

[...] É, com relação a essa conversa toda, essa onda que vem da China que quer comprar, nós conseguimos tudo, nós podemos produzir o tabaco e até mandar pra China, só que é aí que eu entro com a questão, a questão é a seguinte, a China quer comprar o fumo barato, a China não quer comprar o fumo bom, a China quer comprar o fumo barato, e esse fumo barato é onde você vai escravizar o lavrador pra produzir o fumo barato que a China quer comprar, ...

[...] Então eles vão produzir lá, não, eles querem produzir aqui por causa do know how da mão de obra....Não, eles querem comprar o tabaco, eles querem comprar o fumo aqui e vai produzir na China por causa da questão de salário. Quem vai produzir na China, é eles, com máquinas e

[...]O nosso é artesanal. E depois esse charuto vem da China e vai entrar no Brasil com entra outros produtos, a gente sabe que as indústrias no Brasil pode ter... pode ter não, tem algumas[...]

[...]o protocolo não é também para a produção de charuto, não.

Não, o protocolo é porque existe uma praga na lavoura do fumo, que é o mofo azul. E em alguns países essa praga destrói a lavoura, e é um problema, e a gente não podia vender porque não tinha essa, essa.... não me lembro agora. É não existia um laudo que certificasse que nós estávamos isento do mofo azul, ... Conseguimos esse laudo, conseguimos resolver esse problema, mas é pra plantação de fumo, só plantação de fumo, não é pra charuto.

9 Perguntados sobre as notícias veiculadas que os chineses iam incentivar a produção do charuto aqui, pra eles levarem o charuto daqui, da qualidade que tem do nosso pra lá, por isso eu fiquei mais esperançosa, vai abrir mais empresas, reativar

[...]Não tenho conhecimento disso, e acho muito difícil que isso venha ocorrer, exatamente pelo que eu já falei antes, lá ele consegue produzir com um custo menor que a gente aqui, então ele não teria interesse.

[...] Agora a matéria prima lá ele não tem. Então a matéria prima de qualidade igual quem tem somos nós, e tá aqui no Recôncavo Baiano.

10 Sobre as vantagens competitivas do Recôncavo da Bahia para serem exploradas pela cooperativa de charuteiras.

[...] Não tem outro lugar que produza fumo bom pra charuto. Só aqui no Recôncavo Baiano. Por esse motivo que ficou tudo concentrado nessa região, toda produção de charuto no Brasil, charuto Premium, de qualidade, tá aqui na região do Recôncavo. Existe até outras fábricas em São Paulo, em outro lugar que faz charuto, mas a matéria prima é a nossa aqui, da nossa região. É o fator climático que favorece muito a essa variedade de tabaco que a gente tem.

[...] O mercado tá lá fora e é grande e não tem quem possa abastecer ele, se o Brasil produzisse como vinha produzindo, não ia suprir o mercado de charuto no mundo. O grande problema nosso é que a gente não tem preço pra botar charuto fora do país, porque tem a República Dominicana produtor de charuto com um custo menor, Cuba produz charuto com um custo menor, e outros países que conseguem produzir charuto com custo menor, então quando nós chegamos com o nosso charuto nós não temos preço competitivo, o nosso charuto fica caro.

11 Opinião de um proprietário de uma pequena fábrica, quanto à situação do setor fumageiro, em especial a fabricação de charutos.

[...] Eu vejo o seguinte, nós nunca mais vamos ver aquela produção que tivemos no passado, que empregava aquela quantidade de mulheres, que era mais mão de obra feminina. E é lamentável que isso venha a acontecer, porque tem pessoas que numa região com essa que só fazem isso, umas ficou desempregadas e não tem outra oportunidade. A gente tem a bolsa família que vem aliviando a situação de algumas, mas isso não resolve o problema.

[...] mas a esperança da gente é que as autoridades acordem e vejam isso e deem pelo menos um incentivo para que a gente possa produzir, uma vez que o charuto ele é prejudicial, mas não é tanto quanto o cigarro, e no Brasil o charuto é consumido pouco, mais fora do país. A gente espera que aconteça um milagre aí e venha produzir como produzia no passado.

12 Organizar uma cooperativa só de charuteiras, para as que estão desempregadas. Por que estas que estão em casa elas não se organizam, para desenvolver um trabalho?

[...] se tivesse um espaço que pudessem produzir, ainda que subsidiadas, o próprio charuto em si... Eu acredito que se tivesse isso seria uma boa, mas acontece que se mandar o charuto para o comércio, eles cortam, vai ter que ter todo o processo de registro, receita federal, esse negócio todo, CNPJ, e aí quem vai fazer esse negócio todo para elas? Vai investir para poder elas trabalhar. Mas é difícil, você ver que tem a fábrica, eles não tão investindo assim, ele já tá no comércio.

[...] Não, não porque o importante pra elas é trabalhar dentro da firma pra elas ter a carteira apontada, as obrigações sociais em dias e se elas fizer isso como tem uma cooperativa aí que eu já denunciei também, essa cooperativa terceirizou o trabalho de uma firma e o que tá acontecendo, esse pessoal tá indo pra lá trabalhar eles descontam o INSS, mas não repassa, ela recebe menos do INSS sem carteira apontada, sem FGTS, sem ter direito a seguro desemprego, sem ter direito a férias, sem ter direito a nada, por isso elas não se organizam, e não adianta o sindicato fazer uma cooperativa porque é prejuízo pra elas, entendeu?..

13 **Aí seria a ideia de pequenos núcleos onde elas produzissem e também tivesse um local onde elas oferecessem o charuto já pronto para o mercado. E elas hoje têm consciência que o charuto da Bahia tem qualidade e que é reconhecido lá fora?**

[...] Elas tem sim, pois elas trabalham com perfeição, trabalham com o charuto bem confeccionado, com qualidade.

[...] Hoje se hoje o governo trouxesse uma fábrica de suco, o que é que eles iam fazer? Pedir currículo, né isso? Elas não tem currículo, tem currículo do armazém, não iam colocar elas, mas se abrisse uma fábrica de charuto, elas tinham currículo, tinham não, elas tem. Muita competência, prática... Tem tudo. Porque o charuto para fazer ele tem que a pessoa ter habilidade, a pessoa saber fazer, lidar com a capa, como enrolar o charuto, como preencher o charuto, a quantidade certa. Então, se abrisse uma fábrica de charuto era uma boa.

14 **Não só uma fábrica, mas se elas reunidas como uma fabriqueta, (D. Josenita - que fosse uma cooperativa) que a produção fosse direcionada a alguém que desse o destino a estes charutos, onde elas pudessem ter o retorno, elas empreendendo?**

[...] Mas o charuto daqui é exportado pra lá fora, ele não fica aqui. Então tinha que ter pessoas que saíssem daqui para o exterior,.... outro dia teve um seminário, um congresso lá na Argentina, eu não pude ir, fui convidada, ... seria bom porque seria bom, porque a gente ia tomar conhecimento lá fora pra onde exportar este charuto.

[...] Ela só não faz charuto, porque estas firmas aí, a Fumex, a Danco, a Ermor, ... elas trabalha com o beneficiamento do fumo, quer dizer do prantio ao beneficiamento e aí vem as firmas de charuto que muitas compram o fumo deles, ... do prantio vai para o armazém e as mulheres fazem o beneficiamento, separar né, as melhores, as mais inferior e aí eles exportam em fardos e eles vendem praqui 5%, 10%, 20% da produção pra essas firmas de charuto. Aí é onde elas vão trabalhar com charuto, já é outra área. Mas a firma que trabalha o beneficiamento do fumo, ela não fabrica o charuto, agora tem uns três meses que a Ermor me pediu cinco charuteira, eu saí, procurei, procurei e consegui, e eles estão fabricando charuto lá, mas eu acredito que sejam mais para amostra.

15 Mas se elas próprias se estruturassem numa outra condição, através de órgãos, através de políticas públicas, não despertaria o interesse de criar núcleos domésticos?

[...] Eu acredito que os próprios políticos não vão querer, você entendeu? Devido à perseguição que está no fumo, político nenhum vai se meter, ... eu sou um membro da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Tabaco, a gente se reúne todo ..., agora dia 28 março a gente tem uma reunião lá em Brasília, antes ia a ANVISA, o Ministro da Saúde, vários políticos ia, mas hoje tem o convite mas eles não estão indo, a Receita Federal ... vai assim a Receita Federal tá indo ... mas muito político mesmo pra ele se comprometer pra melhorar a situação da área fumageira, eles não querem se comprometer, por que,...

Conclui-se que a abordagem desta pesquisa onde especificamente descreveram-se pressupostos inerentes à visão dominante por parte dos empresários sobre a competitividade nas cadeias produtiva de fumo e do setor industrial de charutos, advém dos onerados níveis de impostos e restrições legais inadequados e desestimulantes, mesmo comparados *vis a vis* com outras áreas produtoras mundiais. Em consequência, foram relatadas várias distorções que geram o desemprego, falências e interdita a vocação de desenvolvimento que seu potencial se qualifica. A inserção da mão de obra feminina, especificamente a de charuteiras foi abordada com base em estudos sobre seu papel histórico e social, na fabricação do inigualável charutos e seu papel como dona de casa; descrevendo a atual situação da mão de obra feminina de charuteiras, bem como a exposição da visão dominante por parte das charuteiras em termos das necessidades/ dificuldades relativas ao empreendedorismo por parte das mulheres quanto à formação de micro e pequenas empresas de charutos artesanais, e a abordagem dos estímulos e subsídios governamentais necessitados para compensatoriamente recompor a charuteira quanto à dívida social.

Enfim, as manifestações apresentadas sugerem um empoderamento através de políticas públicas ética, econômica, cultural e socialmente desejáveis que alcançassem as práticas e atitudes cotidianas das charuteiras e de mulheres dos meios populares, suas relações com as pessoas do convívio familiar, com os grupos de trabalho e com a sociedade.

Tais políticas foram sugeridas em nível do mais alto fórum, a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Tabaco, onde a mulher mais empoderada do Recôncavo, **D. Josenita Souza Salomão** é membro da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do

Tabaco, em Brasília. Lá pode se proporcionar o ordenamento de trabalhos, organizando, sistematizando e racionalizando as ações e objetivos estabelecidos pela Câmara Setorial, com uma visão de futuro. A estruturação de uma Agenda de trabalho da Cadeia Produtiva, voltada para as Charuteiras proporcionaria condições de ampliar as discussões além das questões pontuais do dia a dia da Cadeia, nas chamadas questões conjunturais, caso do cooperativismo das charuteiras, como permitir pensar no seu futuro, construir planos e projetos de médio e longo prazo que permitam o resgate destas mulheres, com competitividade e sustentabilidade, sem esquecer as condições estruturais da cadeia de fumo no Recôncavo.

Seguramente não faltariam, na Câmara, apoio de membros, entre outros, além de: Associação Nacional de Pequenos Agricultores ó ANPA; Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural ó ASBRAER; Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentos e Afins ó CNTA; Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura - CONTAG; Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul ó CUTFETRAF-SUL/CUT; Ministério da Agricultura/Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo - MAPA/SDC; Ministério da Agricultura/Secretaria de Política Agrícola - MAPA /SPA; Ministério do Desenvolvimento Agrário ó MDA; Sindicato da Indústria do Tabaco do Estado da Bahia - SINDTABACO/BA; Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Fumo e Alimentação de Cruz das Almas/BA ó SINTIFA.

Envolver organizações que apoiem e elaborem projetos, a exemplo da EMBRAPA, UFRB, SEBRAE, EBDA, Banco do Brasil, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Superintendência da Agricultura, SFA-BA, Secretaria da Agricultura e Reforma Agrária, Governo do Estado da Bahia; tendo o apoio da ADAB; Prefeitura Municipal de Cruz das Almas, Câmara de Vereadores de Cruz das Almas, SINDITABACO/BA; FUMEX Tabacalera, DANCO, ERMOR Tabarama; TABANOR; DANNEMANN; CAPA entre outras.

Para finalizar retoma-se o fio condutor que permeou esta dissertação que, de modo geral, foi pensar o empoderamento das charuteiras desempregadas, sem alternativas, com a proposta de criação de uma cooperativa de charutos, onde elas mesmas possuam e desenvolvam novas relações sociais tecidas no âmbito do trabalho da economia solidária no Recôncavo Baiano. Empoderar significa õrebeldiaõ, questionar os lugares e espaços historicamente ocupados pelas charuteiras. Pensar como e quanto às diferenças entre os sexo/gênero foram negadas, ao mesmo tempo em que

foram exploradas no/pelo trabalho, com prejuízos para as mulheres. Isso se chama compensação em Políticas Públicas de inclusão social.

REFERÊNCIAS

- AFUBRA. Associação dos Fumicultores do Brasil. 2011. Disponível em <<http://www.afubra.com.br>>. Acesso em: 28 jan.2012
- Anuário brasileiro do tabaco 2010** / Daiani da Silveira [et al.]. ó Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2010. p.160: il.
- BA, Amadou Hampaté. **A tradição viva**. In: História Geral da África. Vol.I (coordenado por Joseph KI-ZEBRO): Metodologia e pré-história da África. Trad. De Beatriz Turqueti ET alli. São Paulo: Ática; [Paris]: Unesco, 1982, p. 181-218.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- BANDEIRA, Lourdes. **Fortalecimento da Secretaria de Políticas para Mulheres: avançar na transversalidade de gênero nas políticas públicas**. Brasília. CEPAL, SPM, 2005
- BIANCHI, Leonardo. Recôncavo Baiano - O "Terroir" do charuto brasileiro. 2010. <<http://reflexoesgastronomicas.blogspot.com.br/2010/03/reconcavo-baiano-o-terroir-do-charuto.html>> Acesso em: 15 mar. 2012
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BORBA, Silza Fraga Costa. **Industrialização e Exportação de Fumos da Bahia de 1870 a 1930**. (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas ó UFBA) Salvador (BA): 1975, vol. 2, p. 12.
- BRANDÃO, Maria de Azevedo. Cidade e Recôncavo da Bahia. In BRANDÃO Maria de Azevedo (org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador (Ba): Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.
- BRANDÃO, Isis Gomes .**O Trabalho Das Mulheres Charuteiras Em Cachoeira Bahia: Uma Analise Historica Da Construção Identitaria E Economica Do Municipio**. Simpósio Temático õCultura, Identidade e Diversidade Culturalö. Universidade Federal Do Recôncavo Da Bahia, 2012.
- BRASIL, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria Executiva. ó Brasília: Mapa/ ACS, 2011. 43p. (**Agenda Estratégica ó Tabaco - 2010 ó 2015**).
- CARVALHO JÚNIOR, Luiz Carlos de; BINOTTO, Paula Alexandra; PEREIRA, João Gustavo de S. **A cultura do fumo**. Disponível em: http://www.labsad.ufsc.br/estudos_economia_SC/Trabalhos%20sobre%20economia%20catarinense/0%20Sintese%20master%20plan/4.2%20CPR%20Fumo.pdf 2005 >. Acesso em: 12 mar.2010.
- CASTRO, Anfilófilo de. **Muritiba: sua história e seus fados 1559 - 1941**. Digressões - Notas à Bahia. Bahia: Tipografia Naval, 1941.
- CÉSAR, Elieser. O Império do Tabaco. **Correio da Bahia**. Salvador (Ba): jornal diário, 2000, p. 06.

- COHEN, Ernesto; FRANCO, Rolando. **Avaliação de projetos sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994
- CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. **Relatos de experiência e investigação narrativa**. In: LARROSA, Jorge ET AL. *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995. P. 15-59.
- COUTINHO, Clara. **Técnicas de recolha de dados**. Disponível em: <<http://claracoutinho.wikispaces.com/t%c3%a9cnicas+de+recolhas+de+dados>> Acesso em: 08/04/2012.
- COVOLAN, Heloisa - **A Mulher Empreendedora Na Sociedade Contemporânea**. Curitiba, 12.Maio.2011.
- CRUZ, Tania Cristina da Silva. **"Qual é o teu trabalho, mulher?"** Mulheres Empreendedoras no contexto da Economia Popular Solidária. Tese de doutorado em Sociologia, Universidade de Brasília, Julho de 2006.
- DATAMARK ó Encolhe a produção de charutos na Bahia. Ago, 2012. Disponível em: <http://www.datamark.com.br/noticias/2012/8/encolhe-a-producao-de-charutos-na-bahia-131872/> Acesso em: 10 set.2012.
- DANNEMANN. Site da Empresa . Disponível em <http://www.dannemannsa.com.br>. Acesso em 10 jul./2012.
- DEMO, P., **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Ed Atlas, 1985.
- FRIEDMANN, J. **Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo**. Celta: Oeiras, 1996.
- GOHN, Maria da Glória. **O Protagonismo da Sociedade Civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**. 2ªed. SP: Cortez, 2008.
- GROSSI, Patrícia Krieger. **Políticas Públicas e Promoção da Igualdade de Gênero e de Raça**. Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul Pucrs. Faculdade De Serviço Social, 22/03/2011
- HAMMOND, R. Industry watch ó consolidation in the tobacco industry. *Tobacco Control*, nº 7, 1998, p. 426-428. <<http://tc.bmjournals.com/>>. Acesso em: 24 fev.2006.
- JODELET, D. (1989). **Representation Sociale: um domaine en expansion**. Em D. Jodelet (Org.), *Les Représentations Sociales*, Paris, P.U.F., p.31-61
- KONZEN, Otto Guilherme; ROHR, Ernani João. Produção de fumo em folha no Brasil e substituição potencial do fumo por outras culturas. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, Fortaleza, 1988. Anais ... Fortaleza: SOBER, 1988. V.1, p.318-354
- LAVILLE,Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Porto Alegre: ARtmed, 1999.
- LADEIRA, Rodrigo; IGLESIAS, Patrícia. **Internacionalização do Charuto Baiano: Estratégias e Posicionamento do Produto**, 2002.

LÉON, Magdalena. Empoderamiento: relaciones de las mujeres com el poder. **Revista de Estudos feministas**. Vol. 8, n.º 2, pp. 191-206, 2º. Semestre, 2000.

LE REVEREND, Julio. **História Econômica de Cuba**. La Habana: Ed. de Ciencias Sociales, 1985.

LIMA, Neyse Cunha. **Charutos mais famosos do Brasil podem desaparecer**. Gazeta Mercantil, 21/03/2000, p. 11

LIMA, Neyse Cunha. **Em busca de uma tradição**. Gazeta Mercantil, 28/04/2000, p. 6 Fim de Semana.

LISBOA, Teresa Kleba. **O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais**. Fazendo Gênero 8 ó Corpo, Violência e Poder ó UFSC ó Florianópolis, Ago 2008.

LUDKE, Menga; ANDRE, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO FILHO, R.; REGINO, F. A. **O empoderamento de mulheres do sertão: uma experiência de associativismo e desenvolvimento grupal**. Disponível em: www.rimisp.org/getdoc.php?docid=6513 Acesso em 13 dez. 2012

MESQUITA, A.; OLIVEIRA J. **A cultura do fumo na Bahia da excelência à decadência**. 2003. Disponível em http://www.seagri.ba.gov.br/fumo_final.doc. Acesso em 15 mar. 2012.

MENEGHEL, Stella. **Rotas Críticas II: Ferramentas para Trabalhar com a Violência de Gênero**. Santa Cruz: EDUNUSC, 2009

MENENDEZ Amerino investe R\$ 2 milhões no Estado. **Correio da Bahia**, 26/09/2000.

MENENDEZ MENENDEZ fabrica três milhões de cigarrilhas por mês. Gazeta Mercantil, RG/Nordeste, 30/09/1999.

MERRIAM. S. **Qualitative reserach and case study applications in education**. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.

MINAYO, M.C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 9. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998

MOSCOVICI, S. & Farr, R. **Social Representations**. Cambridge: University Press, 1984

MOURA, Giedre - **Segredo das mãos** - Revista do Brasil - Edição 19 - publicado em 01/11/2007 ó Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/19/segredo-das-maos>. Acesso em: 03 mar.2012.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. **Memórias da Federação das Indústrias do Estado da Bahia**. Salvador: FIEB, 1997, p. 35.

NARDI, Jean Baptiste. **A história do fumo brasileiro**. Rio de Janeiro: ABIFUMO, 1985. 40p.

NARDI, Jean Baptiste. **O fumo brasileiro no período colonial**: lavoura, comércio e administração. São Paulo: Brasiliense, 1996. 432p. ISBN 851113117-5.

PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres Trabalhadoras**: Presença Feminina na Constituição do Sistema Fabril. (Tese de doutorado em Ciências Sociais - USP). São Paulo: 1980.

PINTO, L. A. Costa. Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana. In BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade economia em transição**. Salvador (Ba): Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.

RAMACIOTI, Ivana. **Economia do recôncavo será recuperada com geração de empregos e renda**. Ascom Adab/ Segari. Jornal Gazzeta do Recôncavo, 19/ 08/ 2012. Disponível em: < http://jornal-gazzeta.blogspot.com.br/2012_08_01_archive.html> Acesso em: 03 set.2012

SANTOS, Isis Flora. **Narrativas: as falas da experiência - colaboração para a formação de professores no mundo lusófono**. Revista ACOALFA plp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 4, n. 7, 2009. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. Acessado em: 03 set.2012.

SANTOS, Milton. A Rede Urbana do Recôncavo In BRANDÃO. Maria de Azevedo (org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador (Ba): Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.

SEAGRI ó Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária. 2011. **Bahia vai exportar charutos para a China**. <http://www.seagri.ba.gov.br/bahia_vai_exportar_charutos_para_China.pdf> Acesso em: 29 ago.2012

SILVA, Elizabete R.. **As Mulheres no Trabalho e o Trabalho das Mulheres: Um Estudo Sobre As Mulheres Fumageiras Do Recôncavo Baiano**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, da Universidade Federal da Bahia, 2011.

SILVA, Elizabete R.. **Fazer charutos: uma atividade feminina**. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado de História da Faculdade de Filosofia de Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2001.

SILVA, Elizabete R. **Trabalho Invisível e Relações de Gênero**, Historien: Revista de História. Publicada em Jan/ 2010.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da; DORNELLES, Mizael; **Mercado Mundial de Tabaco, Concentração de Capital e Organização Espacial**. Notas Introdutórias para uma Geografia do Tabaco. *Cuadernos Críticos de Geografía Humana*. Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98 .Vol. XIV, núm. 338, 10 de outubro de 2010. STANDARD COMMERCIAL CORPORATION. *Annual report 2003*. Disponível em: <http://mba.wm.edu/pdf/standard_commercial_corporation.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2012.

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação: 1ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1987.

VALOR ECONÔMICO - Para importador, vilão do setor é o contrabando ó
Publicado em 03/09/2012 ó Disponível em:
<<http://www.valor.com.br/empresas/2814174/para-importador-vilao-do-setor-e-o-contrabando#ixzz2GyeTg2rs>> Acesso em: 15 ago.2012.

World Economic Forum ó Annual Report 2004/ 2005 ó Disponível em: <
<http://www.weforum.org> > Acesso em: 13 out.2011.

Charutos - Matéria publicada na edição 129 / Julho 2003 ó Disponível em:
<<http://www2.uol.com.br/gula/charutos/index.shtml>> - acesso em: 10 abr. 2012



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
 Superintendência Federal de Agricultura – SFA/BA
 Departamento de Sanidade Vegetal



Reunião 09 de Maio de 2011 na SFA-BA – Missão Chinesa no Brasil / Meeting 09 May 2011 at SFA-BA – Chinese Delegation's visit to Bahia and Alagoas

Lista de Presença / Attendance List

Nome/Name	Orgão/Agency Departamento/ Department	Telefone/Phone	E-mail	Assinatura/Signature
1. <i>Julio Roberto Lopes</i>	MAPA SFA-BA	(71) 3241-4084	<i>lopes.julio@mapa.gov.br</i>	<i>Julio Roberto Lopes</i>
2. <i>Rogério de Jesus</i>	MAPA-SSV	(71) 3241-2420	<i>rogerio@mapa.gov.br</i>	<i>Rogério de Jesus</i>
3. <i>Hilton Leuzense/Leuz</i>	EMOZ	95 33121500	<i>h.leuzense@emoz.gov.br</i>	<i>Hilton Leuzense</i>
4. <i>Suena Ramacost</i>	ADAB	71 316 5161	<i>suena@adab.ba.gov.br</i>	<i>Suena Ramacost</i>
5. <i>Antonio S. Nogueira</i>	ADAB/ES	45 3623 4148	<i>antonio.nogueira@adab.ba.gov.br</i>	<i>Antonio S. Nogueira</i>
6. <i>Luciana Xavier de Brito Brianti</i>	Mestranda UFRB	71 99222222	<i>luciana@ufrb.edu.br</i>	<i>Luciana Xavier de Brito Brianti</i>
7. <i>Isidoro de La Gomera</i>	E. dos Bios SIFAC/PA	(95) 31570658	<i>isidoro@sigfac.pa.gov.br</i>	<i>Isidoro de La Gomera</i>
8. <i>Osvaldo Tourel Strass</i>	CONIC CUNIC	(51) 8199-9211	<i>osvaldo@conic.gov.br</i>	<i>Osvaldo Tourel Strass</i>
9. <i>Carolina Azevedo</i>	UFRB	(71) 3145-9951	<i>carolina@ufrb.edu.br</i>	<i>Carolina Azevedo</i>
10. <i>Carlos Daniel Seifert</i>	DANCO	(51) 8101-0105	<i>carlos@danco.com.br</i>	<i>Carlos Daniel Seifert</i>
11. <i>Fabiana Souza Salgado</i>	Sindicato Sindicato	75 36919399	<i>fabiana@koinon.com.br</i>	<i>Fabiana Souza Salgado</i>

PROGRAMAÇÃO

— Domingo 08/05 —

- 09h Chegada voo China (Recepção Oficial MAPA - DSV e ADAB, SEAGRI e SFA-BA)
19h Jantar - Hotel Salvador

— Segunda 09/05 —

- 09h 2 apresentações MAPA/SSA
12h Almoço - Restaurante Sal e Brasa
14h Translado (Cruz das Almas)
16h Visitação a Exportadora FUMEX (Processamento - Feira de Santana)
18h Recepção - Prefeitura Municipal de Cruz das Almas
19h Jantar - Prefeitura Municipal de Cruz das Almas
Hotel Flamboyant - Cruz das Almas

— Terça 10/05 —

- 08h Visitação a Exportadora DANCO (Governador Mangabeira)
10h Visitação a Fábrica Dannemann (São Félix)
12h Almoço - Fazenda Santo Antônio (Danco)
14h Visitação Exportadora ERMOR Tabarama (Cruz das Almas)
16h Visitação a Exportadora Tabanor (Cruz das Almas)
19h Jantar - Restaurante Absinto
Hotel Flamboyant - Cruz das Almas

— Quarta 11/05 —

- 08h Visitação a Exportadora FUMEX - Plantio campo (Cruz das Almas)
10h Visitação a Exportadora ERMOR- Plantio campo (Cruz das Almas)
12h Almoço - Restaurante Nossa Casa (Cruz das Almas)
14h Visitação ao Laboratório EMBRAPA (Cruz das Almas)
16h Visitação ao Laboratório UFRB (Cruz das Almas)
19:30h Show Folclórico Casa da Cultura (Cruz das Almas)
Jantar - Prefeitura de Cruz das Almas
Hotel Flamboyant - Cruz das Almas

— Quinta 12/05 —

- 08h Visitação a Empresa DANCO (Cruz das Almas)
09:30h Reunião EMBRAPA (Cruz das Almas)
12h Almoço - Restaurante Fornoalha (Cruz das Almas)
14h Translado Salvador
21:05h Voo Maceió (jj3152)
22h Chegada no Hotel Maceió - Maceió Atlantic
22:30h Jantar - Hotel Maceió Atlantic

— Sexta 13/05 —

- 08h Translado para Arapiraca
10h Visitação a Exportadora DANCO (Arapiraca)
11h Visitação a Empresa CAPA (Arapiraca)
12h Almoço - Restaurante Porto Pirá
14h Visitação a Exportadora ERMOR (Arapiraca)
16h Visitação a Exportadora TABANOR (Arapiraca)
18h Jantar - ERMOR (Lagoa da Canoa)
19h Hotel Varandas

— Sábado 14/05 —

- 08h Translado Maceió - Hotel Maceió Atlantic

— Domingo 15/05 —

- 13:40h Voo Maceió - São Paulo - Beijing (jj3193)

PROGRAMMING

— Sunday 05/08 —

- 9 a.m. China flight arrival (Official Reception MAPA - DSV and ADAB, SEAGRI and SFA-BA)
7 p.m. Dinner - Hotel Salvador

— Monday 05/09 —

- 9 a.m. 2 presentations MAPA/SSA
12 p.m. Lunch - Restaurant Sal Brasa
2 p.m. Transfer (Cruz das Almas)
4 p.m. Visit to Exporter FUMEX (Processing - Feira de Santana)
6 p.m. Reception
7 p.m. Dinner - Cruz das Almas Municipal City Hall
Hotel Flamboyant - Cruz das Almas

— Tuesday 05/10 —

- 8 a.m. Visit to Exporter DANCO (Governador Mangabeira)
10 a.m. Visit to Factory Dannemann (São Félix)
12 p.m. Lunch - Farm Santo Antônio (Danco)
2 p.m. Visit to Exporter ERMOR Tabarama (Cruz das Almas)
4 p.m. Visit to Exporter Tabanor (Cruz das Almas)
7 p.m. Dinner - Restaurant Absinto
Hotel Flamboyant - Cruz das Almas

— Wednesday 05/11 —

- 8 a.m. Visit to Exporter FUMEX - Plantio campo (Cruz das Almas)
10 a.m. Visit to Exporter ERMOR- Plantio campo (Cruz das Almas)
12 p.m. Lunch - Restaurant Nossa Casa (Cruz das Almas)
2 p.m. Visit to EMBRAPA Laboratory (Cruz das Almas)
4 p.m. Visit to UFRB Laboratory (Cruz das Almas)
7:30 p.m. Folkloric Show "Casa da Cultura" (Cruz das Almas)
Dinner - Cruz das Almas Municipal City Hall
Hotel Flamboyant - Cruz das Almas

— Thursday 05/12 —

- 8 a.m. Visit to Exporter DANCO (Cruz das Almas)
9:30 a.m. EMBRAPA meeting (Cruz das Almas)
12 p.m. Lunch - Restaurant Fornoalha (Cruz das Almas)
2 p.m. Transfer Salvador
9:05 p.m. Maceió Flight (jj3152)
10 p.m. Hotel Maceió arrival
10:30 p.m. Dinner - Hotel

— Friday 05/13 —

- 8 a.m. Transfer Arapiraca
10 a.m. Visit to Exporter DANCO (Arapiraca)
11 a.m. Visit to Company CAPA (Arapiraca)
12 p.m. Lunch - Restaurant Porto Pirá
2 p.m. Visit to Exporter ERMOR (Arapiraca)
4 p.m. Visit to Exporter TABANOR (Arapiraca)
6 p.m. Dinner - ERMOR (Lagoa da Canoa)
7 p.m. Hotel Varandas

— Saturday 05/14 —

- 8 a.m. Transfer Maceió - Hotel Maceió Atlantic

— Sunday 05/15 —

- 1:40 p.m. Maceió Flight - São Paulo - Beijing (jj3193)

Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento



Superintendência da Agricultura - SFA/BA

SECRETARIA DA
AGRICULTURA, IRRIGAÇÃO
E REFORMA AGRÁRIA



Visita da Comitiva Chinesa à Bahia e Alagoas

*Chinese Delegation's visit
to Bahia and Alagoas*

Apoio

Suportt

Prefeitura Municipal de Cruz das Almas
Câmara de Vereadores Cruz das Almas
SINDITABACO/BA
Universidade Federal do Recôncavo Baiano
FUMEX Tabacalera
DANCO
EMBRAPA
ERMOR Tabarama
TABANOR
Dannemann
CAPA



De 08 a 15 de maio 2011

From 08 to 15 of May 2011